

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PRISCILA DANTAS DA COSTA GARCIA

**RASGANDO O VÉU: CONSERVADORISMO E ANTIFEMINISMO
EM SOROCABA**

SOROCABA

2021

PRISCILA DANTAS DA COSTA GARCIA

**RASGANDO O VÉU: CONSERVADORISMO E ANTIFEMINISMO
EM SOROCABA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Educação, Comunidade e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia.

SOROCABA

2021

PRISCILA DANTAS DA COSTA GARCIA

**RASGANDO O VÉU: CONSERVADORISMO E ANTIFEMINISMO
EM SOROCABA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Educação, Comunidade e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Roberto Vieira Garcia (Orientador)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Profa. Dra. Juliana Perucchi
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

RESUMO

Os antifeminismos podem ser entendidos como oposição aos feminismos e estão relacionados ao conservadorismo, ao fundamentalismo religioso e a crescente expressão eleitoral dos partidos de nova direita no cenário mundial. A presente pesquisa lança mão da análise de conteúdo como método e tem como objetivo principal investigar as articulações dos antifeminismos e o modo com que atores antifeministas se utilizam de estratégias discursivas de modo a invalidar conquistas e ampliação de direitos relacionados às lutas feministas. São utilizadas publicações de páginas em redes sociais relacionadas à nova direita em Sorocaba, no período de 2018 a 2021, considerando que este período é importante na história da construção de uma direita repaginada e da consequente articulação do antifeminismo no Brasil. São levados em consideração as imagens, vídeos e comentários dos perfis afiliados às páginas, tendo em vista as particularidades éticas da pesquisa na Internet. O uso crescente da internet como forma de disseminação do ideário conservador torna importante estudar os cenários virtuais e entender a articulação dos atores dos antifeminismo neste meio. As categorias obtidas na análise categorial de conteúdo foram: a crítica à “ideologia de gênero”, o pânico moral e a tematização da pedofilia e do aborto, a suposta “vagabundagem” de pessoas do campo progressista, a presumida associação de pessoas progressistas com “sujeira”, a ligação de feministas com falta de cuidados estéticos, a conexão de pessoas progressistas com loucura e/ou uso de drogas e a crítica das novas masculinidades. A pesquisa evidenciou o discurso associado a valores religiosos, à dominação masculina e à heterocisnormatividade como atrelado à busca de representatividade eleitoral. Foram reiteradamente utilizadas as estratégia de zombaria e da psicopatologização de modo a falsear discursos feministas e conquistas de direitos relacionados à pautas progressistas.

Palavras-chave: feminismo; gênero; conservadorismo; antifeminismo

ABSTRACT

Antifeminisms can be understood as opposition to feminisms, and they are related to conservatism, religious fundamentalism, and the growing electoral expression of new right parties on the world stage. This research makes use of content analysis as a method and has as its main objective to investigate the articulations of antifeminisms and the way in which antifeminist actors uses of discursive strategies to invalidate achievements and expansion of legal rights related to feminist struggles. Therefore, will be used posts from pages on social networks related to the new right in Sorocaba, from 2018 to 2021, considering that this period is important in the history of the construction of a revamped right and the consequent articulation of antifeminism in Brazil. Images, videos and comments from the profiles affiliated to the pages will be taken into account, bearing in mind the ethical particularities of Internet research. The growing use of the internet as a way of disseminating conservative ideas makes it important to study virtual scenarios and understand the articulation of antifeminist actors in this vehicle. In the data's analysis obtained from the field, we could apprehend the existence of the following categories: criticism of "gender ideology", moral panic and broaching pedofilia and abortion, the supposed "vagrancy" of people from the progressive field, the presumed association of progressive people with "dirt", the connection of progressive people with madness or drug use, the critique of new masculinities. The research perceived the discourse associated with religious values, male domination and heterocisnormativity as an appeal for electoral representation. Frequently the mockery and psychopathologization strategies to falsify feminist discourses and rights achievements related to progressive agendas.

Keywords: feminism, gender, conservatism, antifeminism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Doutrinação ideológica	48
Figura 2 – Desqualificação de discurso: maconha	69
Figura 3 - Desqualificação de discurso vinculado ao PT	69
Figura 4 - Desqualificação de discurso feminista: beleza	71
Figura 5 - Desqualificação de discurso feminista: Dinamarca	73
Figura 6 - Padrões estéticos e comportamentais.....	74
Figura 7 - Desqualificação de discursos: charge.....	75
Figura 8 - Dominação e punição	76
Figura 9 - Desqualificação de discurso: Iara Bernardi.....	80
Figura 10 - Modelo de masculinidade: Fiuk	84
Figura 11 - Modelo de masculinidade: Doria	86

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	8
2 - O CRESCIMENTO DO CONSERVADORISMO E DOS ANTIFEMINISMOS.....	11
3 - O CONTEXTO LOCAL	18
4 - FEMINISMOS: NO PLURAL	25
4.1 - Feminismo liberal	25
4.2 - O feminismo radical.....	28
4.3 - Feminismos marxistas ou socialistas	30
4.4 - Mulheres de minorias étnicas	31
4.5 - Feminismo <i>queer</i>	33
4.6 - A história dos feminismos no Brasil.....	34
5 - METODOLOGIA	39
5.1 Descrição das páginas visitadas.....	41
6 - RESULTADOS E DISCUSSÃO	45
6.1 - “Ideologia de gênero”.....	45
6.2 – O pânico moral e a tematização da pedofilia e do aborto	51
6.3 - A “vagabundagem”	60
6.4 - A conexão de pessoas progressistas com loucura ou uso de drogas.....	64
6.5 - A ligação de feministas com feiura e falta de cuidados estéticos	70
6.6 - A presumida associação de pessoas progressistas com “ <i>sujeira</i> ”	78
6.7 - A crítica das novas masculinidades.....	83
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS.....	93

1 - INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como cenário um momento de retrocessos em relação a conquistas históricas das mulheres no cenário brasileiro, que se deram em décadas anteriores. Isso pôde ser percebido, por exemplo, na construção do Programa Nacional de Educação, iniciado em 2010, que teve intensa movimentação de atores conservadores e religiosos em todo seu processo. A redação do documento, aprovado em 2014, que deveria voltar-se para a promoção de igualdade de raça, de gênero, de orientação sexual e regional, passou a omitir os termos gênero e orientação sexual. Em um momento subsequente, houve outro marco: o golpe que culminou com o afastamento da presidenta Dilma Rousseff e o mandato de Michel Temer, momento em que o discurso machista foi preponderante como forma de desqualificar a então presidenta.

A eleição do Presidente da República Jair Bolsonaro levou a uma aceleração desses retrocessos, evidenciado, dentre outros campos, nas mudanças realizadas no Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH) - atualmente Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) – com a nomeação da pastora Damares Alves para o cargo de ministra. Damares Alves já declarou que o Brasil é um país pró-família e revisitou alguns documentos oficiais, substituindo os termos “equidade de gênero” por “igualdade entre homens e mulheres”. O atual governo federal tem uma postura que assumidamente conservadora e baseada em princípios religiosos, apresentando ameaça a laicidade do Estado.

Nossa pesquisa surgiu de uma preocupação com o aumento de engajamento de mulheres em publicações de teor conservador ou antifeminista nas redes sociais. Em debates em grupos de estudos e pesquisas ligados ao campus de Sorocaba da UFSCar, começamos a nos dar conta que em Sorocaba esse processo também ocorria de forma intensa. Esse discurso tem ressonâncias quando pensamos nos retrocessos em termos de políticas públicas que trabalham a respeito da equidade de gênero.

Utilizamos no título “rasgando véu” fazendo alusão à tradução do nome de Sorocaba – “terra rasgada” - do tupi-guarani, levando em conta que o véu é um simbolismo presente na maioria das religiões cristãs, o que se relaciona

com nossa hipótese de que o cenário conservador se encontra imbricado com o fundamentalismo religioso.

Neste trabalho temos por objetivo principal investigar as articulações dos antifeminismos e o modo com que atores antifeministas se utilizam de estratégias discursivas de modo a invalidar conquistas e ampliação de direitos relacionados às lutas feministas. Para tanto realizamos uma análise de conteúdo de publicações em páginas na rede social Facebook relacionadas à nova direita em Sorocaba, no período de 2018 a 2021, considerando que este período é relevante da história da construção de uma direita repaginada (ou “nova” direita) e da consequente articulação dos antifeminismos no Brasil. São levados em consideração as imagens, vídeos e comentários dos perfis afiliados às páginas.

Acreditamos que esse método melhor atende às perguntas de nossos objetivos secundários: quais os temas antifeministas que mais se repetem em páginas relacionadas à “nova” direita? Quais as especificidades regionais dessas páginas?

Para dar conta dessa pesquisa estruturamos nosso trabalho nos seguintes capítulos: O crescimento do conservadorismo e dos antifeminismos, Contexto Local, Feminismos no plural, Metodologia, Resultados e Discussão e Considerações Finais.

No primeiro capítulo, discutimos como os segmentos conservadores se estruturaram nas últimas décadas no Brasil, em especial na oposição às conquistas no campo de gênero e sexualidade. Na sequência, o capítulo “Contexto Local”, que destaca a história de Sorocaba, o perfil populacional, o modo como a cidade estruturou-se com um forte viés conservador e quem são os principais atores conservadores e que representam a “nova” direita na cidade. Apresentamos, também, alguns movimentos de resistência ao conservadorismo presentes e atuantes na cidade.

No capítulo “Feminismos no plural”, desenvolvemos brevemente a história do feminismo no Brasil, como se deu sua organização, quais as principais influências e as principais lutas. O uso do plural se dá porque compreendemos que esses movimentos são, de fato, plurais, e podem se organizar por meio de diferentes epistemologias e ativismos.

Na “Metodologia”, descrevemos o percurso metodológico, destacando a importância das pesquisas com o uso da Internet, sobretudo de redes sociais. Na sequência, abordamos a forma a qual se deu o contato com o campo e fazemos a descrição das páginas visitadas.

Em “Resultados e discussão”, elencamos as categorias encontradas no campo, levando em consideração as publicações das páginas estudadas em nossa pesquisa, e realizamos as discussões acerca de cada categoria, compondo as os seguintes itens: a) “ideologia de gênero”; b) o pânico moral e a tematização da pedofilia e do aborto c) a “vagabundagem”; d) a conexão de pessoas progressistas com loucura ou uso de drogas; e) a atribuição às feministas de feiura e falta de cuidados estéticos; f) a presumida associação de pessoas progressistas com “sujeira”; g) a crítica das novas masculinidades.

Nas “Considerações finais” retomamos os principais achados do campo e fazemos a articulação teórica final da presente pesquisa.

2 - O CRESCIMENTO DO CONSERVADORISMO E DOS ANTIFEMINISMOS

O fim do ano de 2010 foi crucial quando pensamos em organizações de movimentos sociais com o uso de mídias digitais. Ocorreu no Irã uma série de manifestações unindo pessoas nas ruas revoltadas e protestando contra um governo de regime opressor, que culminou na Primavera Árabe e teve repercussões importantes no Egito (ZIZEK, 2012). No entanto, essa movimentação desaguou em uma espécie de “revolta sem revolução” (ZIZEK, 2012, p.80), em que os manifestantes expressavam seu descontentamento, mas não houve uma união que permitisse a transformação de sua insatisfação em um programa que visasse de fato uma mudança sociopolítica. Muito embora tenham se dado em um contexto de explosão popular emancipatória, demandassem por democracia e demarcassem uma forte oposição à corrupção, tais protestos deixaram uma vazia e criaram um “descontentamento que a esquerda não foi capaz de mobilizar” (ZIZEK, 2012, p.76), criando um campo favorável para a ascensão do fascismo.

A partir da Primavera Árabe, passou a ser comum o uso de mídias digitais para a proliferação de movimentos em que os manifestantes não fazem nenhuma reclamação em particular (ZIZEK, 2012) como o *Occupy* – Nova Iorque, ou ainda os que envolvem exigências díspares, questionando problemas como o alto salário de jogadores de futebol, a baixa remuneração dos professores e a corrupção, como o movimento que tomou doze cidades, em 470 manifestações em junho de 2013 no Brasil (SCHWARTZ, 2015).

Uma cadeia de eventos, como as manifestações de 2013 (RANGEL, *et.al.*, 2019; SCHWARTZ, 2015), a relação empobrecida do Partido dos Trabalhadores (PT) com o empresariado, as dificuldades de Dilma Rousseff com os parlamentares e a sua conseqüente estigmatização como politicamente incompetente culminaram com o seu processo de afastamento em agosto de 2016 (RANGEL, *et.al.*, 2019, CARVALHO, *et.al.*, 2019). Houve ainda a repercussão de comentários deslegitimando seu governo, como “ofensas em relação a gênero, piadas sexistas, questionamento quanto a preferência sexual da presidenta, e objetificação do corpo da mulher” (AGUIAR, *et.al.*, 2019, p.10). Esses insultos não são meramente formações discursivas ligadas à liberdade de expressão ou de certo descontentamento com a gestão política

da presidenta, mas, sim, dizem respeito à misoginia e à dominação masculina (BEARD, 2018; SATTLER, 2020)

De maneira consecutiva ao afastamento da presidenta, tivemos a ascensão de Michel Temer à presidência, formando um grupo de ministros majoritariamente homens, brancos, relegando o papel das mulheres “belas, recatadas e do lar” (REVISTA VEJA, 2016), tendo a imagem da primeira-dama Marcela Temer como um ideal a ser seguido. Essa ruptura institucional provocada pelo golpe resgatou:

um projeto neoliberal que retrocedeu o comando do país para um grupo tradicionalmente representativo dos padrões políticos dominantes na história brasileira, de matriz conservadora, inclusive quanto aos aspectos morais e culturais, conforme o perfil da composição ministerial no governo de Michel Temer, simbolizado pela presença estética masculina, branca, de maior faixa etária e associada à política vigente antes dos governos petistas (RANGEL *et.al.*, 2019, p.137)

Tal tendência estava em linha com um enfraquecimento de determinadas classes políticas e partidos que já vinha ocorrendo em outros países (FRASER, 2017; BROWN, 2018; RANGEL, *et.al.*, 2019): “a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, o crescimento do populismo de extrema direita em parlamentos europeus e a deposição de presidentes democraticamente eleitos na América Latina (Haiti, Honduras, Paraguai, Brasil)” (RANGEL *et. al.*, 2019). Entendemos que a direita nunca esteve ausente no cenário político brasileiro (MIGUEL, 2018), entretanto, preferimos nomear esse grupo extremista como “nova” direita, ou como uma direita repaginada, embora exista a compreensão de que na literatura eles possam ser nomeados como direita radical, neodireita, fascismo, populismo, liberalismo antidemocrático (BROWN, 2018).

O que estamos chamando de “nova” direita possui uma configuração de aliança entre católicos e evangélicos tradicionalistas e tem relação com o crescimento da população evangélica no país (BIROLI, *et.al.*, 2020), visto que o pentecostalismo é o segmento evangélico que mais se expande, por meio do recrutamento de pessoas de camadas mais vulneráveis socialmente:

Apesar das diferenças doutrinárias, das formas de organização e governo (eclesiástico, congregacional ou presbiteriano) e até do confronto histórico dos evangélicos com a Igreja católica, esses atores atualmente compartilham a agenda antigênero. Ela permitiu uma política de alianças dos líderes pentecostais com intelectuais e

militantes católicos em várias sociedades da região. Mais do que isso, percebe-se uma tendência de mimetismo, com os setores pentecostais adotando configurações discursivas – associação do aborto à cultura da morte, narrativa da “ideologia de gênero” – e estratégias de intervenção na sociedade e nos círculos do poder político oriundas da Igreja católica, em especial do movimento da Renovação Carismática (BIROLI, *et.al.*, 2020, p.30).

A novidade não é somente a articulação entre esses grupos, que tem uma postura mais conservadora, com vistas a combater os avanços nas pautas de costumes e a defender valores de um modelo único de família, a heterocisnormatividade, a vida desde a concepção (MACHADO, 2017; BIROLI, *et.al.*, 2020):

o que está em jogo são as interconexões com a arena econômica, emergindo de uma matriz neoliberal e/ou o projeto político que transcende o tema da moral sexual e é parte dos processos contemporâneos de fortalecimento da direita e desdemocratização (VAGGIONE, 2020, p.42).

A articulação desses grupos no Brasil visa a reafirmação de uma moral cristã em oposição à laicidade do Estado prevista constitucionalmente; Serve de base para a regulação da vida social e reprodutiva de toda a população, por considerar que os avanços em temas como aborto, educação sexual de crianças e diversidade sexual são ofensivos à liberdade religiosa dos crentes (MACHADO, 2020). Assim, esses grupos assumem uma postura diferente de outros moralistas evangélicos que:

“entendiam que a batalha contra o “mal” só terminaria com a vinda do messias; Os novos líderes evangélicos conservadores assumiram o discurso da ‘crise moral iminente’ e convocaram os fiéis para a depuração política” (MACHADO, 2020, p.92).

Podemos perceber o impacto disso ao observar que no Brasil temos a atuação de três bancadas conservadoras: a bancada da Bíblia, representada por pastores de igrejas evangélicas; a bancada do Boi, que tem como representantes aqueles que tem relação com o agronegócio; e a bancada da Bala que tem como eleitos policiais militares e patentes exonerados das Forças Armadas (MACHADO DE CAMPOS, *et.al.*, 2019). Essa “nova” direita é nativista, como uma variante do nacionalismo, sustentando que somente os grupos nativos de determinado Estado ou nação podem habitá-lo, colocando alguém “de fora” deste grupo como uma ameaça. Da mesma forma, diz respeitar o jogo democrático, de modo a chegar a posições de poder e subverter a democracia. Autodenomina-se, também, como o único movimento

capaz e conter os avanços da esquerda e livrar o povo dos males por eles apresentados (CASTILLO, *et. al.*, 2019).

Especificamente no Brasil, o uso de mensagens cifradas a respeito do militarismo, o apoio saudosista à Ditadura Militar, o familismo, o conservadorismo cristão, o discurso do “anti” - anti-intelectualismo, anticomunismo, antipolítica, antifeminismo (CARVALHO *et.al.* 2019) - e a insatisfação da classe média com a ascensão da classe trabalhadora¹, culminaram com a eleição do candidato Jair Bolsonaro, atualmente sem partido.

No discurso contra a “ideologia de gênero”, vislumbramos uma retomada de valores fundamentalistas ligados ao cristianismo e a rebiologização das diferenças sexuais de ordem moral e tradicional (JUNQUEIRA, 2018). O uso do termo ideologia se dá de modo a falsear o discurso sobre gênero e diversidade sexual atribuído a seu caráter ideológico (GATTI *et. al.*, 2018):

Assim, não se trata apenas de uma função negativa da ideologia que a aproximaria da ideia de falseamento da realidade, mas de funções desempenhadas por ela. O uso do sintagma “ideologia de gênero” escamoteia as funções da ideologia, tomando-a apenas como deformação, e evidencia a dissimulação do pertencimento do enunciador a uma determinada ideologia, curiosamente, a dominante⁸. Trata-se de uma faceta do discurso conservador moderno que encontrou na palavra “ideologia” o recanto ideal para a dissimulação de sua própria ideologia (GATTI *et. al.*, 2018, p.86).

No cenário sorocabano, temos o exemplo da discussão do Plano Municipal de Educação de 2015, em que os vereadores decidiram retirar as menções a palavra “gênero” e “diversidade sexual” do plano de ensino (MENDONÇA, 2017), contando com a participação ativa do Bispo Dom Eduardo Benes de Sales em redes sociais fazendo referências a “ideologia demoníaca” que impõe que crianças não possam se identificar com um feminino ou um masculino (MENDONÇA, 2017). Desse modo, podemos apreender que Sorocaba é profundamente atravessada pelos discursos conservadores, uma vez que os atores políticos da cidade posicionam-se de forma contrária aos avanços nas pautas de costumes, tomando posições religiosas e às vezes homofóbicas, transfóbicas.

¹ <https://oglobo.globo.com/economia/guedes-diz-que-dolar-alto-bom-empregada-domestica-estava-indo-para-disney-uma-festa-danada-24245365>

Foi em Sorocaba também que a “maldita ideologia de gênero” fez com que o pastor e vereador de Sorocaba Luís Santos criasse uma emenda que “garantindo a privacidade das mulheres do sexo feminino, me permita a redundância, quando no uso de seus banheiros destinados exclusivamente a elas (SANTOS, 2019, 4:59-5:10). Segundo o pastor, ele havia sido procurado por uma mulher alegando que um “vagabundo”, “uma trans, assim que via uma mulher cis entrar no banheiro do Sesc, a seguia” (JORNAL IPANEMA, 2019).

Os antifeminismos ganharam voz novamente aliados ao discurso das “novas” direitas, no caso do Brasil, tendo representantes no governo eleito, como a pastora e ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves². Dessa maneira, atores antifeministas se articulam no contemporâneo a partir do crescimento da força política de cristãos fundamentalistas e da necessidade de mulheres conservadoras se sentirem representadas por alguma forma de movimento (CASTILLO JARA, *et. al.* 2019). Para Judith Carreras (2019), os antifeminismos não possuem homogeneidade. Ao contrário do movimento feminista, não possuem uma agenda própria:

se articula em função da negação das violências machistas como estruturais, as ações contra os direitos sexuais e reprodutivos, em particular o tema do aborto, a negação do gênero como uma construção social e conseqüentemente a homofobia e transfobia, o sexismo e a repudia terminológica a articulação de seu relato – ideologia de gênero – como alguns aspecto mais destacados. (CARRERAS, 2019, p.54).

Os antifeminismos podem ser entendidos como uma oposição a emancipação das mulheres, baseado principalmente em supostas “verdades”, lançando mão de bases de estudos da biologia, filosofia, psicologia, sociologia e política para contra-argumentar as demandas do movimento feminista (ANTUNES, *et. al.*, 2017; FLORES, 2004; SILVA, 2018; CARRERAS, 2019). Os antifeminismos baseiam-se principalmente em discursos enraizados em misoginia e apelam para uma cultura hegemônica masculina, estando alinhavados com partidos políticos e instituições religiosas de posição conservadora. Podemos tomar, como exemplo, a fala da ministra Damares

² Embora a ministra não se considere necessariamente antifeminista ou feminista, apenas feminina (ALVES, 2020).

sobre “uma nova era no Brasil: menino veste azul e menina veste rosa”, em que pede um respeito a “identidade biológica da criança” (ALVES, 2020). Seu discurso de que “teólogos de gênero” (ALVES, 2020) estão impondo a ideologia de gênero para crianças desde a mais tenra idade se coloca em consonância com o discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro, que prometeu livrar o país da submissão ideológica, havendo para isso, a necessidade de erradicar o socialismo e a ideologia de gênero (BOLSONARO, 2019).

Os antifeminismos amparam-se principalmente na visão da mulher feminista como “frustrada”, “mal-amada”, por vezes dirigem ataques grosseiros àquelas que denunciam a divisão sexual do trabalho, considerada natural pelas antifeministas. Existe também a visão da mulher feminista como lésbica ou “anti-homem” (CASTILLO JARA, *et. al.* 2019), assim ocupando o espaço de Medusa, que é solitária, amarga, evitada por ser incapaz de amar ou ser amada (BULLFINCH, 2006), megera indomada.

As antifeministas são majoritariamente brancas e de classe média e buscam defender os valores tradicionais associados à maternidade, a mulher como dona de casa e protetora da família, a *shieldmaiden* (escudeira) do homem (MATTHEIS, 2018), equilibrando-se entre uma linha tênue de ação e submissão. Os antifeminismos ganham força porque a hegemonia masculina branca adota uma estratégia de zombaria em relação às estratégias de alargamento de direitos e justiça sociais (BROWN, 2018), de modo a se tentar invisibilizar as desigualdades sociais, que são legados da colonização, da escravidão e do patriarcalismo (BROWN, 2018).

Essas estratégias de ideologia e dominação criticam o discurso feminista como supostamente lamurioso, fazendo com que as mulheres que se consideram conservadoras não se sintam amparadas pelo feminismo e busquem “verdades fundadoras” (FLORES, 2004) para legitimar as diferenças de gênero e o domínio masculino. O uso dessas “verdades” tem sido muito costumeiro, como uma forma nova e específica de populismo da direita radical (CASTILLO JARA, *et. al.* 2019), que apela para um inimigo externo.

Desta forma, partidos populistas de direita se autodenominam como os únicos representantes do povo e de sua nação frente à ameaça socialista, ideológica e tratam de chegar ao poder respeitando o jogo democrático, para

depois tentar subvertê-lo. Existe, portanto, para essas pessoas, uma confusão entre o discurso do feminismo e o discurso da esquerda. Muitas vezes, ao combater o feminismo, acreditam estar combatendo a esquerda, o socialismo, ou um partido de esquerda (FRANÇA, 2018; MENDONÇA, 2017).

Da mesma maneira que o antifeminismo, no século XIX, ancorava-se na suposta incapacidade biológica feminina, visto que os estudos desviariam energia dos ovários para o cérebro, tornando as mulheres intelectuais estéreis (SAMPAIO, 2019), contemporaneamente vemos a “rebiologização da diferença sexual, a renaturalização das arbitrariedades da ordem social, moral e sexual tradicional, a (re)hierarquização das diferenças e a afirmação restritiva, (hetero)sexista e transfobia das normas de gênero” (JUNQUEIRA, 2018, p.452).

Lançar mão da explanação das ciências biológicas acerca de gênero produz um efeito de verdade. Conforme Tiburi (2017) “verdades são certezas reconhecíveis, referem-se a algo que podemos reter mesmo sem compreender” (TIBURI, 2017, p.98), é a verdade que pode ser consumida.

3 - O CONTEXTO LOCAL

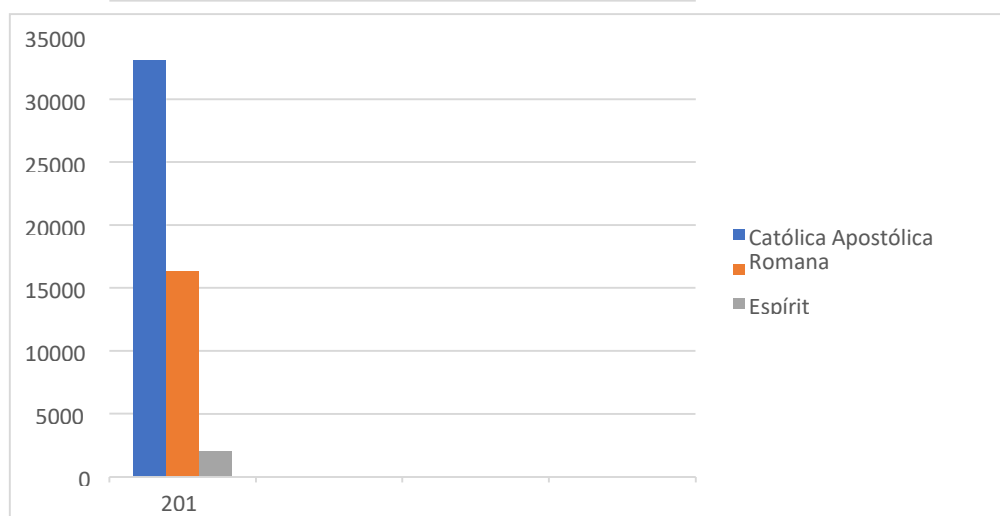
Sorocaba, que em Tupi-Guarani significa “Terra Rasgada”, é um município do interior do estado de São Paulo, localizada a aproximadamente 100km da capital, é a quarta cidade mais populosa do Estado e, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) possui maior parte de sua população branca e cristã (Tabela 1 e Gráfico 1). Isto significa que para contar sua história é necessário retomar o registro das elites.

Tabela 2: Perfil demográfico da cidade de Sorocaba por cor ou raça

Cor ou raça	Habitantes
Amarela	5.679
Branca	434.777
Indígena	886
Parda	121.251
Preta	24.016
Sem declaração	16
TOTAL	586.525

Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/pesquisa/23/22107?detalhes=true>>

Gráfico 1: Perfil demográfico da cidade de Sorocaba por religião



Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/pesquisa/23/22107?detalhes=true>>

Em suas origens, a cidade era um dos principais pontos de apoio para compra, venda e arrecadação de impostos sobre a venda de muarees a tropeiros “fazendo a interligação e integração do atual estado do Paraná, e penetrando Santa Catarina e o Rio Grande do Sul” (GONÇALVES, et al, 2007, p.193), a economia da cidade girava em torno principalmente da venda dos animais vinculada à lavoura açucareira. Tais atividades mercantis foram as principais responsáveis pela ascensão econômica da burguesia no final do Império. Sorocaba, até a implantação da República permaneceu dirigida pelo partido conservador monárquico, diretamente ligado ao catolicismo (SILVA, 2012).

Essa elite sorocabana, aliada principalmente à maçonaria, tinha duas principais lojas maçônicas como representantes, situadas no centro da cidade, a Loja Constância, que tem como característica o conservadorismo, a aproximação com a Igreja Católica e a Loja Perseverança III tendo como características fundamentais o liberalismo, o positivismo, a abolição da escravidão, a urbanização da cidade com a implantação de uma malha férrea e no investimento em educação, além disso, essa loja encontrou fortes aliados na Igreja Presbiteriana. Portanto, é “na cidade, especificamente na região central, que os republicanos, maçons, católicos e presbiterianos configuram seu lugar de poder” (SILVA, 2012, p.32).

A fim de manter sua hegemonia nas estruturas de poder os maçons da Loja Perseverança III começaram a liderar diversas agremiações: Gabinete de Leitura, Partido Liberal, Câmara Municipal, hospital e escolas (SILVA, 2012). Pode-se perceber suas entradas inclusive no jornal, um dos principais meios de mídia da época. Existia um apelo dos maçons da Loja Perseverança III para que os pais enviassem seus filhos à escola, publicado no jornal O Sorocabano de 20 de março de 1870, pois “são responsáveis pelo futuro de seus filhos, sem instrução não há moralidade, sem moralidade a sociedade é um caos”.

A maçonaria, constituída pela elite sorocabana, no fim do século XIX e começo do século XX representou um forte campo de poder político e muito bem articulada, situados no centro, e dominando o mercado editorial de jornais,

garantiam a propagação de suas ideias e tinham maior controle sobre a cidade. Entre os séculos XX e XXI, podemos observar um fenômeno de interiorização das atividades econômicas do país (SIMÕES, *et. al.*, 2001; FERNANDES, 2017), o que resultou na expansão de centros urbanos e em uma desconcentração-concentrada da atividade industrial, que garantiu a Sorocaba o título de *Manchester* paulista (PINTO JÚNIOR, 2003). Inicialmente com as indústrias têxteis (CARVALHO, 2008) que utilizavam principalmente a mão de obra imigrante, e mais tarde com a chegada de metalúrgicas, no momento de expansão industrial, onde procuravam principalmente incentivo fiscal e mão de obra pouco especializada (SIMÕES *et.al.*, 2001).

A influência da Igreja Católica, da maçonaria e das igrejas protestantes e evangélicas aparece como marco histórico da cidade de Sorocaba, que nos últimos vinte anos de eleições locais não houve nenhum prefeito ou prefeita de algum partido que fosse considerado de esquerda, somente foram eleitos prefeitos ligados ao PSDB e ao PMDB.

Pierucci (1987); Fiore (2016) e Fernandes (2017) apontam que o conservadorismo ocorre de maneira mais recorrente em regiões periféricas, afastadas de grandes centros, e que a compreensão da política brasileira deve levar em consideração as características regionais. Assim, observamos que o conservadorismo da cidade de Sorocaba também se fez presente nas eleições presidenciais de 2018, em que houve votação expressiva (73,72% dos votos) do candidato Jair Bolsonaro, militar reformado do exército conhecido por tomar:

posições radicalizadas contra temas sensíveis aos direitos humanos, declarações e práticas violentas contra mulheres, população negra e LGBTQI. Tem um general reformado na vice-presidência e ambos se manifestaram em defesa do período da ditadura militar brasileira, que ascendeu ao poder em 1964, por um golpe, perdurando por, ao menos, 20 anos (RANGEL, *et.al.* 2019, p. 134).

As bases sociais da “nova” direita conservadora encontram-se em municípios com baixo desenvolvimento socioeconômico (FERNANDES, 2017), mas também tem representatividade a nível subnacional em grandes centros urbanos, “atraindo, em especial, lideranças de cunho personalista, como religiosos e apresentadores de televisão” (FERNANDES, 2017, p.40).

Na cidade de Sorocaba vemos fortemente essa marca do conservadorismo, quando analisamos que nas eleições de 2012 sete dos vereadores eleitos eram ligados a doutrinas religiosas (JORNAL CRUZEIRO DO SUL, 2012):

os escolhidos pelos eleitores foram Anselmo Neto (PP) e Carlos Leite (PT), ambos da Igreja Católica Apostólica Romana; o missionário Rodrigo Manga (PP), da Igreja Mundial do Poder de Deus; Irineu Toledo (PRB), da Igreja Universal do Reino de Deus; pastor Luís Santos (PMN), da Igreja Evangélica e o pastor Apolo (PSB), da Igreja Quadrangular. A lista fica completa com o parlamentar eleito Fernando Dini (PMDB), que recebeu o apoio dos integrantes da seita religiosa Santo-Daime -comandada atualmente pelo seu tio, Luciano Dini (JORNAL CRUZEIRO DO SUL, 2012).

Eleições anteriores já evidenciavam a estrutura de dominação masculina nas esferas públicas (CARVALHO, *et. al.*, 2019) no contexto local: não constavam mulheres nem pessoas negras dentre os representantes escolhidos em 2012 para compor o quadro de vereadores da Câmara Municipal de Sorocaba. Mesmo nas eleições de 2020 o quadro ainda é parco de representantes negros e/ou mulheres.

Dos candidatos citados que tem relação direta com alguma instituição religiosa, cinco conseguiram reeleição no ano de 2016, são eles Fernando Dini (PMDB), Missionário Rodrigo Manga (DEM) – sendo este o candidato com número de votos mais expressivo –, Anselmo Neto (PSDB), Irineu Toledo (PRB), Luís Santos (PROS), No entanto, nas mesmas eleições houve um aumento de representatividade feminina com duas candidatas eleitas vereadoras, Iara Bernardi (PT) e Fernanda Garcia (PSOL).

Além disso, entre os anos de 2012 e 2020 somente três vereadores eram de partidos considerados de esquerda, a saber: PT e PSOL, dado importante de ser lembrado pois o balanço entre posicionamentos de partidos de esquerda e direita é considerado importante em termos democráticos (FERNANDES, 2017).

Embora as eleições de 2020 tenham marcado um crescimento nas bancadas legislativas associadas à defesa dos temas de gênero e diversidade

sexual em grandes metrópoles³, tal movimento não chegou a Sorocaba com a mesma força, onde, nas eleições de 2020, o candidato e candidata mais votados para prefeito e prefeita foram o Missionário Rodrigo Manga, agora no partido Republicanos, e a delegada Jaqueline Coutinho pelo PSL, resultando na eleição do candidato, que possui claro vínculo com instituições religiosas, com 52,58% dos votos no segundo turno. Apesar de boa parte dos vereadores eleitos fazerem parte do partido Republicanos, em Sorocaba houve um aumento das votações nas duas vereadoras locais que tem as questões de gênero e diversidade sexual em suas pautas:

foram eleitas Iara Bernardi (PT), reeleita com 5.525 votos, 1.161 a mais que em 2016 (na eleição passada foram 4.364) e Fernanda Garcia (PSOL), que conquistou seu segundo mandato consecutivo com 4.795 votos, 971 a mais que na eleição passada, quando obteve 3.824 (JORNAL IPANEMA, 2020).

Entendemos que houve uma adaptação do conservadorismo, segundo Fernandes (2017). O velho conservadorismo, aquele que nasceu na década de 1980 e que tinha relações estreitas com o catolicismo, fazendo apelos à família, à pessoa humana e à responsabilidade, com forte preocupação com os valores do cristianismo (PIERUCCI, 1987) cedeu lugar para um novo conservadorismo (uma “nova” direita), que agora, ainda incitado pela mesma moral, pede transformações e mudanças, utiliza as estratégias discursivas do mundo contemporâneo, criando um debate acerca da disseminação dos valores cristãos em contraponto com a laicidade do estado (MESQUITA, *et. al.*,

³ As eleições de 2020 tiveram resultado expressivo de eleição de pessoas transexuais para vereadores e vereadoras – Erika Hilton (PSOL) Carolina Iara (PSOL), Thammy Miranda (PL), Samara Santana (PSOL - Quilombo Periférico) em São Paulo, Duda Salabert (PDT) em Belo Horizonte, Linda Brasil (PSOL) em Aracaju, Anabella Pavão (PSOL) em Batatais – SP, Benny Briolli (PSOL) em Niterói – RJ, Brenda Ferrari (PV) em Lapa – PR, Dandara (MDB) em Patrocínio Paulista – SP, Fernanda Carrara (PTB) em Piraju – SP, Filipa Brunelli (PT) em Araraquara – SP, Gilvan Masferrer (DC) em Uberlândia – MG, Heitor Gabriel e Rafa Bertolucci (PODEMOS - Dialogue) e Regininha Lourenço (AVANTE) e em Araçatuba – SP, Isabelly Carvalho (PT) em Limeira -SP, Kará (PDT) em Natividade – RJ, Lari Camponesa (REPUBLICANOS) em Rio Novo do Sul – ES, Lins Roballo (PT) em São Borja – RS, Lorim da Valéria (PDT) em Pontal – SP, Maria Regina (PT) em Rio Grande – RS, Myrella Soares (DEM) em Bariri – SP, Paulette Blue (PSDB) em Bom Repouso – MG, Paulinha da Saude (MDB) em Eldorado dos Carajás – PA, Rebecca Barbosa (PDT) em Salesópolis – SP, Thabatta Pimenta (PROS) em Canaúba do Dantas – RN, Tieta Melo (MDB) em São Joaquim da Barra – SP, Titia Chiba (PSB) em Pompéu – SP, Yasmin Prestes (MDB) em Entre-Ijuís – RS.

2016).

Na cidade de Sorocaba, um exemplo emblemático do tensionamento entre os segmentos conservadores e progressistas pode ser observado no debate acerca de um totem, instalado em 2006 na entrada da cidade, com os dizeres “*Sorocaba é do senhor Jesus Cristo*”. Contudo, uma ação movida por estudantes de Direito junto ao Ministério Público questionou a nomeação da praça onde a referida placa está localizada como “Praça do Cristão” (G1, 2013) Além desta ação, as pichações constantes na placa evidenciam resistências que podem nos ajudar a:

compreender a diversidade cultural e a relação afetiva e política das pessoas com a cidade, bem como nos permite compreender os discursos que estão sendo produzidos pelos/as cidadãos/ãs em objetos, construções e prédios da cidade, ou seja, na dimensão urbanística-arquitetônica vivida (MENDONÇA, 2020, p.2).

Outro exemplo que ilustra tal tensionamento diz respeito à implantação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em Sorocaba, visto que a disputa pela implantação de uma universidade pública na cidade acontecia desde os anos 1960 e vinha sendo recusada, pois as autoridades de Sorocaba davam prioridade à implantação de escolas de ofícios, uma vez que consideravam a cidade como uma cidade operária (ASSESSORIA, 2017). A luta pela implantação de uma universidade pública gerou diversas manifestações e esforços por parte de alguns atores políticos da cidade.

No movimento de resistência à pauta conservadora em Sorocaba, podemos citar o papel importante do Sindicato dos metalúrgicos de Sorocaba (Sindimetal), que se utiliza do conceito “Sindicato Cidadão”, entendendo que o “sindicato vai além das demandas específicas da categoria, atuando também em questões da sociedade como um todo” (GARCIA, 2012, p.180), participando de ações sociais e na qualificação profissional, com vistas a romper com o tecnicismo. O sindicato também possui uma parceria chamada “Mulheres e Luta” com o Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades (NEGDS) da UFSCar, campus Sorocaba, com o objetivo é promover discussões sobre a luta feminista com maior ênfase na interseccionalidade e no feminismo negro.

No campo da Educação, a APEOESP-Sorocaba participa ativamente no enfrentamento à política de conciliação de classes, tendo sido atuante também

no momento da reforma curricular estabelecida pelo Plano Nacional de Educação, bem como no Plano Estadual de Educação. A Associação defendia que a proposta educacional dessas reformas tinham uma base neoliberal, com alguns elementos que remetiam também à Ditadura Militar, onde era estabelecida a conduta do professor em sala de aula (GARCIA, 2012).

Ainda no campo local da Educação, é importante citar o Centro Cultural Quilombinho, tem como principal objetivo “valorizar e difundir a cultura afro-brasileira na cidade de Sorocaba (SP)” (SILVA, 2012b, p.191). O Quilombinho tem como principal público-alvo crianças e adolescentes e visa promover “conhecimentos culturais e conceituais, um convívio de respeito e o resgate da autoestima da população afrodescendente” (SILVA, 2012b, p.191). O local funciona com oficinas no contraturno do período escolar, tendo como objetivo principal a educação antirracista. O Quilombinho também desenvolveu um programa de formação de educadores.

No campo dos direitos das mulheres, é essencial ressaltar a importância do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (CMDM) local, que é um “órgão consultivo e deliberativo, fiscalizador, de caráter permanente, constituindo-se num órgão colegiado pleno, de composição paritária entre o Poder Público e a Sociedade Civil” (SOROCABA, 2017) e tem por objetivo a “acompanhamento, fiscalização, promoção, aprovação e avaliação de políticas para as mulheres” (SOROCABA, 2017). Sorocaba foi a primeira cidade a ter uma cadeira no CMDM ocupada por uma mulher trans, apesar da resistência e transfobia de atores conservadores da região (G1, 2021).

4 - FEMINISMOS: NO PLURAL

Partimos da compreensão de que os movimentos feministas são plurais e que frustram a categorização engessada em escolas de pensamento. Para Rosemaire Tong e Tina Botts (2018) “interdisciplinaridade, interseccionalidade e entrelaçamento são os adjetivos que melhor podem descrever o pensamento feminista” (TONG, *et.al.*, 2018, p.105). No entanto, com o objetivo de fazer uma análise didática, e tendo compreensão de que não esgotaremos as análises realizadas por autoras feministas, podemos perceber que os feminismos ou as autoras feministas podem distribuir-se conforme algumas divisões históricas: liberal, radical, marxista ou socialista, mulheres de minorias étnicas, *queer*.

Os feminismos também podem ser entendidos a partir da ideia da existência de diferentes “ondas” que orientam sua transformação no tempo. A compreensão de ondas se dá devido a sua movimentação e organização dos feminismos que simulam o movimento das ondas do mar:

de fluxo e refluxo, e costumam, por isso, ser comparados a ondas que começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente), se avolumam em direção ao clímax – o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar (DUARTE, 2019, p.26).

Tal ideia, contudo, é criticada por autoras como Ilze Zirbel (2021), para quem a definição dos movimentos históricos dos feminismos por ondas acaba privilegiando “a ação de feministas brancas da classe média estadunidense e ativistas brancas inglesas e francesas” (ZIRBEL, 2021, p.10) e deixando de lado o ativismo de mulheres operárias ou pessoas de minorias étnicas.

4.1 - Feminismo liberal

O pensamento feminista liberal tem seu início no que é considerada a primeira onda feminista. Em sua origem, teve como principal foco o sufrágio feminino e o movimento abolicionista; na segunda onda, a equidade de gêneros e oportunidade iguais para mulheres; e na terceira onda teve preocupações igualitárias no que se refere ao mercado de trabalho e salários (TONG, *et.al.*, 2018). A discussão do feminismo liberal não é possível de ser esvaziada levando em consideração sua complexidade. Para ilustrar a

pluralidade de pensamentos temos alguns exemplos como: Mary Wollstonecraft, John Stuart Mill, Betty Friedan, Martha Nussbaum.

De acordo com a perspectiva liberal acredita-se que o estado não deve intervir na esfera privada, ou seja na família e em casa, partindo da premissa de que quanto menos o estado intervir “nos quartos, banheiros, cozinhas, quartos recreativos e berçários, melhor” (TONG, *et.al.*, 2018, p. 293). Para tanto, o estado deve limitar suas intervenções, assegurando os direitos civis e fundamentais. No caso a maioria das autoras citadas são de origem inglesa ou norte-americana, portanto entendemos esses direitos como: propriedade privada, liberdade de expressão, liberdade de expressão de credo religioso, sufrágio.

Dentro do liberalismo ainda podemos encontrar aquelas que acreditam que a igualdade pode ser alcançada desde que sejam dadas oportunidades iguais, para Mary Wollstonecraft (1975), as mulheres eram vistas pelos homens como fracas e infantilizadas, ou como um objeto do desejo sexual masculino por isso havia um certo embate pelo equilíbrio entre os sexos. Assim, para a autora, as mulheres estão confinadas em amarras do modo como é definido o sexo feminino. Para ela, a liberdade feminina também depende de a mulher conseguir se livrar desses papéis opressivos e deixar de atender as expectativas imbuídas na execução dessas tarefas.

Ao considerar que a mulher se encontra presa em um estado deplorável, onde sua inocência deve ser preservada, sua beleza é mandatária e sua ignorância faz parte de sua educação, uma vez que deve assumir um personagem com preocupações superficiais (WOLLSTONECRAFT, 1975). Na perspectiva liberal se assume para superar essas diferenças é necessário que homens e mulheres tenham “os mesmos direitos políticos e oportunidades econômicas (assim como a mesma educação) que os homens” (TONG, *et.al.*, 2018, p. 375), pois as mulheres também têm o direito de gozar dos privilégios masculinos para que ambos possam se tornar agentes autônomos (WOLLSTONECRAFT, 1975).

Dessa forma, uma mulher casada, para ser vista com igualdade perante o seu marido, necessita também contribuir igualmente com os ganhos da casa, precisando também de uma ajuda doméstica (TONG, *et.al.*, 2018). Aqui encontramos uma limitação do pensamento feminista liberal, pois ao enfatizar a

urgência de mulheres de “escapar da vida doméstica” (ARRUZZA, *et.al.*, 2019, p.77) contratando uma funcionária para lhe ajudar nos trabalhos de reprodução, não levanta questionamentos de classe, raça e naturaliza ou universaliza a experiência da mulher branca burguesa (TONG, *et.al.*, 2018; ARRUZZA, *et.al.*, 2019).

Com a aprovação da emenda constitucional em 1920 que permitia o voto feminino, muitas mulheres sufragistas esgotadas passaram a se considerar iguais aos homens, pelo simples direito ao voto e o movimento feminista tornou-se menos sonoro até os anos 1960 (TONG, *et.al.*, 2018). Foi nesse momento em que essa geração, da segunda onda feminista, declarou que para ser considerada completamente livre, a mulher precisa ter acesso a trabalho, liberdade sexual e civil (TONG, *et.al.*, 2018).

Foi nesse momento em que as feministas liberais começaram a apontar para um sistema de opressão e discriminação sexual, considerando a desigualdade como um reflexo nas esferas: social, política, econômica e pessoal. Como resultado dessa luta nos Estados Unidos foi criada a Equal Rights Amendment (ERA), de modo a garantir direitos iguais para todos os cidadãos dos Estados Unidos, independente do sexo. Para que o acesso a tais direitos se dê de forma igualitária, o texto garante que as mulheres possam voltar a seus trabalhos sem perda de cargos ou ganhos após a maternidade; a dedução de impostos para aqueles que necessitem, por motivos de trabalho, arcar com despesas de cuidados para crianças; a regulamentação legal de creches e escolas; o direito de mulheres serem educadas da mesma forma que homens; o direito de mulheres terem acesso ao controle de suas vidas reprodutivas, dentre outros (ERA, 1967).

Apesar da vitória da aprovação dessa emenda, algumas limitações foram apontadas. Primeiramente, a lei não foi projetada de modo a garantir de fato igualdade entre homens e mulheres, ela parte da premissa de que o modelo ideal a seguir tem representatividade no polo masculino e que as mulheres devem, portanto, segui-lo. Além disso, o seu texto inicial não traz menção a violência doméstica, assédio ou estupro (TONG, *et.al.*, 2018). Assim entendemos que existe um certo reforço aos estereótipos de gênero.

Em sua terceira onda, o feminismo liberal passou a defender a ideia de que as mulheres não são iguais aos homens, que na verdade não deveriam

negar a existência das diferenças para que recebessem tratamentos iguais. Nesse momento, acredita-se que para que homens e mulheres tenham acesso às mesmas oportunidades, ou seja, alcançar uma igualdade democrática é necessário abolir os privilégios do homem heterossexual branco e burguês (TONG, *et.al.*, 2018).

De um modo geral, podemos perceber que o feminismo liberal é centrado em direitos individuais. Na busca de uma equiparação entre homens e mulheres, acaba por naturalizar as expectativas atribuídas ao gênero e coloca os valores masculinos como ideal a ser perseguido por mulheres e “embora condene a discriminação e defenda a liberdade de escolha, o feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para a ampla maioria de mulheres” (ARRUZZA, *et.al.*, 2019, p.37). Carece, portanto, de questionamentos a respeito de raça e classe, visto que seu modelo é o do homem universal “branco, patriarcal, heterossexual, cristão, proprietário” (ARRUZZA, *et.al.*, 2019, p.16).

4.2 - O feminismo radical

As pensadoras do feminismo radical acreditam que não é possível pensar em equidade de gênero dentro de um sistema de opressão masculina, que tem em abundância normas patriarcais, premissas e instituições que regulam essas normas. Desse modo, para que exista equidade ou liberdade, é necessário que se faça uma reordenação social de modo a eliminar a supremacia masculina (TONG, *et.al.*, 2018).

De acordo com o modelo de pensamento do feminismo radical, acredita-se que o sistema de sexo e gênero é um produto da atividade histórica humana (RUBIN, 1975), portanto a “sociedade patriarcal utiliza certos fatos a respeito da biologia feminina e masculina (cromossomos, anatomia e hormônios) como uma base para construir uma série de identidades e comportamentos masculinos e femininos que servem para empoderar homens e desempoderar mulheres” (TONG, *et.al.*, 2018, p. 869).

Para Gayle Rubin (1975) faz-se necessário se debruçar sobre o que causa a opressão de mulheres para que seja alcançada a equidade entre gêneros. Desse modo, a autora sustenta que o marxismo já não é mais capaz de explicar as diferenças de gênero e opressão de mulheres, pois dentro desse paradigma a primazia da opressão de classe sobre as demais formas de opressão leva a um apagamento das questões de gênero.

Pode-se afirmar que o feminismo radical divide-se em dois braços, um liberal, que acredita que para eliminar a dominância masculina, é necessário eliminar o conceito de gênero que foi construído sobre os moldes do patriarcado e construir uma sociedade levando em consideração que ambos os sexos ou gêneros possuem a mesma valoração; e um outro cultural, que não acredita no pressuposto da androginia, visto que as mulheres andróginas não seriam mulheres de verdade, somente haviam adquirido as piores características masculinas (TONG, *et.al.*, 2018). Na perspectiva do feminismo radical-cultural, as mulheres não deveriam querer ser como homens, elas deveriam buscar cada vez mais se parecerem com mulheres, negando as características atribuídas pelo sistema patriarcal (TONG, *et.al.*, 2018).

Um dos embates entre os feminismos radicais cultural e liberal tem relação com a sexualidade: do ponto de vista de feministas radicais liberais, a sexualidade da mulher deve ser livre, que as mulheres devem sentir-se livres inclusive para utilizar todas as formas de pornografia, incluindo as violentas e de realizar suas fantasias sexuais. Por um outro lado, as feministas radicais culturais acreditam que a sexualidade também é produto de um sistema opressor, e que “não há diferença entre a discriminação de gênero contra mulheres na sala de reuniões e a objetificação sexual de mulheres no quarto” (TONG, *et.al.*, 2018, p. 1029).

Assim, enquanto o feminismo radical liberal preocupa-se com a liberação da sexualidade da mulher, o feminismo radical cultural posiciona-se de modo a denunciar que a pornografia serve ao sistema patriarcal pois converte a mulher que tem liberdade sexual em uma servente, ajudante, cuidadora e brinquedo do homem. Um posicionamento similar pode ser percebido em relação a prostituição, dentro do feminismo radical liberal ela é vista como simplesmente um trabalho sexual, para o feminismo radical cultural ela reproduz os valores do sistema de opressão patriarcal.

4.3 - Femismos marxistas ou socialistas

Na perspectiva feminista marxista, acredita-se que compreender as opressões relativas ao sistema de classes é mais importante para entender a causa da opressão da mulher do que o sexismo. Dessa forma, é possível visualizar que o feminismo marxista enxerga os sistemas de opressão de classe e masculinos como sistemas separados (TONG, *et.al.*, 2018). Assim as autoras ligadas a esses feminismos, ancoram-se na visão do capitalismo como um sistema de exploração que oprime mulheres enquanto trabalhadoras e o sistema patriarcal que lhes explora enquanto mulheres (TONG, *et.al.*, 2018).

O marxismo, de maneira geral, analisa a relação de monopólio dos meios de produção, incluindo ferramentas, fábricas, terra, meios de transporte e de comunicação fazendo com que os trabalhadores tenham uma escolha entre a sujeição à exploração ou não ter nenhum trabalho. Para autoras marxistas, uma mulher que seja “pobre, iletrada e não tenha mão de obra qualificada precisa escolher entre vender suas capacidades sexuais ou reprodutivas” (TONG, *et.al.*, 2018, p.1599). Nessa visão o sistema capitalista apresenta-se muito mais coercitivo sobre as mulheres.

Embora não tenha criado a opressão a mulheres (ARRUZZA, *et.al.*, 2019), o capitalismo possui dois imperativos que contribui para exploração de corpos femininos: o trabalho produtivo com vistas à obtenção de lucro e a reprodução social que “abrange atividades que sustentam seres humanos como seres sociais corporificados que precisam não apenas comer e dormir, mas também criar suas crianças, cuidar de suas famílias e manter suas comunidades” (ARRUZZA, *et.al.*, 2019, p.106). O capitalismo é, portanto, um sistema que funciona de acordo com a subordinação dos trabalhadores não assalariados aos trabalhadores assalariados, criando uma divisão sexual do trabalho.

Silvia Federici (2019) considera que “tal como Deus criou Eva para dar prazer a Adão, assim fez o capital com a dona de casa para servir física, emocional e sexualmente o trabalhador do sexo masculino” (FEDERICI, 2019, p.44). Na visão da autora, enquanto o homem é explorado pelo sistema fabril, a mulher tem seu corpo explorado visando a reprodução e acumulação de trabalho (FEDERICI, 2017). Nesse sistema capitalista, o trabalho doméstico é

considerado “não-trabalho” (FEDERICI, 2017), ou trabalho afetivo (FEDERICI, 2019), dessa forma não é passível de remuneração pois não é considerado um trabalho produtivo.

Compreendendo que o feminismo marxista parte do pressuposto de que o trabalho de reprodução não é considerado trabalho, uma parte da luta das feministas marxistas consiste em fazer com que mulheres adquiram consciência de que o trabalho doméstico precisa ser reconhecido como um trabalho que é sim produtivo (TONG, *et.al.*, 2018). Afinal, “essa ideologia que opõe a família (ou a comunidade) à fábrica, o pessoal ao social, o privado ao público, o trabalho produtivo ao improdutivo é funcional à nossa escravização na casa” (FEDERICI, 2019, p.77) e torna-se um ato de desvalorização cultural e social velado com uma roupagem de amor e afeto.

Uma vez que o trabalho da mulher se faz necessário dentro de casa, numa perspectiva de dominação masculina, passamos a entender o motivo pelo qual a mulher é considerada, então, uma força de trabalho secundária (FEDERICI, 2017; TONG, 2018; FEDERICI, 2019). Assim, a opressão da mulher no sistema capitalista se dá também porque o seu trabalho “dentro ou fora de casa ainda não é pago, ou mal pago ou desvalorizado” (TONG, *et.al.*, 2018, p. 1967).

4.4 - Mulheres de minorias étnicas

Pensando no Sul global, temos o entendimento de que as mulheres colonizadas e não-brancas foram destituídas de poder e marginalizadas. O uso simplesmente do conceito mulher “apaga a diferença entre mulheres em contextos sócio-históricos específicos” (hooks, 2019, p.229), da mesma forma o uso da palavra “negro” em certa medida seleciona homens negros heterossexuais (KRENSHAW, 1989). O termo mulheres de minorias étnicas é usado no português em substituição a “*women of color*” por se considerar essas pessoas sofrem opressão ao mesmo tempo por serem mulheres e como pessoas de minorias étnicas (DAVIS, 1984; KRENSHAW, 1989, TONG, *et.al.*, 2018).

Em um primeiro momento, podemos dizer que as mulheres de minorias étnicas atuaram junto com as mulheres brancas e contribuíram para o sufrágio feminino. Em seu discurso improvisado em 1851, Sojourner Truth marca com a

repetição da frase “E eu, não sou uma mulher?” (TRUTH, 1851) o que é considerado o início do feminismo negro na Convenção dos Direitos das Mulheres e Ohio (AKOTIRENE, 2018).

Desprendendo-se um pouco das mulheres brancas e compreendendo que os problemas enfrentados por elas não são os mesmos que os problemas enfrentados por mulheres de minorias étnicas - e também por não encontrar espaço no feminismo liberal para discutir os direitos de minorias - muitas mulheres destas minorias organizaram seus próprios grupos num momento em que se considera a segunda onda feminista (TONG, *et.al.*, 2018). Podemos citar o Combahee River Collective, Comisión Femenil Mexicana Nacional e a North American Indian Women's.

Via de regra, essas mulheres acreditam que há um entrelaçamento dos sistemas de opressão: de classe, raça, gênero, sexualidade (DAVIS, 1984; LORDE, 1984; DAVIS, 1984; KRENSHAW, 1989, TONG, *et.al.*, 2018) que não podem ser compreendidos se analisados separadamente. A experiência de mulheres negras, mães, lésbicas só pode ser compreendida inteiramente se essas categorias não forem desligadas uma da outra.

Dessa forma, para se contrapor ao feminismo neoliberal de empoderamento (ARRUZA, *et al.*, 2019) e dar voz àquelas que não são mulheres (TRUTH, 1851) ou que são “bravas”, como descreve Gloria Hull (1982), o feminismo negro, interseccional, denuncia o quanto as mulheres negras são afetadas pela encruzilhada das categorias raça, classe, sexualidade e gênero enquanto aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2018).

A interseccionalidade “nos mostra um vazio” (LUGONES, 2020), ao mesmo tempo em que:

conecta dois lados da produção de conhecimento, a saber, produção intelectual de indivíduos com menos poder, que estão fora do ensino superior, da mídia de instituições similares de produção de conhecimento, e o conhecimento que emana primariamente de instituições cujo propósito é criar saber legitimado. A interseccionalidade pode ser vista como uma forma de investigação crítica e de práxis (COLLINS, 2017, p.7).

Em vista disso, compreendemos que os estudos interseccionais se contrapõem às ideias iluministas europeias, de autoritarismo das elites (GASPAR, *et.al.* 2018) que tendem a adotar o termo “mulher” como uma categoria universal e que analisam as questões complexas e encruzilhadas de

gênero, raça, classe e sexualidade como problemas descolados uns dos outros.

4.5- Feminismo *queer*

Como uma resposta ao enfraquecimento do conceito de mulher em oposição ao de homem, e com a ascendência do pós-estruturalismo, algumas feministas buscaram compreender os fenômenos dos sistemas de poder e opressão relacionados às categorias de gênero e sexualidade. Antes da inserção das discussões sobre gênero havia uma naturalização do que se concebe como homem e mulher, reproduzindo uma lógica excludente e opressora, onde o que quer que não se enquadrasse nos ditames sociais para tais categorias era reconhecido como anormal .

Por entenderem que os pares homem e mulher ou masculino e feminino ainda reforçam o binarismo imposto, e continuam operando sob uma lógica opressora, excludente e dominante (MARIANO, 2005) se demanda a necessidade de se falar em uma outra categoria: gênero. Para autoras como Louro (1997) e Scott (2005), o gênero surge em contraposição à determinação imposta pela categoria biológica “sexo”, este remetido a um determinismo biológico imposto, aquele como uma recusa a esta determinação, bem como uma investigação das construções sociais em torno do que se constituem como o “masculino” e o “feminino” em meio a relações de poder.

Existe, portanto, uma necessidade de se entender as relações de poder atravessadas pela compreensão de gênero e sexualidade, pois, de acordo com essa perspectiva, essas categorias não são lineares, nem destituídas do processo histórico da humanidade (SCOTT, 2005; TONG, *et.al.*, 2018). Como uma teoria que se propõe a estudar as relações de poder, a teoria *queer* parte do entendimento de que as relações de poder estão atreladas ao sujeito (BUTLER, 2007), portanto gênero e sexualidade são considerados dispositivos “identitários que engendram discursivo de verdade imbricados nos processos de (auto)constituição do sujeito” (TONELLI, 2012,p.186).

Aponta-se para as armadilhas ao se tratar de gênero como uma identidade, uma vez que o conceito de identidade expressa algo relativamente estático, normativo (BUTLER, 2003). Não se trata, contudo, de eliminar a existência de conceitos como feminino, masculino ou de identidade dessa

teoria feminista: existe a compreensão de que a abordagem do tema deve se dar muito mais como uma variável do que como uma constante (MARIANO, 2005).

A teoria *queer* se propõe a investigar os processos de socialização do sujeito que são tecidos em meio a redes de poder e que produzem ou forjam, por meio do exercício desse poder, com manobras discursivas, técnicas o que se constitui como homem ou mulher (BUTLER, 2007; COSTA, *et.al.*, 2012). Assim, a concepção de homem e mulher é formada não só por meio de mecanismos de controle e repressão, mas também pela instituição de gestos (COSTA, *et.al.* 2012; PERUCCHI, 2012).

Portanto, entende-se que gênero e sexualidade são compreendidos muito mais como performáticos e advindos da experiência (BUTLER, 2003). Nesse sentido, tem sido frequente o uso de categoria como “mulheres”, “femininos”, “feminilidades” e “feminismos” no plural, como forma de se ressaltar essa diversidade. Conscientes dos limites da categoria “mulher” utilizada singularmente para a luta feminista (CORREA, 2016), ressaltamos neste trabalho o reconhecimento da pluralidade da condição feminina.

4.6 - A história dos feminismos no Brasil

Um marco considerado fundador do feminismo moderno foi a publicação do livro “Uma reivindicação pelos direitos da mulher” (*A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*), escrito em 1792 por Mary Wollstonecraft, onde no livro, a autora responde a críticas emitidas em relação às mulheres por Rousseau em seu livro *Émile* (1762) e, como aponta o título faz reivindicações a respeito da equidade de direitos entre homens e mulheres, que vão desde educação até a questão sexual. O livro de Mary só foi traduzido para o Brasil em 1832, por uma professora chamada Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). Embora tenha sido realizada uma tradução livre, quase antropofágica, adaptando as ideias advindas da Europa para o contexto das mulheres brasileiras, aqui já é possível observar que esse primeiro momento feminista veio de fora, não nasceu entre nós (DUARTE, 2019).

Na América Latina, de acordo com Soledad Jara, Valeria Montalvo e Sandra Arévalo (2019), o movimento feminista destacou-se somente fim do século XIX e início do século XX. Nesse momento, as mulheres lutavam principalmente pelo direito ao acesso à educação, pois o direito básico de ler e escrever naquele momento era privilégio masculino (DUARTE, 2019). Essa luta é importante quando analisamos a Constituição de 24 de março de 1824 que considerava como cidadãos ativos, isto é, aqueles capazes de eleger integrantes do governo, cidadãos livres, maiores de 25 anos e com renda anual mínima de 100 mil réis (MARQUES, 2019). Nessa Constituição, considera-se as mulheres e crianças como cidadãs passivas – inativas (MARQUES, 2019). Para que fosse possível lutar por sua emancipação política, essas mulheres precisariam antes “ser consideradas seres pensantes” (DUARTE, 2019, p.29).

Em meados do século XIX começam a surgir as primeiras mídias impressas feministas, com a inauguração dos periódicos: O Quinze de Novembro do Sexo Feminino, que defendia o direito ao ensino secundário para mulheres; O Domingo e o Jornal das Damas, que traziam publicações referentes ao acesso a ensino superior e trabalho remunerado; A Família, que “destacou-se principalmente pelo tom assumidamente combativo em prol da emancipação feminina, questionando a tutela masculina e testemunhando momentos decisivos da história brasileira e das investidas das mulheres por mais direitos” (DUARTE, 2019, p. 33).

Nessa época temos notícias publicadas com bastante entusiasmo na imprensa feminista das primeiras brasileiras cursando universidades no Brasil e no exterior (DUARTE, 2019). Na contramão disso, a imprensa masculina adotou estratégias de zombaria (SOIHET, 2005), criando estereótipos de “homossexual, feia, revoltada, solteirona, fracassada, inimiga dos homens” (SOUZA, 2018, p.71), e insistindo na impossibilidade de essas mulheres cuidarem de suas casas, maridos e filhos e exercer o papel profissional (DUARTE, 2019). Com o acesso à profissionalização, as mulheres passaram a reivindicar também acesso a profissões, não queriam mais ser apenas professoras, mas almejavam ingressar no comércio, na indústria (DUARTE, 2019).

Já na década de 1910, uma professora conhecida no recôncavo baiano, Leolina de Figueiredo Daltro, insatisfeita com o tratamento recebido por

homens que compunham o Instituto Histórico e convencida de que as mulheres sem o direito de votar e escolher suas representantes e sem acesso a educação profissionalizante não seriam ouvidas por homens - e não teriam, portanto, autonomia - reuniu um grupo de mulheres e fundou o Partido Republicano Feminino, registrado em dezembro de 1910 (MARQUES, 2019). É também nessa década que a professora Maria Lacerda de Moura se juntaria a engenheira Stella Duval e à bióloga Bertha Lutz para a fundação da Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, que seria o embrião da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, nome associado à história dos feminismos no Brasil (MARQUES, 2019).

Na década de 1920, já é possível enxergar uma divisão nesses movimentos feministas (DUARTE, 2019): de um lado, temos: o feminismo burguês, de imprensa e bem comportado, não preocupado em romper com padrões de gênero; uma segunda vertente e mais difusa, através da imprensa alternativa, mulheres com questionamentos mais vastos, reclamando a respeito da dominação do homens na esfera pública, falando sobre sexualidade e divórcio; e, finalmente, uma terceira vertente, malcomportada, anarquista “levantando questões acerca da exploração do trabalho feminino, do amor livre e do controle da natalidade” (SOUZA, 2018, p.65).

No fim da década de 1920 foi possível inclusive ver a primeira mulher ser eleita como prefeita (Alzira Soriano, no município de Lajes em 1929), ainda sem contar com sufrágio feminino no Brasil, mas com uma lei eleitoral no Rio Grande do Norte dispoendo que todos poderão votar e ser votados independentes do sexo (MARQUES, 2019). No entanto, o voto feminino somente foi possível com o Código Eleitoral de 24 de fevereiro de 1932, onde Vargas “acolheu o voto feminino sem condições excepcionais. As mulheres poderiam votar e ser votadas” (MARQUES, 2019, p.73), após quarenta anos de mulheres lutando contra “sofismas jurídicos, argumentos moralistas, ridicularização e violência policial” (DUARTE, 2019, p. 60). Entendemos que a luta pelos direitos não tem uma trajetória linear:

posto que os direitos são conquistas históricas sujeitas a retrocessos, é possível distinguir dois grandes momentos na luta pelos direitos das mulheres no Brasil: a ditadura e a democracia (PITANGUY, 2019, p. 81).

No Brasil, a organização do movimento feminista e de sua consequente visibilidade se deu principalmente num regime de exceção política, após o golpe militar de 1964 (HOLLANDA, 2019). Na luta contra o Estado autoritário, as mulheres da luta feminista frequentemente eram associadas ao Partido Comunista (BERTOLIN, *et.al.*, 2018; HOLLANDA, 2019), sob o slogan “o povo unido jamais será vencido” e encontravam pouco espaço para agendas específicas e “incômodas das lutas feministas” (HOLLANDA, 2019, p.10).

Nos anos 1970 e início dos anos 1980, as feministas brasileiras desenvolveram a campanha “Quem ama não mata”, denunciando a quantidade de feminicídios perpetrados por maridos ou companheiros. A campanha também demonstra a relação entre a subordinação legal da mulher na família, regida pelo Código Civil de 1916, que era ancorado em valores patriarcais, e violência doméstica. Junto disto, o movimento feminista brasileiro da época também denunciava o papel da educação e dos meios de comunicação no reforço de estereótipos do masculino e do feminino, reiterando o lugar da mulher como doméstico, e o do homem como de dominação social (BERTOLIN *et.al.* 2018).

A partir do fim da década de 1970, no Brasil, tem-se um aumento da participação de mulheres na política, atribuída à efervescência dos movimentos feministas pós-1975. Em 1987, o Brasil contava com uma bancada feminina de 29 parlamentares, considerada por Patrícia Bertolin *et.al* (2018) a participação de mulheres na política mais expressiva da história naquele momento. Uma das conquistas do lobby feminista foi o reconhecimento da entidade familiar como uma união estável entre homem e mulher⁴, mesmo sem casamento, colocando-se no texto constitucional a igualdade da chefia conjugal. Apesar de todas as agruras enfrentadas, o movimento feminista conseguiu denunciar a violência doméstica enfrentada por mulheres e “questionou a aceitação, por parte da sociedade em instâncias policiais e da justiça, das agressões perpetradas no espaço do lar e/ou envolvendo homens e mulheres com relacionamentos afetivos” (BERTOLIN, *et.al.*, 2018, p.6).

Por outro lado, havia também a interlocução do movimento feminista

⁴ Entendemos a limitação imposta ao se considerar o casamento como a união somente entre homens e mulheres

com a Igreja Católica progressista, instituição considerada importante na atuação contra a violência de Estado (BERTOLIN, *et.al.*, 2018; HOLLANDA, 2019). Uma dessas organizações ficou conhecida como Católicas pelo Direito de Dedicir (CDD), inicialmente um grupo pequeno de mulheres que buscavam compreensão a respeito de temas relativos à sexualidade, mulher e religião (BRITES, 2014). O CDD surge na década de 1980, no fim da Ditadura Militar no Brasil com uma proposta “de conhecer a argumentação “de dentro”, no cerne eclesiológico da Igreja Católica para, por outro lado, pensar como o discurso católico construiu corpos (masculinos e femininos), comportamentos e mentalidades (BRITES, 2014, p.43)”. No entanto a organização encontra uma barreira dogmática, uma vez que as mulheres lutavam com a ideia “Nosso Corpo Nos Pertence’ defendendo a autonomia sexual e reprodutiva das mulheres. O direito ao aborto, e mesmo o acesso a certos métodos contraceptivos, contrariavam drasticamente a posição da Igreja. (BERTOLIN, *et.al*, 2018, p.6).

No início dos anos 1990 e 2000, “os estudos feministas entre nós se ampliam em pautas, questões e terrenos disciplinares, apesar de conhecerem certo refluxo entre as gerações mais jovens” (HOLLANDA, 2019, p. 19). Nas universidades podemos presenciar um aumento de coletivos feministas, aumento de publicações, não mais restritas às ciências sociais. As áreas de letras, belas-artes, comunicação e arquitetura são surpreendidas pela entrada maciça de pesquisadoras particularmente interessadas nas questões da desconstrução das noções de gênero e sexualidade, a diversidade de feminismos – agora sempre usado no plural -, colocando em pauta o debate sobre ‘lugar de fala’ (HOLLANDA, 2019, p. 19) A partir desse momento o feminismo passou a utilizar também as ferramentas da sociedade informacional como recurso de interações.

5 - METODOLOGIA

Consideramos que para compreender os antifeminismos - e os recursos utilizados para desqualificar os feminismos - assim como essas políticas “antidemocráticas e retrógradas, devemos primeiro observar, escutar, enxergar a realidade e entendê-la” (GALLEGO, p.80, 2018). Considerando-se as dificuldades de trabalho de campo relacionadas ao contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil, que dificultou trabalhos de campo presenciais, e o número crescente de pesquisas que usam a Internet como possibilidade de pesquisa, optamos pela realização de trabalho de campo virtual.

Na atualidade, a *Internet* tem se configurado como um campo importante de pesquisa sobre relações humanas (PRIOSTE, 2003; ANTUNES, *et. al.* 2017; SILVA, 2018; FRANÇA, 2018), uma vez que “a *Internet* se infiltrou e se consolidou – ao menos em algumas camadas da população – nas nossas vidas cotidianas como uma parte importante, senão central, para nossas interações e comunicações com o(s) outros(s)” (ZAGO, *et. al.* 2001, p. 40).

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), houve um crescimento em anos recentes na conexão de domicílios à *Internet*, ocorrendo maior expansão no uso de tecnologias na zona rural. Na zona rural, os percentuais obtidos sobre acesso à *Internet* relatados foram de 49,2% em 2018 e de 55,6% em 2019, enquanto na área urbana temos 83,8% em 2018 e 86,7% em 2019 (IBGE, 2019). De acordo com a pesquisa existe um total de 12,6 milhões de domicílios sem acesso à *Internet*, seja por falta de interesse (32,9%), devido à precificação do serviço - que é considerada caro (26,2%) - ou ainda pelo fato de nenhum morador saber acessar a *Internet* (25,7%) (IBGE, 2019). De certa forma, podemos ver uma mudança em relação a análises anteriores que relatavam que a tecnologia se encontrava mais acessível para “pessoas de classe-média baixa para cima, letradas, jovens e residentes em regiões urbanas” (MISKOLCI, 2011, p. 11).

Nesse contexto, torna-se importante estudar os cenários virtuais e entender como os movimentos conservadores se articulam nesse cenário. “Em tempos de caça a professores e pensadores, atos tão básicos como a produção de análises críticas são ainda mais urgentes” (TIBURI, 2019). A *Internet* tem se apresentado no cotidiano brasileiro cada vez mais como um

veículo de diversão e transações comerciais (PRIOSTE, 2003):

em suas redes sociais, os internautas podem “postar”, “compartilhar” e atuar na divulgação de conteúdos que, em geral, são produzidos por uma classe interessada em expandir seu cibermercado. Agem na proliferação das ideias e interesses de uma cultura dominante, assim como são ativos nas compras, que podem ser efetuadas instaneamente, conquanto pareçam continuar alheios à própria vida (PRIOSTE, 2003, p.53).

Embora o Brasil seja um país marcado profundamente pela desigualdade social, o Comitê Gestor da *Internet* no Brasil destaca que o uso da *Internet* no Brasil quase dobrou nesta última década (CGI, 2020b). É também relevante falar sobre a pandemia de COVID-19, que inicialmente como medida de proteção fez com que as pessoas se mantivessem em casa e adaptassem sua rotina de trabalho ou estudo (ver Tabela 1), havendo assim um aumento expressivo do uso da *Internet* (CGI, 2020a).

Tabela 1 - Comparação do uso da *Internet* para trabalho ou estudo entre os anos 2019 e 2020 no Brasil:

Atividade	Pesquisa 2019	Pesquisa 2020
Ensino Fundamental	24%	52%
Ensino Médio	39%	57%
Trabalho	41%	53%

Fonte: Combinação de dados obtidos no Painel do Comitê Gestor da Internet

Por mídias digitais, objeto de estudo desta pesquisa, entendemos que se trata uma forma de comunicação que utiliza meios eletrônicos conectados em rede, referindo-se tanto ao suporte material, como celulares, computadores, tablets, como à conexão (MISKOLCI, 2011). Neste viés, a *Internet* é uma ferramenta, de coleta, ordenação e armazenamento de informações e mediadora de fenômenos sociais (MARKHAM, 2008). Um dos limites das pesquisas em redes sociais, contudo, é a dificuldade de consideração de forma apurada do perfil dos usuários das mídias digitais em termos de escolaridade, geração, gênero, raça e classe.

Com o movimento de expansão da *Internet* a partir dos anos 1990, e o consequente aumento de pesquisas nos espaços de interação social *on-line*, surgiram preocupações éticas em relação a este campo (MARKHAM, 2006). A

preocupação ética com a pesquisa em *Internet* ainda é similar a ética em pesquisas *offline*, portanto, “não há necessidade de reinventar a roda em termos de práticas de pesquisa” (MARKHAM, 2006, p.4). Partimos da compreensão de que o caráter público das mídias sociais não é consensual (ROMANCINI, 2011), portanto respeitaremos os espaços em que existe expectativa de privacidade daqueles que postaram em grupos públicos. Para tanto, não serão utilizadas informações ou postagens referentes aos perfis pessoais dos participantes das páginas citadas.

O *Facebook* é uma rede social que integra uma macroestrutura tecnológica agrupando atores sociais, pessoas ou instituições, tendo como proposta a conexão de laços sociais e a troca de conteúdo (VERMELHO, *et.al.*, 2014). Nessa plataforma é possível criar um perfil pessoal, de pessoa pública, instituições ou causas, bem como grupos abertos ou fechados para usuários que compartilhem interesses comuns. As interações no *Facebook* podem se dar por meio de curtidas, comentários, compartilhamentos.

No caso dos grupos abertos, qualquer usuário da rede pode pesquisar uma palavra-chave, e caso tenha interesse pelo grupo participar, sob a forma de “seguir o grupo”, o que faz com que as postagens possam aparecer em suas atualizações, ou simplesmente acompanhá-lo, sem necessariamente fazer parte dele. Já o grupo fechado depende de uma autorização prévia de moderadores ou moderadoras para que se possa ter acesso ao conteúdo ali publicado.

5.1 Descrição das páginas visitadas

Em um primeiro momento, realizamos uma pesquisa exploratória por páginas do Facebook com conteúdos associados ao antifeminismo e a políticas de retrocesso em relação a questões de gênero, com participação predominante de pessoas de Sorocaba. A partir dessa etapa exploratória, selecionamos as páginas de acesso aberto: Cristãos Conservadores Sorocaba, Desesquerdizando Sorocaba, Direita Sorocaba, Direita sorocabana. Algumas outras páginas foram exploradas nessa etapa, mas foram excluídas em nossas buscas devido ao conteúdo não apresentar interesse para a pesquisa ou

devido à repetitividade de compartilhamento de conteúdo entre as demais páginas, uma vez que nos pretendemos avaliar as publicações.

Direita Sorocabana (@DireitaSorocabana) se descreve como um “negócio local situado na Rua Coronel Benedito Pires, 44, sala 406 18010-160 Sorocaba, SP”, sobre “sorocabanos de direita em defesa da família e do cidadão comum”. Possui 30794 curtidas e 38715 seguidores⁵, é uma das páginas com maior volume de publicações e participação em publicações.

Direita Sorocaba (@SorocabanaDireita) foi criada em agosto de 2017 e descreve-se como “figura pública, organização política, causa” situada em Sorocaba-SP “sobre o sorocabano conservador”. Possui 4062 curtidas e 4087 seguidores e todas as publicações recentes utilizadas para a nossa pesquisa são relacionadas ao vereador Dylan Dantas (PSC), representante do Movimento Conservador e membro do Instituto Conservador.

Desesquerdizando Sorocaba (@DesesquerdizandoSOR), página criada em março de 2015, descreve-se como “organização política, sem demais descrições”, deixando apenas números para contato via Whatsapp. Possui 1037 curtidas e 915 seguidores.

Cristãos Conservadores de Sorocaba (não possui link encurtado em forma de @), foi criada em junho de 2013 e descreve-se como uma “organização política, sem mais descrições”, Tem 169 curtidas e 173 seguidores. Embora possua baixo volume de publicações e participação, é uma das páginas que tem mais conteúdos compartilhados posteriormente por outras páginas citadas nessa pesquisa.

Foi feita a análise de todas as publicações nas quatro páginas citadas, no período compreendido entre início de 2018 a fevereiro de 2021, seguindo-se a proposta de análise dos dados a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2016). Para Bardin, (2016), a análise de conteúdo é semelhante a um trabalho arqueológico (BARDIN, 2016), tendo a intenção de buscar vestígios, descrever o conteúdo de mensagens, inferindo “conhecimentos relativos às condições de produção” (BARDIN, 2016, p. 44) e levando em consideração o contexto da mensagem. Desta forma, para a autora, trabalhar com tal metodologia é lidar com uma gama de técnicas de:

⁵ Essa contagem foi feita ao final do trabalho de campo, no final de fevereiro de 2021

análise das comunicações, visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p.48).

A pesquisa que lança mão da análise de conteúdo como método lida, portanto com dois polos: o rigor e a necessidade de descobrir. A pesquisadora acredita que a análise de conteúdo tem duas funções: uma heurística, sustentada pela análise exploratória do campo, e uma função de administração de prova, que diz respeito ao levantamento de hipóteses, que por sua vez servem como base para uma análise sistemática a fim de se confirmar a pressuposição inicial. Para tanto, a autora nos orienta dividir a pesquisa nas seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, lançando mão de procedimentos de inventário e classificação, além do uso de leituras sistemáticas (BARDIN, 2016), retomando sempre o corpo teórico a fim de desenvolver e aperfeiçoar as categorias abordadas neste trabalho.

Em um momento inicial, de pré-análise, estabelecemos contato com algumas páginas do *Facebook* realizando uma leitura flutuante, objetivando verificar a pertinência, homogeneidade, representatividade e a exaustividade de determinados temas de interesse da nossa pesquisa, para que posteriormente pudéssemos realizar a escolha das páginas nas quais nos debruçaríamos, com a exploração sistemática do material disponível para a realização de um inventário. Nesse momento em que coletamos e “editamos” começam a aparecer sintagmas relevantes para a padronização e classificação do conteúdo coletado.

Dando continuidade ao trabalho com análise de conteúdo é realizada a etapa de exploração do material, onde codificamos os resultados obtidos em função de um corpo teórico utilizado para realizar expedições ao campo relacionadas ao tema de pesquisa: “o tema é a unidade de significação que naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2016, p.135). Temos, portanto, que em geral o tema é utilizado para estudar “motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc” (BARDIN, 2016, p.135). Esse mergulho temático diz respeito a uma busca por categorias que fazem parte da

comunicação, em nosso caso, nas redes sociais, cuja ocorrência seja relacionada ao nosso objetivo de pesquisa.

Finalmente, na etapa de tratamento dos resultados obtidos e de interpretação destes resultados, os dados brutos obtidos nesse mergulho exploratório são tratados de modo a serem significativos e válidos por meio de análise qualitativa das categorias selecionadas para nosso trabalho. Na etapa de análise é realizada a elaboração de deduções ou inferências acerca do material coletado.

6 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise realizada, o conteúdo foi dividido segundo as seguintes categorias principais: a “*ideologia de gênero*”; o pânico moral e a tematização da pedofilia e do aborto; a suposta “*vagabundagem*” de pessoas do campo progressista; a conexão de pessoas progressistas com loucura e/ou uso de drogas; a ligação de feministas com feiura e falta de cuidados estéticos; a presumida associação de pessoas progressistas com “*sujeira*”; a crítica das novas masculinidades. Orientamos que tais categorias de análise se interseccionam no campo, não ocorrendo completamente descoladas uma da outra.

6.1 - “Ideologia de gênero”

Passamos por um momento no Brasil em que para falar sobre gênero e sexualidade precisaremos atravessar o território do conservadorismo e do fundamentalismo religioso. Existe um papel importante da retórica religiosa na contestação do que se chama “ideologia de gênero”. Nessa investida religiosa é comum observarmos os termos “teoria de gênero” ou “ideologia de gênero”, fazendo uma aproximação a algo de caráter duvidoso, suspeito e que carece de fundamentação científica (JUNQUEIRA, 2018).

A primeira vez que o termo “ideologia de gênero” foi constatado em um documento da Igreja Católica foi em 1998 em um informe da Comissão da Mulher da Conferência Episcopal Peruana intitulado “Ideologia de gênero: seus perigos e alcances” (BIROLI, *et. al.*, 2020). No documento aponta-se para uma necessidade da agenda feminista de pleitear liberdade sexual, incluindo o direito à preferência sexual, controle de produções ideológicas e culturais, apoio econômico para a educação de crianças e a necessidade de ajuda mútua, que vai desde a criação de órgãos estatais específicos para apoio a mulher, até a sindicalização delas (CONFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA, 1998).

Da mesma forma que a Igreja Católica possui influência no Brasil e nas formas de regular a sexualidade e o conceito de família, também devemos levar em consideração o impacto das igrejas evangélicas. De acordo com

dados do último censo demográfico realizado (em 2010) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Brasil 64,63% dos respondentes declaravam-se católicos, ao passo que os evangélicos eram 22%. Ainda trazendo paralelos estatísticos, em 2016, o Datafolha produziu uma matéria com a chamada: 44% dos evangélicos são ex-católicos, trazendo dados de que o índice de católicos havia reduzido para 50% da população e o de evangélicos aumentado para 29% da população brasileira (DATAFOLHA, 2016).

Esse grupo sentiu ameaçados os valores morais religiosos defendidos com o avanço de movimentos feministas e movimentos LGBTQIA+ (MIGUEL, 2018). Nas páginas analisadas, porém, não há somente a defesa dos valores morais associados ao cristianismo, mas a referência a sofrerem perseguição religiosa por defenderem expressões de gênero tradicionais binárias e por pregarem a heteronormatividade (CRISTÃOS CONSERVADORES SOROCABA, 17 de junho de 2020).

Em nossa pesquisa de campo é bastante recorrente a defesa frente às acusações de homofobia feita por segmentos progressistas aos grupos conservadores. Isso pode ser observado em uma publicação de 17 de junho de 2020 na página *Cristãos Conservadores de Sorocaba*, em que um casal cita que *“o próximo criminoso pode ser você, porque agora pregar o evangelho virou crime (...)mais um religioso é investigado por defender princípios e valores, por defender o evangelho”*, usando como pauta uma notícia do jornal G1 de Pernambuco cujo título é: MMPE abre inquérito para investigar padre após denúncia de ‘LGBTfobia’ durante missa (G1, 2019).

Entendemos a sexualidade como parte do comportamento humano, portanto fruto da atividade humana, sendo sua expressão frequentemente revestida de caráter político, havendo períodos em que sua manifestação é “contestada e excessivamente politizada” (RUBIN, 1992, p.1).

A associação entre conservadorismo e religiosidade não é uma particularidade do Brasil e nem do momento atual. Nos Estados Unidos, por exemplo, nos anos 1970 houve um movimento chamado Save our Children (“Salvem nossas crianças”) que teve participação ativa de cristãos e conservadores, sendo um dos primeiros movimentos organizados contra a expansão dos direitos LGBTQIA+. Tendo o lema da campanha “Save our children from homosexuality” (salvem nossas crianças da homossexualidade),

a campanha pedia a revogação de um decreto feito contra discriminação de pessoas homossexuais (Decreto de Dade County de 1977) e usava o discurso em prol da família mostrando o risco que pessoas LGBTQIA+ apresentavam para as crianças devido a seus comportamentos promíscuos, imorais e da confusão de performances de gênero, desafiando os princípios morais estabelecidos (CLENDINEN, 1999).

No Brasil a votação da Política de Educação Nacional (PNE) deixou clara a aliança entre parlamentares católicos e evangélicos do Congresso Nacional contra a possibilidade de discussão de gênero e sexualidade na educação:

o debate no Brasil sobre o material educativo produzido no âmbito do programa Brasil sem Homofobia, denominado Escola sem Homofobia e chamado por seus opositores de “kit gay”. A lógica por trás dessas ações é que o conteúdo da educação sexual deve ser definido pela família, com participação subsidiária do Estado. Além disso, consideram que a educação orientada pelo paradigma dos direitos sexuais e reprodutivos é pouco científica e tem como objetivo ideologizar as crianças e destruir a família nuclear (VAGGIONE, 2020, p.73-74).

No discurso dos grupos conservadores, é frequente a referência a uma preocupação com os valores associados à família ou passados a uma criança, supostamente inocente e vista como ausente de qualquer manifestação de sexualidade. Esse discurso é comumente associado ao do debate do movimento “Escola sem Partido⁶”. Um Projeto de Lei de 2014 no Rio de Janeiro, por exemplo, cujo autor era o então Deputado Flávio Bolsonaro, tinha como objetivo vedar a “prática da doutrinação política e ideológica em sala de aula, bem como a veiculação, em disciplina obrigatória, de conteúdos que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos estudantes ou de seus pais.” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015). Na página *Direita Sorocaba* existe uma publicação de 20 de janeiro de 2021 do vereador Dylan Dantas:

⁶ O Escola Sem Partido é um movimento cujos objetivo principal alegado é a luta contra a dominação ideológica em escolas, alegando busca pelo direito de pais poderem dar a seus filhos educação moral de acordo com suas convicções (RIO DE JANEIRO, 2014)

Figura 1 - Doutrinação ideológica



Fonte: Direita Sorocaba, 20 de janeiro de 2021

Protocolei recentemente três Projetos de Lei, o Escola Sem Partido, o de Combate à Erotização Infantil e o que regulamenta o Ensino Domiciliar.

Desde 2010 venho lutando contra a doutrinação ideológica e agora como seu vereador, vou continuar defendendo nossas crianças. Acompanhem meus trabalhos. Se inscreva em meu Canal do Telegram: <https://t.me/dylاندantas> (DIREITA SOROCABA, 20 de janeiro de 2021)

A página *Cristãos Conservadores Sorocaba*, em 18 de outubro de 2020, postou uma mensagem com o título de “*Alerta importantíssimo*”, acompanhada de um vídeo do Pastor Silas Malafaia fazendo um apelo às pessoas para que não votem em partidos de esquerda, pois para o pastor “*a esquerda é aliada da ideologia de gênero*”. A publicação foi compartilhada também em outras páginas analisadas (*Direita Sorocaba* e *Desesquerdizando Sorocaba*), na mesma data.

Os apelos ao eleitorado conservador se intensificaram em outubro de 2020, ocasião do primeiro turno da eleição para prefeito da cidade, onde o

⁷ Contém a imagem de uma criança riscando comunismo de uma lousa, colocada em oposição a um homem idoso uniformizado como comunista. A imagem contém a legenda: Denuncie qualquer tipo de doutrinação ideológica, material ideológico, erótico ou sexualizado nas escolas. Encontra-se também na imagem as redes sociais do vereador sorocabano conservador Dylan Dantas e o slogan: deus, pátria, família e liberdade.

candidato do PSOL era um dos líderes nas pesquisas. Em uma publicação da página *Desesquerdizando Sorocaba* em 26 de outubro de 2020, com o título “*E aí sorocabano, vai de PSOL?*” foi repostado um vídeo do Presidente da República Jair Bolsonaro, gravado por ocasião do segundo turno nas eleições municipais de 2016, expressando sua opinião sobre os riscos de uma vitória do PSOL em Sorocaba⁸, onde o então deputado afirma que “*é o partido que quer ensinar criancinhas de 6 anos de idade a fazer sexo na escola, olha o exemplo do colégio Pedro II no Rio de Janeiro tomado pelo PSOL meninos estão usando banheiro de meninas, professor com saia* (BOLSONARO, 2016, 0:25; 0:40)”.

A fala do presidente está alinhada a princípios morais que tem como uma de suas influenciadoras principais a Igreja Católica, que prega o que seria uma ordem natural(izada) de família cristã, monogâmica, heteronormativa, conforme podemos apreender em documentos oficiais do Vaticano (JOÃO PAULO II, 1995). Essa lógica pode ser ilustrada na página *Desesquerdizando Sorocaba*, em uma reação de boicote à empresa de cosméticos Natura que lançou sua campanha de dia dos pais usando como garoto propaganda o ator transexual Thammy Miranda:

*De acordo com a natura, esse é o pai do ano!
Falta de respeito com os homens que realmente são Pais de verdade!!!
Sem essa de dizer que thammy é melhor que qualquer pai, isso é papo furado, conversinha para inversão de valores.
Do mesmo jeito que existe pai ruim, também existe mãe ruim!
Mas, isso não vem ao caso, até mesmo por que não se pode generalizar!
Ela (Feminino), thammy, não representa a figura masculina, ela tem que representar sua classe: os trans!
Tô nem aí para opção sexual alheia, só não venha me dizer que uma trans, pode representar um homem, pq não pode e ponto final!
Não aceito e nunca irei aceitar essa desconstrução da família tradicional, essa inversão de valores!
Uma pessoa não abandona seu filho simplesmente por que é homem ou mulher, ou por que é branco, preto ou amarelo, ou por que é conservador.
Isso nada tem a ver com gênero, cor ou raça, mas sim caráter!
Se quiser discutir, vá estudar Citogenética e prove que existe um terceiro tipo de cromossomo na determinação do sexo sem mimimi!!
O que mantém o equilíbrio da humanidade são os conservadores.
Quem concorda com essa situação é por que já tem sua mente cauterizada pelo Maligno.
Minha opinião é essa, doa a quem doer!!!!*

⁸ Raul Marcelo professor, advogado e político brasileiro afiliado ao PSol, que exerce atualmente seu segundo mandato como deputado estadual em São Paulo.

#NaturaNão (DESEQUERDIZANDO SOROCABA, 30 de julho de 2020).

Não somente seria um risco aceitar demais orientações sexuais, expressões de gênero ou mesmo modelos familiares, como também, segundo a página, a salvação para o que está dado são os valores conservadores. Este modelo de salvação, que coloca o outro em posição de ameaça a valores morais dados (como sendo perigosos, dentro de uma perspectiva maniqueísta) pode ser entendido a partir do conceito de pânico moral (COHEN, 1972). No excerto da postagem referida podemos perceber, também, a associação entre pecado e sexualidade, estando ambos, por sua vez, associados a expressões de gênero dissidentes. Na visão da direita conservadora, segundo Rubin (1992):

A cultura popular é permeada com ideias que a variedade erótica é perigosa, doentia, depravada, e uma ameaça a tudo desde pequenas crianças até segurança nacional. A ideologia sexual popular é uma sopa nociva de ideias de pecado sexual, conceitos de inferioridade psicológica, anti-comunismo, histeria de massa, acusação de bruxaria, e xenofobia (RUBIN, 1992, p.17).

Quando são trazidas à tona questões em relação aos corpos, sexualidade e gênero, a perspectiva adotada pelo fundamentalismo religioso é de uma retomada da biologização das diferenças sexuais (JUNQUEIRA, 2018). Dessa forma são distorcidas as demandas dos movimentos feministas e LGBTQIA+, consideradas parte de um construto ideológico que tem como objetivo principal destruir a família nuclear:

A luta contra a “ideologia de gênero” ocupa um lugar central nas intervenções políticas do Vaticano em recusa aos “novos direitos humanos” – eufemismo para se referir aos direitos sexuais e reprodutivos. Entre seus usos táticos, a “ideologia de gênero” remete a um caráter não científico e falso das demandas dos movimentos feministas e LGBTQI, inscrevendo uma antinomia entre os direitos sexuais e reprodutivos (o ideológico) e leis da natureza (o verdadeiro) (BIROLI, *et. al.* 2020, p.55).

A comunicação em massa (em nosso caso, via redes sociais), se dá principalmente por meio de estereótipos ou rótulos, a comunicação depende então do impacto do uso de determinadas palavras (COHEN, 1972). Em nosso campo foi comum a associação entre os termos “*ideologia de gênero*” e “*marxismo cultural*”. O segundo é fruto da “fusão com o reacionarismo moral, que passa por uma leitura fantasiosa da obra de Antonio Gramsci” (MIGUEL, 2018, p.230). O “*marxismo cultural*” seria um dos principais responsáveis pela

dissolução do sistema capitalista e o faria por meio do rompimento com a moral sexual e da destruição de sua *cellula mater*: a família (CARVALHO, 2014):

Direita Sorocaba!!

PSL Hoje na cidade de Sorocaba é um partido 100% esquerdista.

Assume a prefeita ESQUERDISTA JAQUELINE COUTINHO onde coloca em cargos públicos marido da Vereadora petista Iara Bernardi, enche a Sedu com esquerdistas e permite a pregação de ideologia de gênero para seus filhos nas escolas.

É isso que você quer para Sorocaba nos próximos 4 anos? (DESESQUERDIZANDO SOROCABA, 22 de março de 2020).

6.2 – O pânico moral e a tematização da pedofilia e do aborto

Em uma situação de pânico moral, “uma condição, um episódio ou um grupo de pessoas emerge para se tornar definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais” (COHEN, 1972, p.1). Em se tratando de pessoas com posicionamento mais progressista isso pode ser observado, por exemplo, na cultura norte-americana, onde entre os anos 1940 e 1960 “comunidades eróticas cujas atividades não se enquadravam no sonho americano pós-guerra atraíram grande perseguição. Homossexuais foram, juntamente com comunistas, o objeto da caça federal às bruxas e expurgos” (RUBIN, 2012, p.4).

Existe, portanto, um entrave entre determinados setores de nossa sociedade (conservadores e representantes da “nova” direita) que estabelecem um padrão de normalidade ligado a uma identidade sexual cisheteronormativa em função de um determinismo biológico (JUNQUEIRA, 2018; OLIVEIRA, *et. al.*, 2020). Dentro dessa perspectiva, aqueles/as que não se enquadram nessas condutas são considerados desviantes, patológicos e uma ameaça à família tradicional cristã (OLIVEIRA, *et. al.*, 2020; LEITE, 2019). Nos chama a atenção a criação de uma polarização entre a família supostamente verdadeira e tradicional ligada a valores cristãos e os homossexuais pedófilos (LEITE, 2019).

Nessa perspectiva, os comunistas, as pessoas de esquerda e também aqueles de práticas sexuais não normativas (incluindo homossexuais) são considerados perigosos por parte de segmentos mais conservadores. Essas pessoas se tornam público-alvo do pânico moral e “a mídia se torna inflamada

com indignação, o público se comporta como uma massa fanática, a polícia é ativada, e o estado põe em ação novas leis e regulações” (RUBIN, 2012, p. 36). Cria-se dessa maneira “a instauração de um regime de saber, poder e verdade atravessado pelo pânico moral” (OLIVEIRA, et.al, 2020, p.41) de modo que o setor conservador da sociedade considera a moral cristã como atemporal, portanto imutável, e percebe como ameaça a perspectiva de mudança advinda de lutas dos campos progressistas.

Em sua análise, Stanley Cohen (1972) chama atenção para uma estratégia discursiva utilizada de modo a provocar pânico moral. O sociólogo, ao investigar grupos de jovens relacionados ao rock, percebeu que havia uma distorção ou um exagero no relato de acontecimentos relativos a esses grupos. De modo similar, podemos ver essa estratégia discursiva em uma cadeia de publicações relacionadas tanto ao presumido incentivo à pedofilia e à homossexualidade por pessoas progressistas quanto à prática do aborto.

É possível perceber em nosso campo de pesquisa uma associação entre o termo pedofilia e um posicionamento político de caráter progressista. Em sua análise, Gayle Rubin (2012) constata que a “ideologia de direita ligando o sexo não-familiar com o comunismo e com a fraqueza política não é novidade” (RUBIN, 2012, p.9). Tal condenação parte do pressuposto psiquiátrico de categorização de comportamentos sexuais desviantes, denotando a inferioridade mental ou ainda a não integridade daquele que a pratica (RUBIN, 2012).

Assim, por muitas vezes, em julgamentos ocorridos nos Estados Unidos, nesse período citado, o termo “ofensor sexual” ou ainda “molestadores infantis” foi associado a população LGBTQIA+ ou ainda a pessoas consideradas comunistas (RUBIN, 2012). Em nosso campo de pesquisa, percebermos que isso ocorre de maneira similar, com o discurso da “infância a ser defendida”, articulando tanto temas relacionados à proteção da infância quanto a defesa dos valores da família tradicional. Como pode ser observado em uma publicação da página *Direita Sorocabana* de 09 de fevereiro de 2021: “*PT financiou defensores da pedofilia! #EsquerdaFede*”. A publicação refere-se a figura de Debora Diniz como:

Comunista pró-aborto que acusou o presidente Bolsonaro de perseguir pedófilos recebeu milhões dos governos de Lula e Dilma, provando mais uma vez que ninguém defende o PT de graça, basta

seguir o rastro do dinheiro que as máscaras caem. (Publicação na página Direita Sorocabana em 09 de fevereiro de 2021).

A associação da imagem de Débora Diniz a uma posição favorável à pedofilia se deu a partir da disseminação de *fake News* (notícias falsas) pelo Jornal Gazeta do Povo. O jornal utilizou trechos de uma publicação da professora em suas redes sociais e distorceu o que havia sido escrito em seu perfil⁹. Posteriormente o atual Presidente de República e seus familiares acabaram por repostar a publicação do jornal fazendo com que a notícia falsa ganhasse milhares de visualizações e a professora e pesquisadora recebesse mensagens de ódio e ameaça de morte em seu perfil.

Em um apelo à reeleição do Presidente, a página *Direita Sorocabana* fez uma repostagem da página do vereador Vinicius Aith (PTRB) em 08 de fevereiro de 2021, contendo o seguinte texto: *Só para informar a ativista pelo aborto, que foi exatamente para combater a pedofilia, que elegemos Jair Bolsonaro. Mais uma tentativa inescrupulosa de incriminar nosso presidente que falhou.* O texto serve de legenda a uma imagem contendo uma montagem de Débora Diniz com o texto: *Bolsonaro 2022! Militante pró-aborto, Débora Diniz, acusa Bolsonaro de perseguição a pedófilos.* A associação entre uma agenda progressista e a pedofilia (CASTRO, 2020) rendeu os seguintes comentários a publicação citada:

Ela deve estar falando por ela, talvez goste desta pratica é esta querendo aprovar alguma lei para se proteger

Será que alguém tem coragem de pegar uma imundície dessa pra estuprar coisa ridícula

Leve os p conviver com sua família.....

UMA VERMELHA PRO ABORTO, DEFENDORA DA PEDOFILIA E NÃO É PRESA FAZER O QUÊ

Esta mocréia é o capeta do avesso.

E crime tem que ir p cadeia sim

Demonia ,!!!! Pedófilo tem que ser pendurado de cabeça pra baixo e deixar morrer sozinho

Satánicas

⁹ “... a perversidade parece complexa, mas não é. Segue a mesma lógica paranoica do patriarca que amplifica o medo para justificar a truculência. Por isso armas e pedófilos estão na mesma agenda: o patriarca espalha o pânico para justificar seu abuso de poder. Inclusive de ser ele mesmo um violentador sexual de crianças ou mulheres” (DINIZ, 2021).

"Se Lula é teu pastor, capim não te faltará. Jumentus 13:13"

Quero ver esta Energúmena soltar uma frase dessa lá nas arábias.



Defende pedófilos porque deve ser farinha do mesmo saco... Não é possível, uma mulher defender crápulas pedófilos !!!!

Parabéns ao presidente e paredão aos pedofilos

Nossa, pensei que fosse homem!! Com certeza essa aí não tem filhos, sobrinhos, pra aprovar essa depravação !!

É pra isso que foi eleito!! Maravilhoso!! 🍌🍌🍌🍌

Foi pra isso que votamos no Bolsonaro.

Além de perseguição, tinha que ter pena de morte prá pedófilos!

AGENTE DE SATANÁS

Estrupadores agora viraram doentes ...do poderia ser essa turminha mesmo

Pedófilos devem e receber pena de morte. Mas antes disso. Uma boa sova de relho.

Até vagabundo preso não admite pedófilo. Cai na cadeia é mandado pro inferno imediatamente

#EsquerdaGenocida

Leve os pedófilos pra sua casa

Parabéns presidente bolsonaro huhuuu Brasil BR, lugar de pedófilos é na cadeia

Se ela acha que pedofiolos e bom leva pra morar com a família dela (COMENTÁRIOS a publicação na página Direita Sorocabana em 08 de fevereiro de 2021).

Os comentários sugerem uma crença da imagem de Bolsonaro como alguém de confiança para defender suas famílias e suas crianças contra pedófilos. Não só Débora Diniz, mas toda a esquerda é considerada leniente em relação à pedofilia. Novamente pudemos perceber também a associação da figura da mulher que tem poder de fala como feia e pouco inteligente e aqueles de posição progressista como associados ao demônio.

De maneira similar, percebemos que com a presença do neoconservadorismo e do fundamentalismo religioso, discutir sobre a legalização do aborto no Brasil significa lidar com uma imposição moralista e religiosa, tratada como se a categoria “aborto” ou ainda a noção de “vida”, “embrião”, “zigoto” ou “feto” fossem atemporais. No entanto, não há um

consenso a respeito do tema nos documentos de Direito canônico da Igreja Católica. Machado (2017) em sua pesquisa relata que, no século IV, Jerônimo entendia que teólogos poderiam assumir posturas diferentes sobre a vida de um feto: a prática dessa forma só passaria a ser condenável, caso o feto adquirisse vida. Mais tarde, São Tomás de Aquino em seus escritos manifesta que o aborto não deve ser considerado homicídio, visto que o embrião passa por diversos estágios de desenvolvimento e somente adquire a “alma humana” (*anima rationalis*) em seu terceiro estágio.

A partir do século XVI, em um texto do Papa Gregório XIV, o aborto passou a ser condenável a partir do momento em que a mulher sentisse os primeiros movimentos do feto (MACHADO, 2017). Nesse momento, foi traçada uma guerra contra as mulheres de modo a “quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e reprodução” (FEDERICI, 2017, p.174) instaurando a caça às bruxas, como uma forma de demonizar a sexualidade sem vistas à procriação, e o controle da natalidade, ao mesmo tempo em que se acusava mulheres de sacrificar crianças ao demônio (FEDERICI, 2017). Passou a considerar-se bruxa:

A parteira, a mulher que evitava a maternidade ou a mendiga que, a duras penas ganhava a vida roubando um pouco de lenha ou de manteiga de seus vizinhos. Também era a mulher libertina e promíscua – a prostituta ou adúltera e, em geral, a mulher que praticava a sua sexualidade fora dos vínculos do casamento e da procriação. Por isso nos julgamentos por bruxaria, a “má reputação” era prova de culpa. A bruxa era também a mulher rebelde que respondia, discutia, insultava e não chorava sob tortura (FEDERICI, 2017, p.332).

As acusações de bruxaria voltavam-se mais para as mulheres (FEDERICI, 2017), pois estas eram vistas como “mais frágeis, mais estúpidas, supersticiosas e sensuais” (RUSSELL, *et.al.*, 2019, p.88). Russel *et.al.* (2019) afirmam que somente em localidades em que a caça às bruxas saiu do controle é que houve casos de mulheres de famílias mais abastadas sendo acusadas de bruxaria. Criou-se, em oposição à imagem da bruxa, a imagem de uma mulher dócil, casta, passiva, obediente, parcimoniosa, silenciosa e ocupada com os afazeres domésticos (FEDERICI, 2017).

Após a Revolução Francesa, no Código Penal de Napoleão, em 1810, passaram a ser condenados com pena de morte o aborto e o infanticídio, regras que foram disseminadas tanto nas metrópoles quanto nas colônias

francesas (MACHADO 2017). Em um documento redigido pelo Papa Pio IX, no ano de 1869, a vida do feto passou a ser considerada a partir de sua concepção. Nesse texto, o aborto aparece como um pecado grave, independente do estágio gestacional, e severamente proibido. Mais tarde, em Encíclicas da Igreja Católica de 1968 e 1995, fala-se de um direito do conceito e o aborto passa a ser condenável mesmo sob circunstâncias “terapêuticas” feitas de modo a se preservar a saúde física ou mental da mulher, em casos de má-formação congênita ou estupro (MACHADO 2017).

Podemos perceber que a judicialização de um posicionamento moral-religioso não é algo novo: “a novidade reside, em certa medida, na consolidação de novos atores, argumentos e estratégias em defesa de uma ordem sexual que privilegia a reprodução sobre o desejo e legitima um modelo único de família” (VAGGIONE, 2020, p. 58). No caso do aborto existe um tensionamento que aproxima o que é considerado pecado daquilo que é considerado crime, que deixam transparecer a influência da esfera religiosa no Estado, permitindo que a moral religiosa, sobretudo a cristã, exerça um papel disciplinar no exercício da sexualidade e na noção de família. Isso significa que ao peso legal, necessariamente são acrescidas questões religiosas, morais, subjetivas, de saúde, classe, raça gênero à prática do aborto (SCAVONE, 2008).

Durante o processo de pesquisa observamos que as publicações associam a legalização do aborto a um posicionamento político de esquerda. É frequente a acusação de contradição, acerca de um suposto apoio à morte por parte de pessoas progressistas, que tenderiam a discordar da implantação de pena de morte em razão da defesa dos Direitos Humanos. Como exemplo temos uma publicação de 31 de dezembro de 2020 na página *Direita Sorocabana*, onde consta a imagem de um feto com a legenda: *vidas de bebês importam! Aborto é crime*, acrescida da montagem de um desenho de bebê segurando a estrela do PT:

Nosso total repúdio aos Esquerdistas que estão comemorando a legalização do assassinato de fetos na Argentina! São contrários a pena de morte, mas defendem o aborto! É impossível entender o que se passa na cabeça desse povo! #AbortoNão #RespeitemAVida (Publicação na página *Direita Sorocabana* em 31 de dezembro de 2020).

As reações a esta publicação seguem em um tom de condenação moral, fazendo comentários em tons sarcásticos sobre o uso do preservativo e sobre uma suposta inversão de valores, visto que a esquerda condenaria a pena de morte e defenderia a vida dos animais em processo de extinção. Além da condenação religiosa, pede-se um posicionamento do Papa Francisco, considerando que este é argentino, e se fala da associação da prática abortiva ao pecado e ao Diabo, o que nos remete ao período de caça às bruxas. Também nos chamou atenção que um dos comentários fala a respeito de esterilização daquela que realizar o procedimento, como se o fato de se optar por não levar adiante uma gestação condenasse a mulher e não desejar outras gestações:

Então vamos aprovar pena de morte p bandido. 😏😏😏😏😏 Será muito bom uma limpeza a grande escala 😏😏😏

A inversão de valores dessa esquerda provoca náuseas em qualquer um que tem o mínimo de bom senso.

Qta maldade! Difícil usar preservativos, diversos métodos anticoncepcionais, mais fácil abortar!

A mão de Deus, logo vai pesar sobre a Argentina. Quem viver...verá!!!

PRA QUEM NÃO SABE, ISSO É O COMUNISMO. SIMPLES CRIMINOSOS. MAS, UM COMPORTAMENTO CRIMINOSO, COMO O ABORTO, TRAZ CONSEQUÊNCIAS FUNESTAS PRA QUEM O PRÁTICA CONSCIENTEMENTE

Gente 14 semanas já é uma criança 😞

Papa argentino não fez nada?

O livre arbítrio também tem as consequências; quando a pessoa acha que tudo ela pode fazer e que as coisas não vão ter consequências que vai ! Se Deus fez essa reflexão pro homem era porque quando essa pessoa chegar até a ele para os ajuste de conta e ele dizer pra ela apartaivos de mim maldito para o fogo eterno que foi preparado para o diabo e seus anjos...porque Deus não quer é não vai assumir a irresponsabilidade de cada um pelo seus gostos e escolhas..entao por isso que e ele se expressou assim !, que o homem tem o seu livre arbítrio, mais não esqueça o homem que de tudo que ele fizer ele vai prestar conta com Deus é aqui na terra as consequências que ele vai ter é colher ; so que na hora de suas colheitas não culpe Deus é nem ninguém...sofra sozinho ...é isso ...

Bebês merecem nascer e serem bem cuidados

Essa esquerda é o pior lixo na face da terra

Imundos! Filhos de Satanás, adoradores do Diabo!

TROQUEM A PALAVRA "BEBÊ" POR "OVOS DE TARTARUGAS", E VEJAM A MAGIA ACONTECER !!

No momento do aborto já poderia ser retirado.o.uterio da vagabunda pra pra ela nunca mais gerar um filho.

Isto não significa que a sua escolha foi a certa. Estude mais e aprenda a respeitar a vida. (Comentários a publicação na página Direita Sorocabana em 31 de dezembro de 2020).

A mulher que aborta ainda é tratada como criminosa no Brasil e na maioria dos países da América Latina, embora a prática seja legalizada em casos de risco à vida da mulher ou em casos de estupro (OLIVEIRA, 2009). Para a pauta feminista, o aborto é uma questão que se relaciona aos direitos humanos das mulheres, é parte do livre exercício da sexualidade e da possibilidade de escolha de se ter ou não filhos, faz parte da condição de acesso à justiça social e consolidação das democracias (PIMENTEL, *et.al.*, 2012). Assim:

Tratar do direito ao aborto hoje significa ter como referência a justiça social e considerar os direitos de quem aborta e de quem exerce essa intervenção – mulheres e profissionais de saúde, a partir de quatro princípios éticos: o princípio da integridade corporal, que é o direito à segurança e o controle do próprio corpo, como um dos aspectos do conceito de liberdade reprodutiva e sexual; o princípio de igualdade, que inclui a igualdade de direitos entre mulheres e homens e entre todas as mulheres; o princípio da individualidade, que diz respeito à capacidade moral e legal das pessoas, implicando no direito à autodeterminação, o respeito à autonomia na tomada de decisões sexuais e reprodutivas e o princípio da diversidade, que se refere ao respeito pelas diferenças entre as mulheres (PIMENTEL, *et.al.*, 2012, p.20).

Mesmo em situações em que o direito ao aborto é reconhecido pela lei, podemos perceber manifestações da esfera conservadora e religiosa. O caso relacionado a uma menina de 10 anos que foi violentada pelo tio em São Mateus-ES e engravidou (EL PAÍS, 2020) teve repercussão nas páginas conservadoras da cidade de Sorocaba (*Cristãos Conservadores Sorocaba, Aliança pelo Brasil Sorocaba, Direita Sorocabana, Desesquerdizando Sorocaba* todos em 23 de agosto de 2020), com o compartilhamento de um vídeo do pastor Silas Malafaia condenando a prática abortiva mesmo em casos de estupro. No vídeo, o pastor faz um apelo aos cristãos para que não se deixem ser manipulados pela informação “desse mundo podre” (sic) e lhes orienta à luz da verdade da ciência e da bíblia. Este é mais um caso em que ocorre a

incitação pelo pânico moral, cobrando um posicionamento da sociedade em defesa dos valores cristãos.

No Brasil, o aborto em casos de estupro é permitido desde o Código Penal de 1940. Embora a legislação atual também acolha casos que se apresente risco de vida à mulher ou, ainda, se o feto for anencefálico, há entraves mesmo em situações previstas pela lei, devido a influências de atores religiosos, tanto católicos quanto evangélicos, fazendo com que a tradição religiosa ultrapasse fronteiras entre o religioso e o secular:

As organizações não governamentais (ONGs) ‘pró-vida’ e ‘pró-família’, os partidos políticos cristãos, os funcionários públicos que prioriza suas crenças religiosas e as formas com que a hierarquia religiosa utiliza os direitos humanos são exemplos em que religioso e secular se amalgamam de formas complexas (VAGGIONE, 2020, p.44).

Ainda que em determinadas situações seja um direito para as mulheres e mesmo existindo uma discussão em torno da questão dos direitos humanos (PIMENTEL, 2012), as mulheres precisam enfrentar ainda “a movimentação fundamentalista neoconservadora em favor da família e contra o aborto” (MACHADO, 2017, p.2). Em nossa pesquisa, o aborto é associado pelos segmentos conservadores aos setores progressistas e a um suposto “anti-cristianismo”. Podemos observar essa questão no comentário: *Não meu amigo, o primeiro passo foi aquela falsa doutrina. Ela está tolerando o aborto e outras pautas satânicas.. eles e a grande mídia chamam isso de "progressismo".* O comentário foi uma resposta a publicação de 30 de junho de 2020 na página *Desesquerdizando Sorocaba*, cuja publicação possui o texto: *Vai chegar um dia em que vão criminalizar o cristianismo. O primeiro passo já deram, tornaram Cristãos cidadãos em bandidos.*

O ataque aos movimentos progressistas é uma das características do neoconservadorismo. Chamamos atenção para o uso que alguns autores fazem do prefixo *neo* na palavra (MACHADO, 2017; MIGUEL, 2018; BIROLI, *et.al.*, 2020 MACHADO, 2020; VAGGIONE, 2020), pois entendem que objetivo dessas forças é voltado para a “reintrodução, em sociedades já bastante secularizadas e prenes dos debates por direitos humanos e pela igualdade de gênero, do entendimento do aborto como crime e pecado grave” (MACHADO, 2017, p.16). Seguindo os passos do fundamentalismo religioso, e utilizando-se do discurso de uma “crise moral iminente” (MACHADO, 2020, p.92) provocam

engajamento das esferas militares e cristãs conservadoras, que privilegiam um modelo único de família: aquela nuclear, baseada nos princípios cristãos, que atendem à dominação masculina e à heterocisnormatividade (MACHADO, 2017).

A criação de um inimigo comum, associando o PT ao comunismo e ao plano de pôr fim à moral tradicional ou aos valores religiosos, e o discurso sobre o anticomunismo revisitado servem para manter o “rebanho disciplinado” (MIGUEL, 2018, p.214) e para garantir o apoio da base eleitoral dos candidatos conservadores. O pânico moral utiliza a pedofilia e ao aborto como instrumento de mobilização daqueles que se dizem “pró-vida” ou “pró-família”, conseqüentemente angariando mais votos deste segmento.

6.3 - A “vagabundagem”

Na América Latina, alguns autores consideram haver um movimento de exaustão em relação à Maré Rosa, que se caracterizou pela chegada de governos com base na socialdemocracia em países do continente, como Brasil, Chile, Argentina, Bolívia e Venezuela (NASCIMENTO JR, 2017). A presença desses governos gerou um “processo de reorganização das classes dominantes” (CASIMIRO, 2018, p.614), onde parte das elites econômicas e outros segmentos sociais passaram a defender que o Estado concede direitos demais (MIGUEL, 2018). Esse incômodo se assemelha ao contexto em que se deu a eleição do ex-presidente Donald Trump nos Estados Unidos, cujo eleitorado partiu principalmente de um sentimento de “abandono, traição e finalmente raiva por parte dos novos despossuídos, das populações da classe trabalhadora e da classe média branca” (BROWN, 2019, p.11).

Não só esse ressentimento com a ampliação do poder aquisitivo da classe trabalhadora, que cria um impacto na busca pela distinção social da elite nacional e da classe média, gerando discursos como os de que “empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada” (GUEDES, 2020), “o Fies levou até filho de porteiro que zerou o vestibular para a universidade” (GUEDES, 2021), mas também altera a exposição a vulnerabilidade social e cria certo impacto no mercado de trabalho “fazendo escassear a mão de obra que estava disponível a preço vil e que beneficiava

essa classe média nos serviços domésticos e pessoais”. (MIGUEL, 2018, p.269).

Aquele que antes se intitulava “trabalhador honesto” passa a se reconhecer como a figura do “cidadão de bem”, especialmente em mídias digitais, entre o fim do século XX e o começo do século XXI (COSTA, 2021). O “cidadão de bem” se autoproclama como “sujeito político defensor de certa moralidade pública, do combate à corrupção e de um suposto resgate do patriotismo” (COSTA, 2021, p.7) e se põe em oposição a pessoas que se posicionam no campo progressista ou de esquerda que classificam como “bandidos” ou “vagabundos”:

O cidadão de “bem”, os “cristãos”, representados pela bancada da bíblia; os “agentes de segurança pública”, representados pela bancada da bala; “os trabalhadores e produtores” do Brasil, representados pela bancada do boi, segundo Bolsonaro, pedem condenações mais severas, redução de maioria penal, mais prisões de segurança máxima, menos tolerância, para com os “incorrigíveis”, “indóceis”, “indomesticáveis” (LIMA, *et.al*, 2019, p.426).

Inicialmente, o aborrecimento da elite e da classe média, dos “cidadãos de bem” foi canalizado como um ódio à corrupção, logo associada ao PT, mas também ao eleitorado do partido, quando se percebe que a vantagem eleitoral dele se dá nas regiões consideradas mais pobres do país. O eleitor do partido seria pobre, desinformado, carente de ética, capaz de votar em alguém corrupto. desde que obtenha com isso algum benefício (MIGUEL, 2018). Segundo o comentário em uma publicação de uma das páginas pesquisadas:

“MAS CONTRA O BOLSONARO ESSES VAGABUNDOS VÃO. QUALQUER PÃO COM SALAME ESSE MORTOS DE FOME SE VENDEM E VIRAM ESQUERDISTAS. POBRES MISERÁVEIS” (a publicação original da página tem uma imagem do Governador do Estado de São Paulo, João Doria, com o texto “homem branco que se diz heterossexual chamou uma mulher negra de vassala. Não vimos um só movimento negro ou feminista sair em sua defesa. Precisa de mais alguma prova de que esses movimentos não são sobre minorias e sim sobre esquerdismo? Rodrigo Constantino”) (COMENTÁRIO a publicação na página Direita Sorocabana, 09 de fevereiro de 2021).

Por um lado, temos, portanto, o “cidadão de bem”, “trabalhador (ou proprietário) e ordeiro e, de outro, o vagabundo, vândalo, drogado, arruaceiro, indivíduo fora das bordas que delimitam o possível autorizado pela ordem” (TELES, 2018, p.1093). Ao “cidadão de bem”, portanto, interessa a discussão dos “direitos humanos para humanos direitos” (RAMOS, 2016, p.5), de forma a

reivindicar regras mais rígidas no que diz respeito à moral (normalmente religiosa), e mais flexíveis quando se trata de posse de armas de fogo, para que o “cidadão de bem possa se defender dos “vagabundos” (RAMOS, 2016). Isto pode ser observado nos comentários de outra publicação:

Assassinato de crianças agora é chamado de projetos;

deixa a ptzada chorando sem \$ público vão trabalhar

Bando de safados 🍌 imundos 🍌 inúteis 🍌 vermes humanos

Canalhas vagabunda¹⁰

Aonde tem Pt tem ladrões e bandidos

A teta secou, sanguessuga da escuridão!!

Tá explicado, acabou a mamata da vagabunda!

(a publicação original da página se refere ao financiamento de uma ONG pró-aborto pelo PT, com imagens da antropóloga e professora Débora Diniz, do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da ex-presidenta Dilma Rousseff (comentários em publicação da página Direita Sorocabana, 09 de fevereiro de 2021).

Podemos perceber nos comentários das páginas a associação entre pessoas com ideais políticos que se representam no campo progressista associadas a ideia de vagabundagem, bandidagem, ou, ainda, dependentes de verba pública. Para Costa (2021) o “cidadão de bem” é sempre associado à figura masculina, o que pode evidenciar um certo reforço a uma determinada estrutura de dominação. Também é possível perceber, que a representação do “cidadão de bem” tem seu auge na imagem do Presidente da República Jair Bolsonaro:

Porque as pessoas que não prestam odeiam o Bolsonaro?

Bolsonaro tá tão preocupados porque essas pessoinhas não gostam dele.

Hahaha. Tudo ignorante e analfabeta

Bandido nao gosta mesmo.

Porque ele é do bem e quem não presta não gosta de gente assim

Pq não prestam e Bolsonaro é o melhor presidente

Pq são vagabundos

¹⁰ Apontamos aqui para a ambiguidade do uso do termo vagabunda que, numa visão sexista para mulheres, também pode ser associado pejorativamente a trabalhadoras sexuais.

(COMENTÁRIOS em publicação da página Direita Sorocaba, 6 de março de 2019).

É importante ressaltar que no Brasil o “PT veio a ser apresentado como a encarnação do comunismo” (MIGUEL, 2018, p.228), desta maneira, podemos observar no campo a sobreposição entre o anticomunismo e o antipetismo. De um total de 46 comentários em um *post* que se relaciona ao aborto, houve 17 comentários que de alguma forma associam a imagem de Débora Diniz, do PT, da esquerda ou do comunismo à condição de “não trabalhar”, ou de depender da verba pública para se manter, ou a acusações do roubo dessa verba. O mesmo também pode ser visto na publicação da página *Direita Sorocabana* de 29 de dezembro de 2020 que contém uma imagem com texto e a seguinte definição de “comunista”:

indivíduo preguiçoso e fracassado que inconformado com os resultados dos seus poucos esforços, mas sem nenhuma iniciativa para superar suas limitações, prefere jogar sobre a sociedade, a culpa do seu próprio fracasso. Incapaz de admitir seus erros, cultiva a crença de que todos tem alguma dívida para com ele, passando então a cobiçar dos outros, tudo aquilo que ele acredita merecer, mas não teve a capacidade de conquistar” (Publicação na página Direita Sorocabana, 29 de dezembro de 2020).

Mesmo enquanto enfrentamos uma pandemia de COVID-19, o que significa a existência uma crise sanitária mundial, e tendo como uma das principais recomendações o isolamento social, dentre outras medidas de distanciamento vinda de órgãos responsáveis pela saúde como a Organização Mundial de Saúde (OMS,2021), ainda podemos observar as páginas fazendo gracejo em relação à postura de pessoas supostamente de esquerda quanto a um *lockdown* ou a obediência aos protocolos de saúde, como uma publicação na página *Direita Sorocaba* em 25 de setembro de 2020. que diz: “*Foi só o presidente falar em voltar ao trabalho que os esquerdistas surtaram...*”. (DIREITA SOROCABA, 25 de setembro de 2020). É uma forma de o “cidadão de bem” esperar do Estado uma forma de legitimação da violência, seja ela simbólica ou física. Nesse caso estamos nos referindo a uma situação de propagação de um vírus que já dizimou mais de 500 mil brasileiros (G1, 2021):

Essa guerra já dizimou (e dizima) muitas etnias, gêneros, classe brasileiras. Pelos bons costumes, pelo status quo pode-se inferir, sim, que há um desejo, de uma parte da população, que se vê

representada por Bolsonaro, de que o monopólio da violência (seja simbólica e/ou física – a “necessária”) legítima seja maximizado (LIMA *et.al.* 2019, p.426).

Em uma referência ao período colonial e ao Golpe Militar, Duvivier (2018) aponta que, no Brasil, sempre que houve tortura, assassinato de pessoas e escravidão, foi em nome de Deus, da Pátria e da Família. De certa forma é como se os valores defendidos pelo “cidadão de bem”, homem, branco, hetero, necessariamente precisassem excluir (sumir com) uma parcela significativa da população (COSTA 2021).

6.4 - A conexão de pessoas progressistas com loucura ou uso de drogas

Outro achado nesta pesquisa é a frequente associação a mulheres do campo progressista com a loucura. Devido a sua presumida falta de docilidade (subordinação), são mulheres que desafiam os ideais de passividade:

A relação entre o distúrbio psíquico – e sua conseguinte codificação e sanção – e a rigidez das regras de comportamento é mais evidente no caso da mulher do que do homem. Se trata na maioria das vezes de regras baseadas em convenções ou prejuízos de ordem moral, ou de estereótipos de regras – apelando a uma lei da natureza tomada de maneira grotescamente literal – servem para manter a distância e a diferença entre a esfera de ação e poder da mulher e a do homem (FRANCA BASAGLIA, 1983, p. 31. Tradução nossa).

Em sua análise, Elaine Showalter (1985) referindo-se ao século XIX diz que a presumida insanidade da mulher não é algo novo “é uma das maiores convenções ficcionais do século” (SHOWALTER, 1985, p.10), ela é suposta antes mesmo de se compreender a racionalidade científica como hegemonicamente masculina (SHOWALTER, 1985). No Código do Direito Canônico (codificado em 1917) a mulher é, eclesiasticamente, comparada às crianças e aos loucos. São Tomás de Aquino a considerava um varão deficiente, mero receptáculo de força generativa única do varão” (PAIVA, 1989, p.71).

Podemos considerar, portanto, que o gênero desempenha um papel fundamental quando pensamos em saúde. Ao longo do tempo houve uma redefinição do discurso médico a respeito do papel da mulher, da maternidade e da reprodução (ROHDEN, 2001). Tal redefinição ocorreu a partir do século

XIX, onde os médicos se aproximaram de conceitos como higienismo e eugenia. A partir desse momento houve uma preocupação com “a propagação dos métodos de controle de natalidade, o trabalho feminino fora de casa, a organização das mulheres reivindicando direitos” (ROHDEN, 2001, p. 28).

A antropóloga Fabíola Rohden (2001) considera que o a medicina adota estratégias variadas como instrumento de controle das mulheres, “o idioma utilizado varia, passando da anatomia mais geral a elementos cada vez mais precisos como hormônios, neurônios ou genes” (ROHDEN, 2001, p.13). Nesse processo de aproximação do discurso médico com a suposta diferença entre gêneros, ocorre também um processo de normatização de comportamentos tipicamente femininos ou masculinos criando assim parâmetros para avaliar a sanidade do homem e da mulher (ZANELLO, 2018).

A partir desse momento multiplicam-se os tratados destinados a catalogação de doenças tipicamente femininas (do corpo e da alma), como “os vapores, as paixões e a histerias” (ROHDEN, 2001, p. 37). Ocorre, então, um processo de medicalização e feminilização da loucura (ZANELLO, 2018). Neste caminho, temos então atrelada a mulher uma preocupação médica adequada também ao moralismo religioso (ZANELLO, 2018), em que a mulher exemplar e saudável é aquela que corresponde a ideais de dependência, submissão, doçura, obediência e recato. Dessa maneira, a insanidade é considerada não só um atributo da feminilidade, como também um rótulo posterior – psicopatologização – para aquelas mulheres que não se conformam com as normas e as desafiam (BASAGLIA, 1983; SHOWALTER, 1985).

Seguindo esse binarismo imposto por uma estrutura de dominação em que a mulher é relegada à esfera doméstica e o homem, ao mundo social, a saúde mental do homem passa a ser definida em função da sua capacidade de ser um bom provedor de família e sua capacidade de desempenhar seu papel social fora de casa, enquanto, para as mulheres, o saudável seria adaptar-se ao ambiente doméstico. Doente, nessa perspectiva, seria a mulher que expressa seu desejo de independência e autonomia, que visa trabalhar fora de casa e que apresenta vivacidade intelectual (ROHDEN, 2001). Estamos falando de um projeto social de higienismo adequado às boas famílias burguesas, que educa mulheres para que sejam silenciadas e que sejam capazes de conter seus afetos e sua sexualidade (ZANELLO, 2018).

O projeto burguês simplifica a designação de papéis, em nome de um suposto bem-estar, que diria respeito a um lar harmonioso, o que implica em uma domesticação da mulher, fazendo que esta renuncie sobretudo aos excessos de sua “natureza”, permanecendo socialmente invisível, destinada somente às atividades do lar e à maternidade, renúncia esta que se estende inclusive à sua sexualidade (KEHL, 2017). A loucura feminina, pode, neste sentido, ser vista como uma forma de protesto ou comunicação desesperada daquelas que por muito tempo não tiveram como se autoafirmar (SHOWALTER, 1985).

A saúde mental de uma mulher é costumeiramente avaliada em função de seu papel como cuidadora de seus filhos, seu desempenho nos afazeres domésticos, o cuidado com sua imagem e por último seu desempenho no trabalho (AZZERBONI, et. al. 2019). Para sobreviver em uma estrutura de dominação masculina, a mulher precisa, então, corresponder aos ideais de “santa mãezinha” (ZANELLO, 2018) associada com os papéis de “boa esposa e mãe produtora de muitas crianças” (ROHDEN, 2001, p.37). A psicopatologização das mulheres que não estão em conformidade com esses padrões comportamentais fica evidente nos comentários em uma publicação com referências à pesquisadora Débora Diniz em uma das páginas:

Os idiotas(as) úteis não cansam de passar vergonha.....este pessoal precisam passar por um.psiquiatra

Mais uma louca? Ninguém aguenta mais essas desvairadas

Tá mais LOUCA QUE O BATMAN

Cara de psicopata

Só pode ser maconha

Kkkkk. Só pode ser uma desestruturada e maconha

Esse devassa deve manconheira e filha do capeta nojenta
(COMENTÁRIOS a publicação na página Direita Sorocabana, em 08 de fevereiro de 2021).

Tais comentários são respostas a uma publicação de 08 de fevereiro de 2021 feita pelo vereador conservador Vinicius Aith compartilhada na página *Direita Sorocabana* com a foto da pesquisadora Débora Diniz e contendo o seguinte texto: “*Bolsonaro 2022! Militante pró-abordo Débora Diniz, acusa Bolsonaro de perseguição a pedófilos*”, também na imagem consta uma foto do

vereador Vinicius Aith com seu contato e sua rede social seguido do texto: “o vereador do Bolsonaro em Sorocaba”. Além da imagem acima descrita, a publicação possui o seguinte título:

“Só para informar a ativista pelo aborto, que foi exatamente para combater a pedofilia, que elegemos Jair Bolsonaro. Mais uma tentativa inescrupulosa de incriminar nosso presidente que falhou.” (DIREITA SOROCABANA, 08 de fevereiro de 2021)

Essas normas de comportamento que são fabricadas (BASAGLIA, 1983) dentro de um projeto de sociedade burguesa, branca e eurocêntrica (AZZERBONI, *et. al.* 2019) criam parâmetros de classificação, onde a psiquiatria apresenta-se como uma “fonte importante de ideologia sexista, já que através das diferenças anatômicas, fisiológicas e patológicas tem destinado a mulher como suscetível a doença mental por natureza” (AZZERBONI, *et. al.* 2019, p.50).

Ainda quando falamos de psicopatologização, nas páginas acessadas pudemos perceber diversas menções ao “*esquerdopata*”, um neologismo popularizado pelo jornalista Reinaldo Azevedo (2011) que associa a psicopatia, “no caso, não como uma doença mental, do indivíduo, mas como uma moléstia coletiva, ideológica” (AZEVEDO, 2011). A associação do pensamento de esquerda com algo psicopatológico em o claro objetivo de ridicularizar aqueles que têm um pensamento progressista. Alega-se, também, que as pessoas associadas a um pensamento político de esquerda tendem a se organizar em milícias e incentivam a violência:

o esquerdopata precisa desumanizar o adversário, transformá-lo num portador de todos os horrores: pode, assim, eliminá-lo sem constrangimento, acusando-o de ser o verdadeiro responsável pelo mal que o atinge. Isso explica por que os esquerdistas, no século 20, mataram tanto e de forma tão contumaz! No seu delírio, aqueles muitos milhões morreram porque estavam criando entraves para o avanço da história. Se a libertação dos homens de seus algozes custa mais de 100 milhões de vidas, fazer o quê? (AZEVEDO, 2011).

Como exemplo, uma republicação da página *Desesquerdizando Sorocaba* no dia 9 de fevereiro de 2020, refere: “*Se já não bastasse ser um esquerdopata, agora tem que passar vergonha em publico.* 🙄” A publicação original, na página chamada *Sorocabanos*, contém paródia de um vídeo de uma manifestação de mulheres no Centro de Sorocaba, em que as estas se reuniram para replicar a dança do movimento chileno “O Estuprador é Você”,

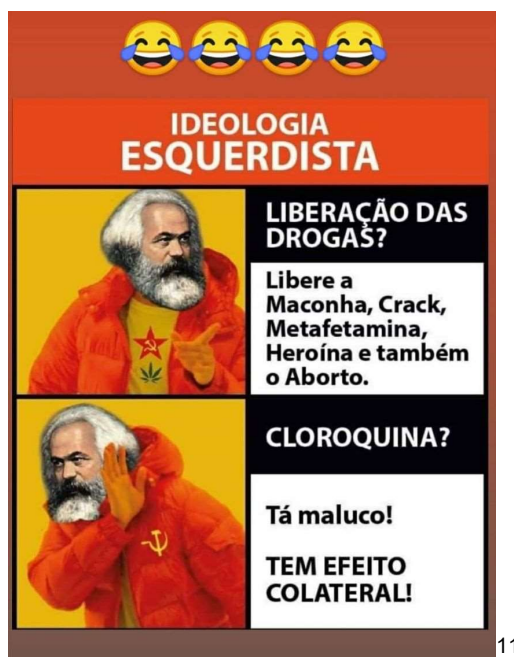
mas que foi editado para reproduzir a música “Marcha Soldado”, como o seguinte título: *“DANÇA DO PT NO CENTRO DE SOROCABA Vamos conferir como ficou a dança do PT e seus aliados no centro de Sorocaba. Em um remix da dança do PT contra sei lá o que.”* A publicação na página de nossa pesquisa possui dois comentários, de perfis supostamente masculinos: *“a veia loka só da mio”* (fazendo referência a vereadora pelo PT Iara Bernardi, que aparece no vídeo) e *“Isso é doença”*.

Em 5 de fevereiro de 2021, na página *Direita Sorocabana*, um usuário fez o comentário em publicação com o título: *“Vinicius Aith jantou a esquerdista”* e um vídeo onde o vereador Vinicius Aith (PTRB) questionando sobre o motivo da compra de livros para as escolas municipais de Sorocaba enquanto a vereadora Iara Bernardi falava a respeito à impossibilidade de volta às aulas durante a pandemia de COVID-19 devido à falta de estrutura nas escolas públicas da cidade de Sorocaba para que os alunos fossem recebidos seguindo os protocolos sanitários:

“AÊÊÊÊ! TEM QUE BOTAR ESSA ESQUERDOPATA NO CHINELO. QUANDO EU ESTAVA NO 3 ANO DO COLÉGIO EM 1998 UM PROFESSOR ESQUERDOPATA CONVIDOU ESSA SENHORA PARA IR À NOSSA CLASSE DIZER QUE O COMUNISMO E SOCIALISMO ERAM COISAS BOAS, SÓ QUE OS JOVENS DAQUELA ÉPOCA SABIAM O QUE ERA SOCIALISMO E COMUNISMO, DISSEMOS UMAS VERDADES E ELA SAIU BRAVINHA DA SALA” (COMENTÁRIO na página *Direita Sorocabana* em 05 de fevereiro de 2021).

Outra forma de desqualificar o discurso de pessoas com posicionamento mais progressista se refere ao uso de drogas, especialmente a maconha, embora este ataque não seja somente associado a mulheres, acreditamos que também é uma forma de invalidar o que é dito por essas pessoas devido ao suposto efeito das drogas, como vemos nos exemplos a seguir:

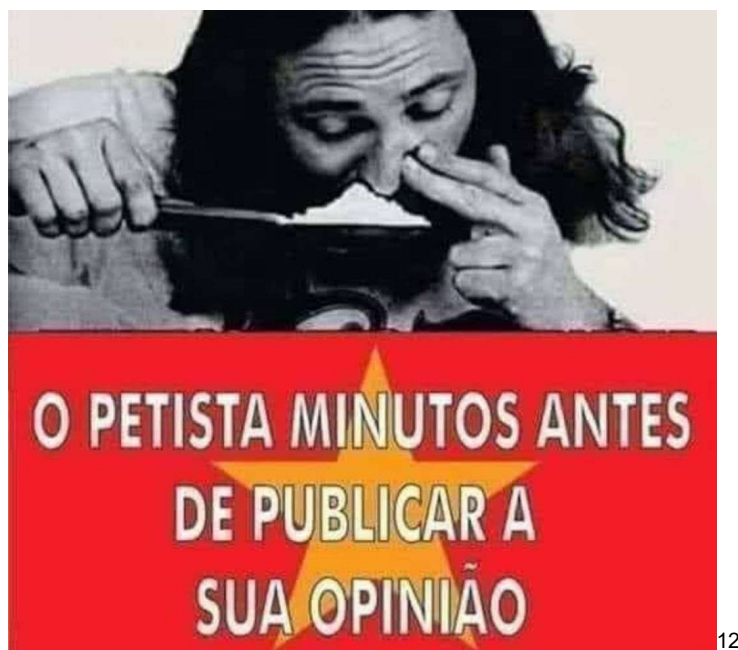
Figura 2 – Desqualificação de discurso: maconha



Fonte: Desesquerdizando Sorocaba, 19 de maio de 2020

Publicação na página *Direita Sorocaba* em 05 setembro 2020 com o título: “Gente, só pode ser kkkkkkkk”

Figura 3 - Desqualificação de discurso vinculado ao PT



¹¹ Imagem com legenda: Ideologia esquerdista. Representado na imagem Karl Marx em dois momentos, sendo um descrito como: Liberação das drogas? Libere a maconha, crack, metanfetamina, heroína e também o aborto. Em oposição a: cloroquina? Tá maluco! Tem efeito colateral!

Fonte: Direita Sorocaba em 05 setembro 2020

6.5 - A ligação de feministas com feiura e falta de cuidados estéticos

Em seu livro “O mito da beleza” a escritora e jornalista Naomi Wolf (2018) discorre sobre o quanto a categoria “beleza” não é universal e atemporal, mas sim fruto de um conjunto de crenças, especialmente do mundo ocidental, que atribui a mulheres um valor “numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente” (WOLF, 2018, p.26). Esse ideal estético é imposto de modo que mulheres se sintam obrigadas a encarná-lo e é prescritivo não só sobre a aparência, mas especialmente sobre o comportamento (WOLF, 2018). Dessa forma, quando falamos sobre a estética feminina, necessariamente entendemos que ela também está relacionada a um pressuposto de docilidade e passividade (SATTLER 2020). Nas páginas analisadas na presente pesquisa, fica óbvia a crítica às mulheres dissidentes e o incômodo em não pactuar com tal ideal, como ilustrado na página *Direita Sorocabana* em publicação de 19 de janeiro de 2021, onde podemos ver mulheres com cabelos escuros ou tingidos, ondulados ou cacheados, com pelos nas axilas:

¹² Imagem de uma pessoa com uma colher com conteúdo em pó branco. Com a legenda: o petista minutos antes de publicar a sua opinião.

Figura 4 - Desqualificação de discurso feminista: beleza



Fonte: Direita Sorocabana, 19 de janeiro de 2021

Os comentários da publicação trazem com certo escárnio a estigmatização das mulheres que recusam o lugar de subordinação frente às normas estéticas hegemônicas, fazendo alusão não somente a questões estéticas femininas, como a outras estratégias de invalidação do discurso das mulheres, como a associação ao uso de drogas, a suposta “vagabundagem” e a ser de esquerda:

Agora eu acredito que existe lobisomem, depois dessa! 😏😂😂😂😂😂

Imagina o fedo de sovacos que elas têm kkkkk

Como são idiotas !!!!!!!

HIPÓCRITAS , MAS NÃO VIVEM SEM DINHEIRO DE ALGUÉM ELES TIRAM PORQUE TRABALHAREM NEM PENSAR !!!

Só maconheira aí.

Deve ser motivo de desgosto pra coitada da mãe ,tipo " uma gozada nas costas teria evitado essa merda" 🤔

¹³ Foto com três mulheres, sendo uma com cabelo cacheado e colorido e as demais com cabelo escuro liso, todas com braço erguido em protesto legendada com: Não se depile, não é natural. Diz uma mulher com piercings naturais, tatuagens de nascença e cabelo rosa herdado da mãe.

Mulher com sovaco peludo imaginem a piriquita KKKk

E o tabaco? Fica como será?

Duro quando começar a rejeição do povo será triste.

Natural dessas pessoas é o nojo

Esquerdistas são uma desgraça (COMENTÁRIOS na página Direita Sorocabana em publicação de 19 de janeiro de 2021).

A beleza na sociedade contemporânea ocidental é tratada como se fosse uma obrigação para as mulheres. Para Naomi Wolf (2018), trabalhamos com o conceito de beleza como se fosse um atributo universal e objetivo e que as mulheres devem querer encarnar. O mito da beleza (WOLF, 2018) atende a instituições masculinas, dividindo mulheres criando competições ou rivalidades entre elas. Considerando que o padrão de beleza não é só estético, mas também comportamental, o “feio”:

é alguma violação a uma normatividade social. Feia é a mulher que viola as normas de gênero e possui características consideradas como masculinas, é a lésbica *butch* e a feminista que não se depila, exemplo apenas para resgatar aqui algumas categorias semióticas. Feia é a mulher idosa que, por passar pela menopausa, perde sua capacidade reprodutiva. Feia é a mulher que não é branca, que não possui o cabelo liso, loiro, não é nem magra, nem rica. Feio é o que viola as normas de gênero, raça e classe (COACCI, *et. al.*, 2017, p.433).

O padrão estético em vigência, segundo Coacci, *et.al.* (2017) é associado a mulheres brancas, jovens com cabelos loiros e lisos, magras e que não tem deficiência física aparente, e que pode ser observado em nosso campo em uma publicação da página *Desesquerdizando Sorocaba* de 31 de julho de 2020 com o título “*Parabéns Rainha dos baixinhos, além de loira e linda vem fazendo um excelente trabalho em defesa das nossas crianças, a verdadeira Rainha... Antônia Fontenelle. A outra é só a Xuxa que não tem moral nem com a Globo Lixo, quem dirá com a sociedade!*”, referindo-se à notícia no Portal BR7 “Após apoiar Felipe Neto, Xuxa é criticada por Antônia Fontenelle: ‘Eu custei a acreditar que tipo de pessoa você é’” (PORTAL BR7, 2020). Por um outro lado, em oposição à beleza:

Nota-se uma presença muito maior de negras/os; algumas mulheres são masculinizadas (demonstrando pelos nas axilas ou no buço) ou andróginas; há uma quantidade menor de loiras(os) e ruivas(os) dentre os homens alguns negros loiros. Há e os cabelos afro surgem

com maior frequência; é mais comum a presença de pessoas com idade avançada, gordos(as), frequentemente dão indícios de condições financeiras precárias (como, por exemplo, através da ausência de dentes); e há presença de corporalidades que podem ser consideradas como de pessoas com deficiências físicas (COACCI, *et. al.*, 2017, p.432).

Para ser considerada bonita, então, precisa obedecer a um padrão de beleza eurocêntrico (COACCI, *et.al.*, 2017), meiga, delicada, paciente, resignada (SOIHET, 2005). Algumas publicações nas páginas pesquisadas expõem a normatividade étnica e corporal subjacentes, como esta, da página *Direita Sorocaba* em 11 de fevereiro de 2020, com o título “*Alguém já viu feminista bonita?*”. Na imagem publicada podemos perceber que as mulheres representadas todas são loiras, com cabelos lisos, brancas, apresentadas como o oposto de “*barangas*”, termo utilizado para denominar de maneira depreciativa mulheres que não se enquadram em determinado padrão de beleza.

Figura 5 - Desqualificação de discurso feminista: Dinamarca

**POR FALTA DE BARANGA
A DINAMARCA EXTINGUE
O FEMINISMO!**

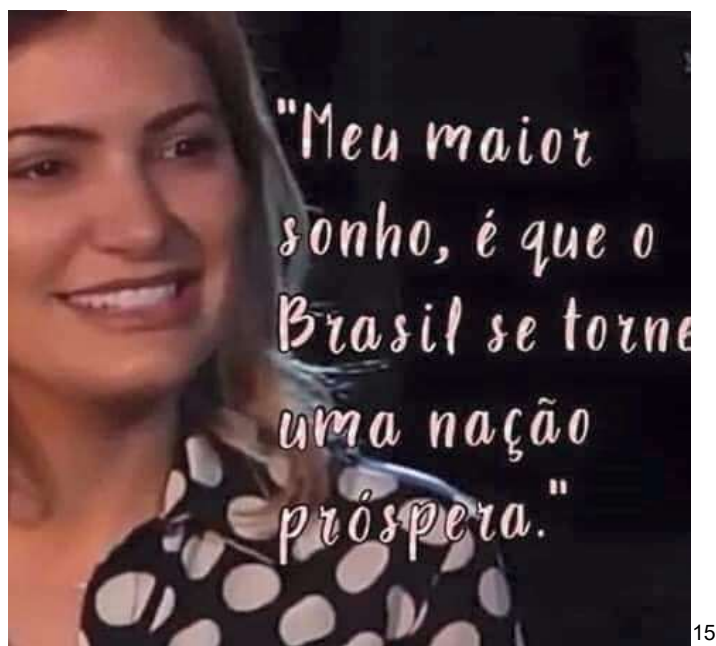


Fonte: *Direita Sorocaba*, 11 de fevereiro de 2020

¹⁴ Estão representadas na imagem nove mulheres loiras com cabelos lisos com cores e bandeira da Dinamarca. A imagem contém a legenda: por falta de baranga a Dinamarca extingue o feminismo!

A submissão comportamental associada à submissão aos padrões estéticos também pode ser percebida nos comentários de algumas publicações como a da página *Direita Sorocabana*, em 03 de setembro de 2019 citando Michelle Bolsonaro. Os comentários da publicação colocam lado a lado a suposta beleza e o trabalho de cuidado da casa:

Figura 6 - Padrões estéticos e comportamentais



Fonte: *Direita Sorocabana*, 03 de setembro de 2019

Mulher linda tomara que seu coração seja igual sua beleza e faça seu marido ser uma pessoa melhor pensar mais no bem do povo brasileiro

Linnnnnnda, a nossa primeira dama.

A mulher sabia edifica a casa

(COMENTÁRIOS na página *Direita Sorocabana* em publicação de 03 de setembro de 2019)

Se levarmos em consideração que nossos comportamentos são moldados desde a primeira infância de acordo com o um sistema heterocisnormativo a fim de que tenhamos certo reconhecimento como sujeito social (PERUCCHI, 2012), entendemos que esse sistema dá contorno aos nossos “modos de falar, de olhar, de transar, estilos de vestuário e acessórios, isto é, todo um conjunto de posturas e de artefatos – vinculados às condutas e

¹⁵ Foto da atual primeira-dama Michelle Bolsonaro com texto citando uma fala sua: meu maior sonho, é que o Brasil se torne uma nação próspera

à circulação de corpos” (PERUCCHI, 2012, p.89). Nesse mecanismo de produção disciplinar de gênero (BUTLER, 2017), criam-se dicotomias entre o que é atribuído ao masculino e o que é atribuído ao feminino de modo a marcar a superioridade do polo masculino em detrimento do feminino (LOURO, 1997).

Para Rachel Soihet (2005), a obrigação social da mulher é que seja bonita, e isso a dispensa de possuir outros atributos. Portanto quando uma mulher tenta subverter essas atribuições ditas femininas, ela é considerada “feia”, assim, a mulher “que pensa, que fala, que escreve, a mulher que reclama, que se revolta” (SOIHET, 2005, p.599), torna-se alvo da estratégia discursiva da zombaria, que é uma forma costumeira de criar um obstáculo para a produção de questionamentos a respeito da dominação masculina (SOIHET, 2005).

O insulto funciona como uma forma de solapar o que é dito por uma mulher, de modo a recolocá-la de volta a esfera doméstica, aos afazeres de reprodução de trabalho (BEARD, 2018; SATTLER, 2020), para falar as mulheres pagam um preço muito caro (BEARD, 2018), a língua feminina é considerada um instrumento de insubordinação (FEDERICI, 2017), surgindo então a necessidade de domar (domesticar) as mulheres que ocupam essa posição, responsabilizando-as pelo próprio castigo (SATTLER, 2020). Ao ocupar um lugar de fala, criando uma ofensiva a um sistema de dominação masculina a mulher se submete a “castigos imaginados como resposta à condição feminina, sobretudo em suas pretensões de liberdade sexual, cognitiva, sonora e política” (SATTLER, 2020, p.103). A publicação da página *Direita Sorocaba* de 09 de março de 2020 com o título “*Cenário atual do nosso Brasil!*”, parece exemplificar esse processo. Na charge podemos observar um homem que se assemelha ao atual Presidente da República retirando água de um barco afundando e uma mulher fora dos padrões estéticos de beleza: gorda, com cabelos crespos e coloridos, com barba aparente (masculinizada, portanto), portando um celular de modelo iPhone e um tomara-que-caia vermelho, com os símbolos do PT de um lado e o martelo e a foice do outro lado, fazendo alusão ao símbolo do comunismo.

Figura 7 - Desqualificação de discursos: charge



Fonte: Direita Sorocaba, 09 de março de 2020

Para Franca Basaglia (1985), o corpo feminino aparece como uma espécie de prisão criada pela cultura através da reprodução de ideologias e estratégias para dominá-lo, partindo da premissa de posse e livre acesso sobre o corpo feminino (BASAGLIA, 1985). Para Sattler (2020) uma das punições as quais a mulher está passível de sofrer por se posicionar é ter seu corpo considerado disponível para o outro acessá-lo, tornando-se conveniente responsabilizar mulheres desviantes da norma por tal punição. Uma publicação retirada da página *Direita Sorocabana* de 31 de dezembro de 2018 parece ilustrar isso:

17



¹⁶ A imagem contém uma caricatura de Bolsonaro retirando água de um bote que está afundando, cacheado, com pelos nas pernas e uma estrela branca de um lado e uma estrela vermelha do outro. A mulher está falando: Nazistas! Vocês estão afundando o Brasil!

¹⁷ Foto da professora e deputada federal Maria do Rosário (PT) com expressão de sofrimento e legendada com: Fui me consultar com João de Deus... Mas ele disse que eu não merecia ser consultada.. (emoji chorando).

Fonte: Direita Sorocaba, 31 de dezembro de 2018

Na imagem podemos ver a professora e deputada federal Maria do Rosário (PT) reconhecida em seu trabalho como defensora dos direitos humanos. A legenda na figura nos diz que o famoso curandeiro condenado por crimes sexuais durante atendimento espiritual, João de Deus, não a consultaria. A interação dos usuários da página por meio de comentários pode esclarecer o motivo da recusa:

Agora deu, nem o João do capeta se interessou

Mas é o fim da picada

BAGULHAO DO CARALHO

Esta mulher é uma vergonha, as mulheres ñ merecem uma idiota desta q gosta e defende criminosos, mulheres merecem proteções e segurança, de criminosos ñ vem nada disto

*Kkkkkk até o janjao dispensou tá feia a coisa para essa comunista”
“Ruim d+*

Pesada essa kkkkkkkk posta mais

Espírito de porco. 😂😂😂

Tú É FEIAkkkkkk

O véinho dava valor no bilao 😂😂😂

(COMENTÁRIOS a publicação na página Direita Sorocabana em 31 de dezembro de 2018)

Mesmo Maria do Rosário sendo uma mulher branca, de olhos claros, cabelos loiros, dentro, portanto, dos padrões de beleza eurocêntricos, na imagem é representada como envelhecida. A associação entre o envelhecimento e o processo de tornar “feia” uma mulher se dá também porque com o passar do tempo, as mulheres mais velhas adquirem poder, tornando-se ameaçadoras, ao passo que as mais “jovens” tenderiam a representar a ignorância ou falta de experiência (WOLF, 2018).

Nosso segundo apontamento sobre os comentários tecidos em relação a imagem de Maria do Rosário diz respeito a naturalização do estupro corretivo para mulheres que desafiam a lógica de dominação masculina. O corpo da mulher é entendido como socialmente disponível (BASAGLIA, 1985; SATTLER, 2019), o que traz como consequência a legitimidade no acesso aos corpos de mulheres desviantes:

Essas formas de violência são, em algum grau, toleradas socialmente, mantendo-se como uma ‘possibilidade constante no horizonte da imaginação social vigente’. A violência contra a mulher pode ser entendida como uma prática social, e não individual, ‘sistêmica porque dirigida a membros de um grupo porque simplesmente eles são membros daquele grupo’. O estupro seria ‘nada mais, nada menos que um processo consciente de intimidação pelo qual todos os homens mantêm todas as mulheres num estado de medo’. É parte da experiência compartilhada do grupo, no sentido de que a vulnerabilidade dos indivíduos à violência se deve a seu pertencimento de grupo (BIROLI, 2014, p. 113).

Falamos de mulheres desviantes porque entendemos que as mulheres que saem dos padrões em relação a opressão e dominação masculina não conseguem retomar a posição feminina, conforme ilustra Vera Paiva (1989): “Mulher que já foi Lilith não pode querer ser Eva (ter filhos, casar)” (PAIVA, 1989, p.67). Em sua análise clássica, Simone de Beauvoir (1980) relata que “o cristianismo, apesar de seu ódio à carne, respeita a virgem consagrada e a esposa casta e dócil” (BEAUVOIR, 1980, p.117)”. Ao tomar os espaços de poder, ter consciência e possibilidade de falar, de reclamar sua posição, a mulher torna-se masculinizada, feia, perigosa (SOIHET, 2005; BEARD, 2018; SATTLER, 2020; MENDONÇA, *et.al.*, 2021).

6.6 - A presumida associação de pessoas progressistas com “sujeira”

Na análise clássica de Mary Douglas (1966), as religiões após o século XIX são regidas pelos princípios de medo e higiene. A dinâmica da dominação masculina tende a organizar-se por meio de ambiguidades que se fixam em polaridades: “homem/mulher, saúde/doença, bem/mal, céu/inferno” (PAIVA, 1989, p. 23). A ideia de sujeira funciona como certa oposição ao princípio de ordem, assim os pares de higiene/poluição, limpeza/sujeira funcionam na vida social de modo a regular comportamentos, considera-se que os transgressores da ordem, portanto também que se opõem aos princípios de limpeza e higiene:

A sujeira não é um evento único ou isolado, onde há sujeira há um sistema. A sujeira é um produto de uma ordenação e classificação sistemáticas, desse modo organizá-la envolve rejeitar elementos inapropriados. A ideia de sujeira nos leva diretamente a um campo de simbolismo e promessas que se relaciona de maneira óbvia com o sistema simbólico de pureza (DOUGLAS, 1966, p.36).

A pureza, portanto, se aproxima do princípio do que é sagrado, e o sagrado é relacionado à sensação de completude, portanto, pode-se inferir que o sagrado significa também conformar-se com a classe a qual se pertence. A proximidade com o sagrado significa manter as categorias de origem da criação, o que envolve uma correta definição dessas categorias, discriminação e ordem (DOUGLAS, 1966).

Por ofender ao princípio de ordem, a sujeira é sempre vista como algo a ser eliminado. A eliminação das impurezas não é considerada algo ruim ou negativo, mas um esforço positivo de organização do meio (DOUGLAS, 1966). Ser sagrado significa ser um só, ser inteiro. Sagrado significa unidade, integridade, perfeição do indivíduo e da espécie, enquanto a poluição pode ser uma questão de estética, higiene ou etiqueta e que pode criar embaraço social, nesse sentido:

a mulher representa a sombra, um pedaço do ser humano original, a ser submetido, despotencializado de seu primordial valor, tornado uma impureza e mal necessário: poluída é a menstruação, a fragilidade cíclica do corpo (e do tempo, do ciclo vegetal) desvalorizada a fertilidade misteriosa e finita do gerar do ventre (e da terra) e a fonte de alimento primordial, a nutrição protetora presente na amamentação (da sobrevivência provida pela mãe Natureza). Pedaço da hegemonia de Adão, Eva é antes impura, inferior e submissa, depois companheira” (PAIVA, 1989, p.64-65).

Na página *Direita Sorocabana* temos um comentário a uma publicação do dia 10 de outubro de 2019 que parece exemplificar a necessidade de eliminação daqueles que são considerados poluídos: “*Tem que colocar estes lixos para fora da cidade*”. A publicação contém a legenda “*O PT envergonha Sorocaba novamente*” e uma montagem com duas imagens a seguir:

Figura 9 - Desqualificação de discurso: Iara Bernardi



18

Fonte: Direita Sorocabana, 10 de outubro de 2019

Os comentários a publicação ilustram a necessidade de se livrar (limpar) de alguém cujas ideias políticas não se assemelham a um ideal conservador ou cristão:

Vamos lutar para tirar essa petista daq da nossa cidade apoiadora de abortos 😡

Tem que fazer uma faxina nestes comunista. Começando por está candidata.

O Manga vai ser o próximo prefeito dona Pt. Nas próximas eleições as cobras criadas tem que ser extintas

(COMENTÁRIOS na página Direita Sorocabana em publicação de 10 de outubro de 2019)

Em nossa pesquisa de campo foi comum o insulto a pessoas com um posicionamento progressista por meio dos termos “lixo”, “porcos” e “imundos”.

¹⁸ Duas montagens em comparação com a cabeça da atual vereadora sorocabana Iara Bernardi (PT) em um corpo de uma manifestante segurando uma placa, de um lado a placa diz: eu luto pelas mulheres, de outro lado: desde que não seja o projeto do Manga.

Termos que no senso comum estão em oposição aos princípios descritos acima, de higiene, pureza, ordem e limpeza. Podemos perceber isso nos comentários a uma publicação realizada em 09 de fevereiro de 2021 na página *Direita Sorocabana*:

O STF formado pelos amigos do maior ladrão do Brasil, podem inocentar esse verme, mas aqui está uma parte da sujeira dessa corja

PORCOS SUJOS

Bando de safados 🤢 imundos 🤢 inúteis 👍 vermes humanos

É lixo só tem lixo

Nosso dinheiro sendo usada pra assinar bebês indefesos, Deus vai punir esses criminosos assassinos perversos imundos

COMUNISTAZINHOS DE MERDA

#esquerdalixo

Manda essa porqueira pra cadeia

*Outra MERDA, tá explicado (COMENTÁRIOS a publicação em 09 de fevereiro de 2021 na página *Direita Sorocabana*)*

Em determinado momento também pudemos observar em nosso campo de pesquisa a presumida associação entre a sujeira e a não conformidade com ideais religiosos, como no comentário de um seguidor: *“Imundos! Filhos de Satanás, adoradores do Diabo!”* em uma publicação datada de 31 de dezembro de 2020 na página *Direita Sorocabana*:

Nosso total repúdio aos Esquerdistas que estão comemorando a legalização do assassinato de fetos na Argentina! São contrários a pena de morte, mas defendem o aborto! É impossível entender o que se passa na cabeça desse povo! #AbortoNão #RespeitemAVida.

Mary Douglas (1966), em trabalho que investiga diferentes contextos culturais, constatou que as ideias de pureza e impureza circulam como se não fossem aprendidas socialmente, de modo que as pessoas as reproduzem como se fossem imutáveis e eternas. Assim, a poluição se apresenta como uma fonte de risco, representando um perigo para a sociedade formada por pessoas boas. Há, portanto, uma cisão entre aquilo que é puro e impuro. Em nossa pesquisa, observamos o “puro” como um exemplo a ser seguido, enquanto o “impuro” apresenta-se como um risco de contaminação. Isso é

ilustrado nos comentários a uma publicação da página *Direita Sorocabana*, de 06 de fevereiro de 2021:

Parabéns Bia kicis , Carla Zambelli e Damares Alves nossas representantes

A inveja mata. Essas irão honrar as mulheres justas, honestas e de família.

Mulheres com inteligência, mulheres com pudor e decência, mulheres verdadeiramente empoderadas

Damares, Bia e Carla o trio feminino de ouro, na política do Brasil. As invejosas ficam de fora só futricando e curtindo dor de cotovelo

Mariliz Pereira Jorge , você é um lixo ! Defender o que você defende que é vergonhoso... Você não passa de uma despeitada . Jamais chegará aos pés da Bia , Damaris e da Zambelli . Vergonha é você se prestar a trabalhar na Folha...

Graças a Deus ela não faz parte dessa raça de cadelas.
(COMENTÁRIOS a publicação de 06 de fevereiro de 2021 na página *Direita Sorocabana*)

A publicação citada tem como título: *“O jornalismo brasileiro morreu, temos apenas militantes esquerdistas agarrados em cabides de emprego! #ImprensaLixo”*, seguido da imagem extraída da Internet de um jornal com a matéria: *“Bia Kicis, vergonha da raça: o trio Kicis-Zambelli-Damares representa o que há de pior as causas feministas”* cuja autora é Mariliz Pereira Jorge¹⁹. Observamos aqui que os alvos desse sistema que classifica impurezas são principalmente a esquerda, a imprensa, o feminismo ou as feministas. Em contrapartida, de acordo com essa publicação e as interações, as pessoas consideradas puras e exemplares correspondem a um ideal religioso pautado no cristianismo: são dóceis, honradas, ligadas à família, com pudor e decência.

A contaminação atribuída aos poluídos apareceu também em uma publicação na página *Direita Sorocaba* de 04 de julho de 2020, com o título: *“URGENTE!! Prefeita de Sorocaba é diagnosticada com o pior vírus do mundo!!!”*. A publicação contém uma imagem da ex-prefeita, que é vinculada ao PSL, com um termômetro digital infravermelho; no campo da temperatura lê-se “esquerdista”, sugerindo que o posicionamento progressista pode ser contagioso. A ex-prefeita foi alvo de chacotas por parte dos conservadores da cidade de Sorocaba por ter nomeado o marido de uma vereadora da cidade filiada ao PT para comissão, a função gratificada de Coordenador Técnico de

¹⁹ Mariliz Pereira Jorge é jornalista, colunista da Folha de São Paulo

Unidade de Urgência, Emergência e Especialidades o que pode ser observado em uma publicação na página *Desesquerdizando Sorocaba* na data de 22 de março de 2020:

Direita Sorocaba!!

PSL Hoje na cidade de Sorocaba é um partido 100% esquerdista.

Assume a prefeita ESQUERDISTA JAQUELINE COUTINHO onde coloca em cargos públicos marido da Vereadora petista Iara Bernardi, enche a Sedu com esquerdistas e permite a pregação de ideologia de gênero para seus filhos nas escolas.

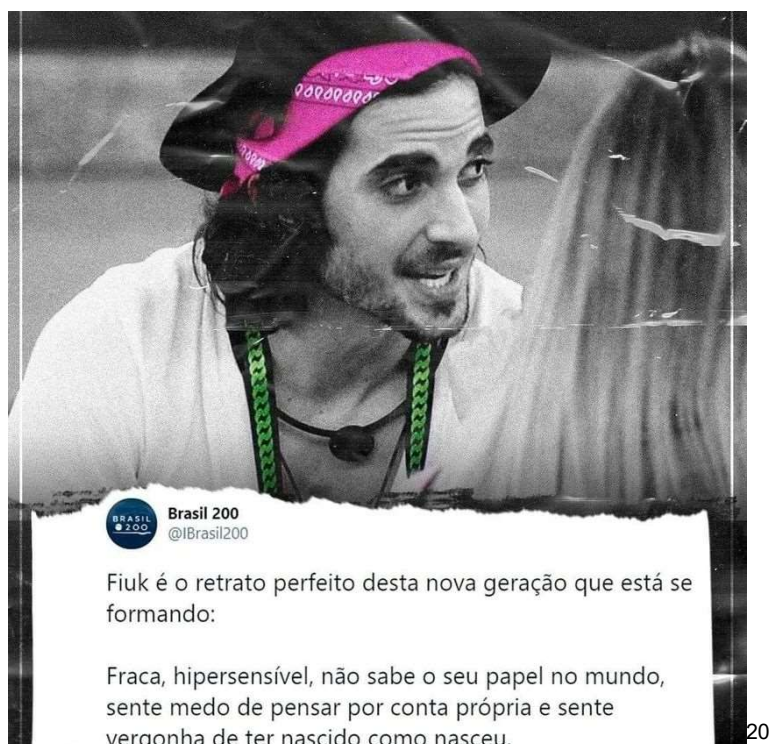
É isso que você quer para Sorocaba nos próximos 4 anos? (Publicação na página Desesquerdizando Sorocaba de 22 de março de 2020).

É perceptível nestas postagens a convocação de pessoas conservadoras para uma posição de representação nas urnas (como podemos notar, a publicação se deu em um ano que haveria eleições municipais). Nessas publicações, observamos a necessidade de retirar as pessoas com pensamento progressista das esferas de poder, ainda que a presença dessas dicotomias faça parte daquilo que chamamos de democracia (RANCIÉRE, 2014).

6.7 - A crítica das novas masculinidades

Embora não estivesse dentro dos objetivos iniciais da presente pesquisa, consideramos relevante discutir a defesa de um modelo de masculinidade também conservadora nas páginas analisadas. Lado a lado com publicações sobre Jair Bolsonaro, a crítica aos homens que seriam favoráveis às conquistas feministas é bastante presente, associando-os à “pouca masculinidade” e/ou à homossexualidade. Isso pode ser observado em uma publicação e seus comentários da página *Direita Sorocabana* de 02 de fevereiro de 2021, que é uma repostagem da página *Manual do Homem Honrado* de 01 de fevereiro de 2021). Na publicação e nas interações pode ser percebido o uso da imagem do cantor e ator Fiuk, considerado na publicação alguém menos masculino (supostamente por sua preocupação com questões sociais, de raça, classe e gênero).

Figura 10 - Modelo de masculinidade: Fiuk



Fonte: Direita Sorocabana, 02 de fevereiro de 2021

Tu/do verdade se não fosse uma encenação pra destruir a masculinidade em jovens e adolescentes

Isso é uma fanta laranja sem gás que está saindo do armário

Que babaquice de moleque mimado , falta de uma inchada cega e um terreno bem grande pra carpir pra ver se toma vergonha na cara !!!

*Resumindo tudo em uma unica palavra frouxo.
FOI FALTA DE UMAS CINTADAS NO LOMBO !!!*

Estes são " os homens de hoje " politicamente corretos .

Vendo o filho pedindo desculpas por ser homem, branco, hétero

Pq não pediu desculpas por ser retardado e feio, homem vc não é fio!

Um bosta de homem,e quem falou pra ele, que ele é hetero.

Resumindo , um bostinha que faz trancinhas nos cabelinhos do saco

Resumindo é um lixo um estrume

²⁰ Foto em preto e branco de Fiuk sendo ressaltadas na imagem uma bandana rosa e uma corrente verde possui uma montagem com a publicação da página Brasil 200 que contém o texto: Fiuk é o retrato perfeito desta nova geração que está se formando: fraca, hipersensível, não sabe o seu papel no mundo, sente medo de pensar por conta própria e sente vergonha de ter nascido como nasceu.

(COMENTÁRIOS a publicação de 02 de fevereiro de 2021 na página Direita Sorocabana).

Os comentários nos dão subsídios para pensar sobre uma cultura a respeito do “aprender a ser homem” por meio de violência ou trabalho braçal. Observamos que aquilo que Richard Parker (1997) denominou cultura do machismo regula o que deveria ser desempenho do homem ou da mulher, tomando como base o sexismo (KIMMEL, 1998). Além disso, coloca a heterossexualidade como um modelo de normalidade a ser seguido (PARKER, 1997; MÉLLO, 2012). A (heterocis)normatividade regula ou normaliza:

as relações entre sexo e gênero através do sexismo – que oprime mulheres e o feminino pela viriliarquia, forçando homens para o território da masculinidade e mulheres para o território da feminilidade – e o heterossexismo, que é a opressão exercida sobre outras orientações sexuais (RONDINI, *et.al.*, 2017, p.58).

O conceito de “viriliarquia” (RONDINI, *et.al.*, 2017) é utilizado a partir da compreensão de que existe uma hierarquia de poder diante das relações de gênero e sexualidade e que estabelece o que é considerado virilidade como o ideal hegemônico. De acordo com a lógica da cultura do machismo (PARKER, 1997) ou viriliarquia (RONDINI, *et.al.*, 2017), existe uma relação de poder e dominância de homens sobre mulheres, colocando as noções de atividade, como atribuição masculina, enquanto passividade e submissão são atributos femininos (PARKER, 1997; MÉLLO, 2012).

Em nosso campo, o homem que supostamente não pactua com o ideal de virilidade, o homem “politicamente correto”, coloca-se em uma posição passiva e põe em xeque a sua masculinidade. Isto também pode ser observado, por exemplo, em uma publicação de 30 de maio de 2020 na página *Desesquerdizando Sorocaba*, com o título: “*Meninas, se o seu namorado reclama do “gabinete do ódio”, ele provavelmente também tem namorado.*” O “gabinete do ódio” refere-se a uma organização de assessores do Presidente da República, que organizaria o uso de redes sociais e gestão de páginas de apoio à família Bolsonaro, tendo via de regra como principais alvos os adversários políticos do presidente e de sua família (UOL, 2021). A publicação nos dá a entender que o homem que se opõe à prática de atacar adversários políticos em suas redes sociais é considerado menos masculino (ativo ou viril), sendo, portanto, na lógica da publicação, provavelmente homossexual.

Outro homem que teve sua masculinidade atacada foi o Governador do Estado de São Paulo, João Dória, que sofreu zombaria com a alcunha de “*calcinha apertada*”. O sarcasmo inculcado no uso de termo faz referência ao uso de uma peça íntima feminina, criando imagem de uma pessoa com uma performatividade de gênero subalterna. De acordo com Parker (1997), “os homens passivos ou efeminados assumem o papel simbólico das mulheres e estão sujeitos a estigmas mais severos” (PARKER, 1997, p. 102). A página *Direita Sorocaba* tem uma repostagem de 31 de janeiro de 2021 do perfil do vereador Dylan Dantas que pode nos ilustrar isso:

Figura 11 - Modelo de masculinidade: Doria



Fonte: Direita Sorocaba, 31 de janeiro de 2021

A postura de Dória, como alguém que apoiou a princípio o distanciamento social e o fechamento do comércio em razão das altas taxas de infecção de Covid-19, é colocada em oposição à do Presidente da República que considera a pandemia de COVID-19 uma “gripezinha” e que pessoas com

²¹ Imagem contendo print de notícia escrito: Calcinhas e biquínis: Loja de Olímpia usa imagem de Dória para fazer propaganda de lingerie. Segundo o proprietário, a intenção era manifestar-se contra a quarentena e tentar turbinar as vendas da loja. Por: Arthur Pazin. Na publicação do jornal contém a foto da fachada da loja com uma imagem do Governador do Estado de São Paulo e a placa: promoção calcinha apertada 20% de desconto. A publicação descrita é associada ao vereador Dylan Dantas contendo seu slogan: deus, pátria, família, liberdade; a logomarca do movimento conservador e o título de chamada Dória: o garoto propaganda tragam um oscar para esse comerciante.

histórico atlético teriam menos chances de desenvolver casos graves da doença (BOLSONARO, 2020). Assim, temos também a ilustração de um modelo masculino que se emascula em uma relação de poder (KIMMEL, 1998), e que determina um sistema hierárquico de poder que cria tensões entre o “normal”, “central” versus o “anormal” e “desviante” (CARRARA, *et.al.*, 2007).

Enquanto a masculinidade viril é colocada num modelo social como desejável dentro da hierarquia entre gênero e sexualidade, podemos inferir que em uma escala de virilidade o homem considerado efeminado ou homossexual perde seu poder (RONDINI, *et.al.*, 2017). Isto pode ser analisado em uma publicação na página *Desesquerdizando Sorocaba* em 08 de janeiro de 2020, a página usa uma imagem retirada do Twitter de Sara Winter com o texto: *“Terceira Guerra Mundial? Com tanto homem afeminado no Brasil, o jeito é usar as feministas de canhão.”* A publicação de certa forma denuncia que em sociedades reguladas pelo machismo, as mulheres são educadas de modo a responder submissamente a homens heterocisnormativo, de modo que:

mulheres devem se restringir ao lar e os homens têm que ir à luta por emprego par sustentar suas famílias. Neste modelo bélico, quem vai à luta não pode ser então um corpo feminino. E quem está em casa na vida doméstica não pode ser um corpo masculino (MÉLLO. 2012, p.199).

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscamos compreender as articulações dos antifeminismos e o modo com que atores antifeministas se utilizam de estratégias discursivas, de modo a invalidar conquistas e ampliação de direitos relacionados às lutas feministas, a partir de um trabalho de campo que utilizou como fontes as publicações realizadas em *Facebook* em grupos de direita da cidade de Sorocaba. A escolha pela seleção regional se deveu principalmente pela compreensão de que a cidade de Sorocaba possui diversos atores conservadores e que, por isso, é representativa do que também acontece não só no cenário nacional, mas no cenário mundial em termos de retrocessos e agendas antifeministas.

Os antifeminismos se mostraram na pesquisa fortemente relacionados ao conservadorismo e ao fundamentalismo religioso, o que espelha o contexto político recente no Brasil, em especial com a eleição do Presidente da República e a subsequente nomeação de Damare Alves para ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Tais discursos, que encontram ecos nas bancadas do Boi, da Bala e da Bíblia no Congresso Nacional, tem capilaridade nacional, como podemos perceber na escolha de representantes políticos da cidade de Sorocaba-SP.

Quando falamos de “nova” direita no Brasil, é importante considerar o crescimento de influência de grupos ligados ao fundamentalismo religioso na esfera pública, a partir da defesa da “sagrada família” burguesa heterocisnormativa e eurocêntrica, que fabrica mulheres para que correspondam a um papel de docilidade, ternura e submissão. Os discursos conservadores e antifeministas trazem recorrentemente a defesa dos valores cristãos de família, da defesa das crianças e da vida a partir da concepção. Nesse projeto, as mulheres devem obedecer a um determinado padrão estético, conforme pudemos perceber no trabalho de campo, reproduzindo cuidados corporais e assimilando uma aparência eurocêntrica para atender expectativas de serem consideradas belas. Tais expectativas dizem respeito principalmente às atividades relacionadas à reprodução de trabalho, sejam elas

atividades domésticas ou o cuidado com as crianças. Em oposição a esse ideal de beleza, representa-se, portanto, as feministas como “feias”, por serem mulheres que se posicionam e que contestam a divisão de tarefas e os espaços de poder.

Falar em nome do feminismo e de conquistas progressistas significa, assim, se opor a essas normativas impostas. Logo, discursos feministas tornam-se associados à esquerda, ao petismo, ao socialismo ou comunismo, ao marxismo cultural e à ideologia de gênero. Para aqueles que se consideram antifeministas, existe a crença de que o gênero é uma atribuição biológica, imutável e não advinda de interações sociais. Pela associação do discurso feminista a uma suposta “ideologia de gênero”, passa-se a atribuir um caráter de “falso” a esse discurso “ideológico”.

Em nosso trabalho de campo também foi possível constatar que os atores conservadores e antifeministas costumeiramente atravessam o discurso de uma crise moral iminente com a associação de pessoas de setores progressistas à pedofilia ou com práticas sexuais não-heteronormativas, configurando-se como um risco para a sociedade que tem seus valores baseados na moral tradicional religiosa. O pânico moral criado em torno da pedofilia reforça a base eleitoral dos segmentos conservadores, convocando cristãos e defensores da moral tradicional para as urnas para que defendam a vida e a família (heterocisnormativa).

Lado a lado com a pedofilia, outro tema que incita atores ligados ao fundamentalismo religioso, conservadorismo e antifeminismo diz respeito a luta pela legalização do aborto como um posicionamento político da esquerda. De acordo com o que pode ser observado nas páginas, a participação em publicações com provocações que se relacionam ao tema do aborto trazem como resposta de participantes a associação da interrupção da gravidez como criminosa e como pecado. Essas pessoas que defendem um modelo único de família, baseado no modelo da sagrada família cristã, se posicionam de maneira favorável à intervenção do Estado em temas relacionados à sexualidade e à noção tradicional de família. Para elas a pauta de atores de setores progressistas relacionadas aos Direitos Humanos não condiz com a busca pela legalização do aborto, pois não seria possível a criticar a pena de morte ao mesmo tempo em que se permitem o “assassinato de fetos”. Assim,

existe uma expectativa de vigilância do Estado em temas que dizem respeito à sexualidade e à noção tradicional de família.

Nossa pesquisa evidenciou o descontentamento de um segmento da classe média com a ampliação de direitos e de renda das camadas populares, descrito por alguns autores. Esse segmento da classe média, composto principalmente por homens cis, brancos e heterossexuais (o que também evidencia certa estrutura de dominação), possui um discurso de ódio à corrupção, supostamente representada no Brasil pelo PT. Consequentemente, tem como alvo os eleitores do partido, considerados pobres, e que - por falta de ética ou informação - seriam capazes de votar em pessoas corruptas. De acordo com essa lógica, os autodenominados “cidadãos de bem”, que se consideram honestos, trabalhadores ou empregadores se colocam como antagônicos aos referidos como “vagabundos” ou “vagabundas”, que se utilizariam de verbas públicas, que seriam dependentes do governo e que pactuariam com a corrupção.

Os resultados da pesquisa apontam também que as mulheres feministas tornam-se objeto de psicopatologização, por não corresponderem a ideais burgueses de domesticação e docilização. As mulheres consideradas desviantes têm sua saúde mental questionada por um padrão psiquiátrico sexista, uma vez que a mulher “saudável” é aquela que atende a padrões comportamentais como cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos e de sua beleza. No campo, pudemos observar também a alcunha de “esquerdopata” a alguém supostamente acometido por uma doença coletiva e ideológica associada à esquerda. Associado a isso, há uma tentativa de invalidação dos discursos de camadas mais progressistas a partir da associação destas com o uso de drogas ainda ilícitas no Brasil, como a maconha e a cocaína. Assim, para as camadas mais conservadoras ou antifeministas, o discurso das feministas - bem como o de outros setores progressistas - não seria confiável porque as feministas e os “esquerdopatas” não teriam sanidade mental ou estariam sob o efeito de substâncias psicoativas.

Nos discursos conservadores analisados, aos homens é designado o espaço público, inclusive a política e às mulheres o espaço privado. As mulheres que não pactuam com o ideal de subserviência feminino e se posicionam de forma desafiadora a isso passam a ameaçar a dominação

masculina e são caracterizadas como masculinizadas, feias ou perigosas, em oposição ao ideal de beleza eurocêntrico que corresponde à mulher loira, de cabelo liso e magra, além de ser dedicada aos afazeres domésticos, submissa e delicada (silenciada). Além da estratégia comum do insulto como forma de silenciamento de mulheres, houve também a menção ao estupro corretivo, naturalizando a violência e o acesso aos corpos de mulheres que se opõem à lógica da dominação masculina.

Observamos também em nossa pesquisa de campo o frequente uso de termos como “lixo”, “porcos” e “imundos” para as feministas, a imprensa e a esquerda. Tais termos são utilizados em oposição ao princípio de pureza, que representa um ideal religioso cristão. Numa cisão entre o que é puro e o que é impuro, por seu potencial de contaminação daquilo que é sagrado, considera-se que as impurezas devem ser eliminadas para que não poluam aqueles que são dóceis, honrados e ligados à família. A eliminação de tais impurezas frequentemente convoca para uma representatividade nas urnas de modo a retirar pessoas com pautas progressistas das esferas de poder.

A suposta “crise da masculinidade” também foi recorrente na análise feita. A cultura do machismo ainda é predominante, criando uma estrutura hierárquica de dominação, levando-se em consideração a heterossexualidade e a virilidade como modelos ideais. Em nosso campo, percebemos a constante associação do “homem politicamente correto” como alguém que ocupa uma posição passiva, portanto menos viril ou provavelmente homossexual. De acordo com essa lógica, existem expectativas do que deve ser comportamento masculino ou feminino, e qualquer homem desviante dessa norma colocaria à prova sua masculinidade.

A análise mostrou, também, a estratégia de zombaria e de invalidação dos movimentos feministas e progressistas. Assim, mulheres feministas são alcunhadas como feias, mal-amadas, sujas, lésbicas, loucas, vagabundas, usuárias de drogas e homens progressistas são (des)caracterizados como vagabundos, usuários de drogas ou frágeis e homossexuais ou pouco masculinos. Em oposição aos representantes da sociedade “perdida” ou “mundana” apresenta-se o “cidadão de bem”, cuja representação é a de um homem branco, cristão, heterossexual e trabalhador ou empregador. Constantemente associada à figura de Jair Bolsonaro, o “cidadão de bem” é

amparado em uma lógica discursiva baseada em valores religiosos, que atende à dominação masculina e à ditadura heterocisnormativa, sendo a participação do povo cristão nas urnas o caminho para equacionar a ameaça à dissolução da família tradicional. Para restaurar a ordem (cristã) e remover as impurezas, aqueles que se posicionam de maneira conservadora e antifeminista devem se fazer presentes nas esferas de poder.

Entendemos que uma grande parte da oposição aos feminismos - ou o que compreendemos como antifeminismos - tem encontrado suas vias de representação em esferas governamentais e apresentam ameaças a ganhos progressistas em termos de direitos já adquiridos, como, por exemplo, o direito ao aborto em casos de risco de vida à gestante, estupro ou feto anencéfalo; ou ainda as leis já aprovadas, relacionadas à equidade de gênero.

Ressaltamos a importância de se realizarem estudos tendo como foco as redes sociais, especialmente quando falamos de uma articulação antifeminista e conservadora, visto que os atores ligados a essas pautas possuem bastante influência em meios virtuais. Esperamos ter contribuído para a compreensão da expansão dos antifeminismos e do conservadorismo em Sorocaba. Entender como os antifeminismos ganham voz e os retrocessos atrelados a uma agenda conservadora pautada nos princípios cristãos é uma questão fundamental no cenário político atual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Bruna Soares; PEREIRA, Matheus Ribeiro. O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro. Agenda Política. **Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos** Volume 7, Número 3, São Carlos, 2019, 8-35

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019

ALVES, Damares. **Política vai estimular crianças de 10 a 14 anos a aguardarem o momento certo para a iniciação sexual. Mas um bando de marmanjos e alguns influenciadores digitais demonstram preocupação nas redes sociais. Por que será?** 9 de julho de 2020. Twitter @DamaresAlves. Disponível em: <https://twitter.com/DamaresAlves?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor> Acesso em 28 de julho de 2020

ALVES, Damares. **Já enviamos nossa proposta ao presidente @jairbolsonaro. Val para líder religioso ou qualquer outra relação de confiança. Quem me conhece sabe que fui vítima justamente desse tipo de situação na infância. E que fiz de minha dor a minha luta. Vamos pegar pesado com pedófilos.** 13 de julho de 2020. Twitter: @DamaresAlves. Disponível em: <https://twitter.com/DamaresAlves?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor> Acesso em 28 de julho de 2020

ALVES, Damares. **Obrigada, presidente @jairbolsonaro. Cumpro suas ordens e seu programa de camapnha. Ninguém aqui passa pano para pedófilo.** 14 de julho de 2020. Twitter: @DamaresAlves. Disponível em: <https://twitter.com/DamaresAlves?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor> Acesso em 28 de julho de 2020

ALVES, Damares **Meninos vestem azul e meninas vestem rosa.** Vídeo disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-vesteazul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>> Acesso em 28 de julho de 2020

ANTUNES, Nathália Zampieri; LUCHESE, Rafaela Frago. A SOCIEDADE INFORMACIONAL E ANTIFEMINISMO: o discurso de ódio com ferramenta disseminadora de agressão e violência contra a mulher. Revista Jurídica da **Fadisma**, v.12, 2012. Disponível em: <https://revista.fadismaweb.com.br/index.php/revista-juridica/article/download/49/28/>. Acesso em 01 de agosto de 2021

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%. Um manifesto**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2019.

ASSESSORIA. **Histórico da UFSCar Sorocaba é lembrado em solenidade.** 2017. Disponível em:

<https://www.iarabernardi.com.br/imprensa/historico-da-ufscar-sorocaba-e-relembrado-em-solenidade/20160318-140437-y449>. Acesso em: 19 out. 2021.

AZZERBONI, Camila; ESPÍNDOLA, Noelia B. **Patriarcado y encierro manicomial**: la negociación de la sexualidad y del derecho a maternar de las "locas". In: PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (org.). *Luta antimanicomial e feminismos: inquietações e resistências*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. p. 44-64.

AZEVEDO, Reinaldo. Esquerdopatia, a psicopatia da política. Ou: Primeiro eles tentam desumanizá-lo para, então, matá-lo. Foi assim que eliminaram mais de 100 milhões no século passado. **Revista Veja**, [s. l.], 30 nov. 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/esquerdopatia-a-psicopatia-da-politica-ou-primeiro-eles-tentam-desumaniza-lo-para-entao-mata-lo-foi-assim-que-eliminaram-mais-de-100-milhoes-no-seculo-passado/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016

BASAGLIA, Franca O. **Mujer, locura y sociedad**. México: Universidad de Guadalajara, 1983.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder**: um manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980

BERTOLIN, Patrícia Tuma Martins; ANDRADE, Denise Almeida de; MACHADO, Monica Sapucaia (org.). **Carta das mulheres brasileiras aos Constituintes: 30 anos depois**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação da psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BIROLI, Flávia. Autonomia, dominação e opressão. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 109-123.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. Introdução: matrizes do neoconservadorismo religioso na América Latina. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 13-40.

BOLSONARO e aí Sorocabano vai de PSOL. S.L: **Desesquerdizando Sorocaba**, 2016. P&B. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?ref=search&v=429037098494963&external_id=og_id=d72954cb-eb64-4957-a5fd-19b3154ff252&q=e%20a%C3%AD%20sorocabano%20vai%20de%20psol. Acesso em: 01 ago. 2021.

BOLSONARO faz discurso à nação. Brasília: **Vejapontocom**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lwcF1MFR7Is>. Acesso em: 01 ago. 2021.

BOLSONARO: 'Depois da facada, não é uma gripezinha que vai me derrubar. S.L.: **Jornal O Globo**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=352RoCLly1Q>. Acesso em: 01 ago. 2020.

BOLSONARO, Jair Messias. **Enquanto a esquerda busca meios de descriminalizar a pedofilia, transformando-a em uma mera doença ou opção sexual, apresentei uma PL que aumenta em 50% a pena para esses crimes – parabéns ministra Damares pela iniciativa do PL e defesa da família**. 14 de julho de 2020 Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro>> Acesso em 28 de julho de 2020

BRITES, Francine Magalhães. **CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR: vozes dissonantes e discursos católicos sobre o aborto (1990 - 2010)**. 2014. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina,, Florianópolis, 2014.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no ocidente**, São Paulo, Editora Politéia, 2019.

BULLFINCH, Thomas. **O Livro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. São Paulo: Martin Claret, 2006

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 867/2015**. Inclui, entre as diretrizes e bases da educação nacional, o “Programa Escola sem Partido” – Apensado ao PL /2014. Brasília: 23 mar. 2015a. (Disponível em: proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1230836&filename=PL+7180/2014>). Acesso em 13 de julho de 2017.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexuality, Culture and Politics: the Journey of Male Homosexuality in Brazilian Anthropology. **Cad. Pagu**, Campinas , v. 1, Selected Edition, 2008 . Available from <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100001&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Aug. 2021.

CARRERAS, Judith. Neoderechas y antifeminismo. **Vientosur**, Madrid, v. 166, n.8. 2018. Disponível em: <https://cdn.vientosur.info/Vscompletos/vs_0166.pdf#page=53>

CARVALHO, Jéssica Mayara de Melo; GALETTI, Camila Carolina Hildebrand. **Uma nova era no Brasil: A ascensão da direita e os desdobramentos da participação política feminina**. Disponível em: <https://www.academia.edu/42741138/Uma_nova_era_no_Brasil_A_ascens%>

C3%A3o_da_direita_e_os_desdobramentos_da_participa%C3%A7%C3%A3o_pol%C3%ADtica_feminina> Acesso em 26 de novembro de 2020

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**. Campinas: Vide Editorial, 2014

CARVALHO, Rogério Lopes Pinheiro. **Fisionomia da cidade: Sorocaba – cotidiano e desenvolvimento urbano – 1890-1943**. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

CASIMIRO, Flávio Henrique Cavalheiros. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **Ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 607-2113. E-book.

CASTILLO JARA, S.; MARCHENA MONTALVO, V.; QUILICHE ARÉVALO, S. El discurso antifeminista como recurso electoral en Brasil y España. **Polítai**, v. 10, n. 19, p. 35-59, 1 dez. 2019. Acesso em 28 de julho de 2020.

CASTRO, Gabriel de Arruda. **Como parte da “agenda progressista” leva à aceitação da pedofilia**. Gazeta do Povo. Curitiba, 13 set. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/como-a-agenda-progressista-permissiva-nos-costumes-leva-a-aceitacao-da-pedofilia/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

CGI. Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2019**. São Paulo, 2019

_____. Painel TIC COVID-19: **Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus - 3ª edição: Ensino remoto e teletrabalho**. São Paulo: 2020a

_____. Painel TIC COVID-19: **Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus - 1ª edição: Atividades na Internet, Cultura e Comércio Eletrônico**. São Paulo: 2020b.

CLENDINEN, Dudley. **Out for good: the struggle to build a gay rights movement in America**. New York: Simon & Schuster, 1999

COACCI, Thiago; SANTOS, Leonel Cardoso dos. “Você é feia, feia pra caralho”: um ensaio sobre gênero beleza e feiura. **Periódicus**, v.1, n.7, p.423-439, 2017.

COHEN, S. **Folk devils and moral panics: the creation of the mods and the rockers**. London: MacGibbon and Kee Ltd, 1972.

COLLINS, Patrícia Hill. **Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória**. Tradução de Bianca Santana. **Parágrafo**, n. 1, 5: p. 7-17, jan-jun, 2017.

COMENTÁRIOS. **Hauahaauhahaahauhauh.** 31 dez. 2018. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2027454914221937>. Acesso em: 01 ago. 2021

COMENTÁRIOS. **Michelle Bolsonaro** ❤️. 03 set. 2019. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2181473325486761>. Acesso em: 01 ago. 2021.

COMENTÁRIOS. **O PT envergonha Sorocaba novamente.** 10 out. 2019. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2209623339338426>. Acesso em: 01 ago. 2021.

COMENTÁRIOS. **Não meu amigo, o primeiro passo foi aquela falsa doutrina. Ela está tolerando o aborto e outras pautas satânicas.. eles e a grande mídia chamam isso de "progressismo":: vai chegar um dia em que vão criminalizar o cristianismo. o primeiro passo já deram, tornaram cristãos cidadãos em bandidos..** 30 jun. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3126579637463096>. Acesso em: 01 ago. 2021.

COMENTÁRIOS. **Nosso total repúdio aos Esquerdistas que estão comemorando a legalização do assassinato de fetos na Argentina! São contrários a pena de morte, mas defendem o aborto! É impossível entender o que se passa na cabeça desse povo.** 31 dez. 2020. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2613614312272658>. Acesso em: 01 ago. 2021

COMENTÁRIOS. 😂😂😂. 19 jan. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/photos/2628387490795340>. Acesso em: 01 ago. 2021.

COMENTÁRIOS. **#CésarAlmeida.** 02 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2639569759677113>. Acesso em: 01 ago. 2021

COMENTÁRIOS. **Vinícius Aith jantou a esquerdista** 😂😂😂. 05 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2641356102831812>. Acesso em: 01 ago. 2021

COMENTÁRIOS. **O jornalismo brasileiro morreu, temos apenas militantes esquerdistas agarrados em cabides de emprego!** 06 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/photos/2642057819428307/>. Acesso em: 01 ago. 2021

COMENTÁRIOS. **Atenção Esquerdistas, continuem assim, fazendo de tudo para reeleger nosso Presidente!** 08 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2643580955942660>. Acesso em: 01 ago. 2021.

COMENTÁRIOS. **Já pensaram o escândalo de nossa imprensa, se isso tivesse sido dito pelo Presidente Jair Bolsonaro? Agora como foi o financiador do sistema quem disse, o silêncio prevalece!** 09 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2644056472561775>.

Acesso em: 01 ago. 2021.

COMENTÁRIOS. **Porque as pessoas que não prestam odeiam o Bolsonaro?** 06 mar. 2021. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/posts/305131900114500>. Acesso em: 01 ago. 2021

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PERUANA. 114° **Asamblea Plenaria del Episcopado Peruano: Mensaje de los Obispos del Perú ante la crisis política.** 2019. Disponível em: <https://iglesia.org.pe/2020/06/22/documentos-2019/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

CORREIA, Sônia. “A categoria mulher não serve mais para a luta feminista”, entrevista. **Sur** 24, v. 13, n.24, 2016.

COSTA, J. F. A. Quem é o “cidadão de bem”? **Psicologia USP**, v. 32, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/wZ8DHtsYrgSc7tTZKJZSszS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C.. **RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina.** 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Data de acesso: 02 Ago. 2021.

CRISTÃOS CONSERVADORES DE SOROCABA. **Não é de hoje que Cristão sofrem perseguição religiosa travestida de LGBTfobia!** 17 jun. 2020. Facebook: @CristaosConservadoresSorocaba. Disponível em: <https://www.facebook.com/CristaosConservadoresSorocaba/posts/2977229625706531>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Alerta Importantíssimo.** 18 out. 2020. Facebook: @CristaosConservadoresSorocaba. Disponível em: <https://www.facebook.com/CristaosConservadoresSorocaba/posts/3329870393775784>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DATAFOLHA. **44% dos evangélicos são ex-católicos. Uol. São Paulo, 28 dez. 2016.** Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política.** São Paulo: Boitempo, 1984.

DESESQUERDIZANDO SOROCABA. **Sem título.** 08 jan. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em:

<https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/photos/2729118940542503>.
Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Se já não bastasse ser um esquerdopata, agora tem que passam vergonha em publico.** 09 fev. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/2795991883855208>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. **Direita Sorocaba!! PSL Hoje na cidade de Sorocaba é um partido 100% esquerdista. Assume a prefeita ESQUERDISTA JAQUELINE COUTINHO onde coloca em cargos públicos marido da Vereadora petista lara Bernardi, enche a Sedu com esquerdistas e permite a pregação de ideologia de gênero para seus filhos nas escolas. É isso que você quer para Sorocaba nos próximos 4 anos?** 22 mar. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/2886044678183261>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Sem título.** 19 maio 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/photos/3022159634571764>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Meninas, se o seu namorado reclama do "gabinete do ódio", ele provavelmente também tem namorado.** 30 maio 2021. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3046074542180273>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **": Vai chegar um dia em que vão criminalizar o cristianismo. o primeiro passo já deram, tornaram cristãos cidadãos em bandidos..** 30 jun. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3126579637463096>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. **De acordo com a natura, esse é o pai do ano! Falta de respeito com os homens que realmente são Pais de verdade!!! Sem essa de dizer que thamy é melhor que qualquer pai, isso é papo furado, conversinha para inversão de valores. Do mesmo jeito que existe pai ruim, também existe mãe ruim! Mas, isso não vem ao caso, até mesmo por que não se pode generalizar! Ela (Feminino), thamy, não representa a figura masculina, ela tem que representar sua classe: os trans! Tô nem aí para opção sexual alheia, só não venha me dizer que uma trans, pode representar um homem, pq não pode e ponto final! Não aceito e nunca irei aceitar essa desconstrução da família tradicional, essa inversão de valores! Uma pessoa não abandona seu filho simplesmente por que é homem ou mulher, ou por que é branco, preto ou amarelo, ou por que é conservador. Isso nada tem a ver com gênero, cor ou raça, mas sim**

caráter! Se quiser discutir, vá estudar Citogenética e prove que existe um terceiro tipo de cromossomo na determinação do sexo sem mimimi!! O que mantém o equilíbrio da humanidade são os conservadores. Quem concorda com essa situação é por que já tem sua mente cauterizada pelo Maligno. Minha opinião é essa, doa a quem doer!!!! #NaturaNão. 30 jul. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3209247199196339>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Parabéns Rainha dos baixinhos, além de loira e linda vem fazendo um excelente trabalho em defesa das nossas crianças, a verdadeira Rainha... Antônia Fontenelle. A outra é só a Xuxa que não tem moral nem com a Globo Lixo, quem dirá com a sociedade!** <https://portalbr7.com/.../apos-apoiar-felipe-neto-xuxa-e.../>. 31 jul. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3213725292081863>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **E ai Sorocabano, vai de PSOL?** 26 out. 2020. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3471821159605607>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DESESQUERDIZANDO SOROCABA. **Alerta Importantíssimo.** 18 out. 2021. Facebook: @DesesquerdizandoSOR. Disponível em: <https://www.facebook.com/DesesquerdizandoSOR/posts/3450081585112898>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DINIZ, Débora. **A pauta prioritária de Bolsonaro no Congresso Nacional tem de arma em casa e na rua para mais gente; crianças em ensino domiciliar; perseguição a pedófilos; vantagens para agronegócios até perseguição aos povos indígenas. A perversidade parece complexa, mas não é. Segue a mesma lógica paranoica do patriarca que amplifica o medo para justificar a truculência. Por isso armas e pedófilos estão na mesma agenda: o patriarca espalha o pânico para justificar seu abuso de poder. Inclusive de ser ele mesmo um violentador sexual de crianças ou mulheres.”.** 04 fev. 2021. Instagram: @debora_d_diniz. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CK5N8R5lky4/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DIREITA SOROCABA. **Cenário atual do nosso Brasil!** 09 mar. 2020. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/posts/504014326892922>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **URGENTE!!! Prefeita de Sorocaba é diagnosticada com o pior vírus do mundo!!!** 04 jul. 2020. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/posts/570003840293970>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Gente, só pode ser kkkkkkkk.** 05 set. 2020. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/page/114762645818094/search/?q=Gente%2C%20s%C3%B3%20pode%20ser%20kkkkkkkkk>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Alguém já viu feminista bonita?** 2021. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/posts/489271411700547>. Acesso em: 01 ago. 2021.


_____. **Foi só o presidente falar em voltar ao trabalho que os esquerdistas surtaram...** 25 set. 2020. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Protocolei recentemente três Projetos de Lei, o Escola Sem Partido, o de Combate à Erotização Infantil e o que regulamenta o Ensino Domiciliar. Desde 2010 venho lutando contra a doutrinação ideológica e agora como seu vereador, vou continuar defendendo nossas crianças. Acompanhem meus trabalhos. Se inscreva em meu Canal do Telegram: <https://t.me/dylandantas>.** 20 jan. 2021. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/posts/697300964230923>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. **Não poderia deixar passar batido essa aqui, para começar bem o mês de Fevereiro. #ForaDoria.** 31 jan. 2021. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/SorocabanaDireita/posts/702792680348418>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DIREITA SOROCABANA. **Hauhaauahhaahauahauh.** 31 dez. 2018. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2027454914221937>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. **O PT envergonha Sorocaba novamente.** 10 out. 2019. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2209623339338426>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Michelle Bolsonaro** . 03 set. 2019. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2181473325486761>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Indivíduo preguiçoso e fracassado que inconformado com os resultados dos seus poucos esforços, mas sem nenhuma iniciativa para superar suas limitações, prefere jogar sobre a sociedade, a culpa do seu próprio fracasso. Incapaz de admitir seus erros, cultiva a crença de que**

todos tem alguma dívida para com ele, passando então a cobiçar dos outros, tudo aquilo que ele acredita merecer, mas não teve a capacidade de conquistar. 29 dez. 2020. Facebook: @SorocabanaDireita. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/photos/2612227572411332>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Nosso total repúdio aos Esquerdistas que estão comemorando a legalização do assassinato de fetos na Argentina! São contrários a pena de morte, mas defendem o aborto! É impossível entender o que se passa na cabeça desse povo.** 31 dez. 2020. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2613614312272658>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. 😏😏😏. 19 jan. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/photos/2628387490795340>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **#CésarAlmeida.** 02 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2639569759677113>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. **Vinicius Aith jantou a esquerdista** 😏😏😏. 05 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2641356102831812>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **O jornalismo brasileiro morreu, temos apenas militantes esquerdistas agarrados em cabides de emprego!** 06 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/photos/2642057819428307/>. Acesso em: 01 ago. 2021

_____. **Atenção Esquerdistas, continuem assim, fazendo de tudo para reeleger nosso Presidente!** 08 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2643580955942660>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **PT financiou defensores da pedofilia! #EsquerdaFede.** 09 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em: <https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2644248875875868>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Já pensaram o escândalo de nossa imprensa, se isso tivesse sido dito pelo Presidente Jair Bolsonaro? Agora como foi o financiador do sistema quem disse, o silêncio prevalece!** 09 fev. 2021. Facebook: @DireitaSorocabana. Disponível em:

<https://www.facebook.com/DireitaSorocabana/posts/2644056472561775>.
Acesso em: 01 ago. 2021.

DOUGLAS, M. **Purity and danger**: An analysis of concepts of pollution and taboo. New York: Praeger, 1966

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

DUVIVIER, Gregório. **Prólogo**. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). Ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 39-43. E-book.

EL PAÍS. **MENINA DE 10 ANOS VIOLENTADA FAZ ABORTO LEGAL, SOB ALARDE DE CONSERVADORES À PORTA DO HOSPITAL**. São Paulo, 16 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-16/menina-de-10-anos-violentada-fara-aborto-legal-sob-alarde-de-conservadores-a-porta-do-hospital.html>. Acesso em: 01 ago. 2021.

ERA, **The Equal Rights Amendment and you**. United States of America :National Education Association, 1967. Disponível em: < <https://www.equalrightsamendment.org/>> Acesso em 02 de agosto de 2021

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017

_____. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019

FERNANDES, Jean Lucas Macedo. **Bases sociais e eleitorais dos partidos conservadores no Estado de São Paulo (1982-2016)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017

IORE, Danilo Cesar. **Bases sociais e interiorização**: o predomínio eleitoral do PSDB paulista (1994-2014). Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo, 2016

FLORES, Maria Bernardete Ramos. O pensamento antifeminista: a querela dos sexos. **História revista**, v.9, n.2, jul. 2004.

FRANÇA, Matheus. **Vozes antifeministas nas redes sociais: uma análise de conteúdo**. Brasília: Uniceub, 2018.

FRASER. Nancy. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 17 - Nº 40 - Set./Dez. de 2018.

G1. **MP quer a retirada imediata de totem religioso da entrada de Sorocaba**, SP. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2013/06/mp-quer-retirada-imediata-de-totem-religioso-da-entrada-de-sorocaba-sp.html>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **MPPE abre inquérito para investigar padre após denúncia de 'LGBTfobia' durante missa.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/10/15/mppe-abre-inquerito-para-investigar-padre-apos-denuncia-de-lgbtfobia-durante-missa.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Polícia investiga vereador por questionar trans na presidência do Conselho da Mulher de Sorocaba.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2021/05/21/policia-investiga-vereador-por-questionar-trans-na-presidencia-do-conselho-da-mulher-de-sorocaba.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2021.

_____. **Brasil chega à marca de 500 mil mortes por Covid. 2021.** Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/19/brasil-chega-a-marca-de-500-mil-mortes-por-covid.ghtml>. Acesso em: 01 ago. 2021

GALLEGO, Esther Solano. **Apresentação.** In: GALLEGO, Esther Solano (org.). *Ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 69-138. E-book.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Movimentos sociais no campo da diversidade sexual e igualdade racial na região de Sorocaba. In: MARTINS, Marcos Francisco (org.). **HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA REGIÃO DE SOROCABA: ORIGENS, CONQUISTAS E DESAFIOS.** Holambra: Editora Setembro, 2012. p. 313-318.

GASPAR, Gabriel Rocha. Brancos, sangrem conosco. In: **De bala em prosa: vozes da resistência ao genocídio negro.** São Paulo: Editora Elefante, 2018.

GATTI, Márcio Antônio; MENDONÇA, Viviane Melo de. O estereótipo e a necessidade de (contra)dizer em tempos de conservadorismo político-religioso. **LAPLAGE EM REVISTA**, v. 4, p. 81-91, 2018.

GONÇALVES, Júlio; GONZALEZ, Jorge Luis Cammarano. Escola política e poder local: antecedentes do primeiro ginásio público de Sorocaba. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.27, p.179 –199, set. 2007. Disponível em <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5010/art15_27.pdf> Acesso em 25 de novembro de 2020

GUEDES, P. Guedes critica Fies e diz que programa bancou até "filho de porteiro" que "zerou vestibular". S.L.: **O Povo Online**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAoJzTb83gE>. Acesso em: 01 ago. 2021.

GUEDES, P. **Guedes: 'Empregada doméstica indo para Disney, uma festa danada'.** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bLGlC4cVP8Q>. Acesso em: 01 ago. 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

hooks,bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Editora Elefante, 2019

HULL, Gloria. **But some of us are brave: all the women are white, all the blacks are men:** black women's studies. Nova Iorque: The Feminist Press, 1982.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010

_____. **USO DE INTERNET, TELEVISÃO E CELULAR NO BRASIL.** 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 01 ago. 2021.

IPANEMA, Jornal. Presidente trans sobre Luís Santos: “fala do pastor só reforça preconceito e violência”. **Jornal Ipanema.** Sorocaba. 26 jun. 2019. Disponível em: <http://jornalipanema.com.br/n/?url=noticia/presidente-transsobre-luis-santos-fala-do-pastor-so-reforca-preconceito-e-violencia>. Acesso em: 26 nov. 2020.

IPANEMA, Jornal. Bem votadas: cresce número de votos para vereadoras de partidos de esquerda em Sorocaba. **Jornal Ipanema.** Sorocaba. 17 nov. 2020. Disponível em: <http://jornalipanema.com.br/n/?url=noticia%2Fcresce-numerode-votos-para-vereadoras-de-esquerda-em-sorocaba-fbclid=IwAR001xoyhJle1jgBO2OAC8nY8XYG0Fxf9HZLgZW6LaN2rfmlbtTFYH2vA>. Acesso em: 26 nov. 2020.

JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo II às mulheres.** Portal do Vaticano, 29 de junho de 1995. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html. Acesso em: 01 ago. 2021

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. **Sete vereadores eleitos são ligados a doutrinas religiosas.** Sorocaba, 09 out. 2012. Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/425258/sete-vereadores-eleitossao-ligados-a-doutrinas-religiosas>. Acesso em: 26 nov. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449- 502, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 jul. 2020

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino.** São Paulo: Boitempo, 2017.

KIMMEL, Michael S.A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas* * Trabalho traduzido por Andréa Fachel Leal. Este trabalho foi originalmente apresentado no Seminário Masculinidades y Equidad de Genero en América Latina, FLACSO, Santiago, Chile, Junho de 1998. Uma versão em

espanhol deste texto será publicada no livro com o mesmo título, organizado por Teresa Valdes e com o suporte de FLACSO e UNFPA, Santiago, Chile, 1998. **Horizontes Antropológicos [online]**. 1998, v. 4, n. 9 [Acessado 1 Agosto 2021] pp. 103-117. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>>

KRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, pp. 139- 167, 1989.

LAQUEUR, Thomas. **Making sex: body and gender from Greeks to Freud**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

LEITE, Vanessa. Em defesa das crianças e da família: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** Rio de Janeiro [online]. 2019, n. 32 [Acessado 19 Outubro 2021] , pp. 119-142. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.07.a>>. Epub 09 Set 2019. ISSN 1984-6487. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.07.a>.

LIMA, Isabelly Cristiany Chaves; LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A retórica do “cidadão de bem” no discurso de Jair Bolsonaro: um presidenciável em construção. **Periódicus**, n.12, v.1, p.404-428, 2019

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997

LUGONES, Maria. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento Feminista Hoje – perspectiva decolonial**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACHADO DE CAMPOS, M. ; CABRAL, L. R. . Uma arma na mão e Jesus no coração: circulação e aspectos formulaicos do sintagma 'cidadão de bem'. **VERBUM - Cadernos de Pós Graduação** , v. 8, p. 78-98, 2019.

MACHADO, Lia Zanotta. O aborto como direito e o aborto como crime: o retrocesso neoconservador. **Cadernos Pagu [online]**. 2017, n. 50 [Acessado 1 Agosto 2021] , e17504. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201700500004>>

MACHADO, Maria das Dores Campos. O neoconservadorismo cristão no Brasil e na Colômbia. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 83-135.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 13, n. 3, p. 483-505, Dec. 2005 .

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de julho 2019.

MARKHAM, Annette N. Internet in qualitative research. In: GIVEN, L.M. (ed) **The sage encyclopedia of qualitative research methods**. Thousand Oaks, California: Sage, 2008

_____. Ethic as method, method as ethic. **Journal of information ethics**, vol 15, n.12, 2006

MARQUES, Teresa Cristina de Novais. **O voto feminino no Brasil**. Brasília: Edições Câmara, 2019

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MATTHEIS, Ashley A. Shieldmaidens of Whiteness: (Alt) Maternalism and Women Recruiting for the Far/Alt-Right . **Journal for Deradicalization**, North Carolina, v.1, n.17. Dec 2018. Disponível em: <<https://journals.sfu.ca/jd/index.php/jd/article/view/177>> Acesso em: 28 de julho de 2020

MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridadas. **Psicologia & Sociedade [online]**. 2012, v. 24, n. 1 [Acessado 1 Agosto 2021], pp. 197-207. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100022>>.

MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado; SILVA, Jussara de Souza Lima da. Porque nem toda feiticeira é corcunda: sentidos sobre o ser bruxa/ser mulher em filmes infantis e infantojuvenis. **Intexto**, Porto Alegre, RS, p. 106691, jun. 2021. ISSN 1807-8583. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/106691>>. Acesso em: 01 ago. 2021. doi:<https://doi.org/10.19132/1807-8583202152.106691>.

MENDONÇA, Viviane Melo de. O Plano Municipal de Educação e a Ideologia de gênero: cenas e discursos da mídia e a discriminação de jovens LGBTTnas escolas. **ITINERARIUS REFLECTIONIS (UFG. IMPRESSO)**, v. 13, p. 4-21, 2017.

_____. GRAFITES QUE (CONTRA)DIZEM: GÊNEROS E SEXUALIDADES NA POLIFONIA DA CENA URBANA. **Psicologia & Sociedade [online]**. 2020, v. 32 [Acessado 1 Agosto 2021] , e226483. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32226483>>.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. NÃO APENAS EM NOME DE DEUS: DISCURSOS RELIGIOSOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 28, n. 1, p. 105-114, abr. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100105&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 nov. 2020.

MIGUEL, Luís Felipe. **A reemergência da direita brasileira**. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). Ódio como política. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 140-346. E-book.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos (Natal. Impresso)**, v. 12, 2011.

NASCIMENTO JÚNIOR, Wanderley dos Reis. **A amplitude da maré rosa: uma análise das experiências de governo no Brasil, Chile e Uruguai**. 2017. p. 184. (Dissertação de Mestrado) Integração Contemporânea da América Latina, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2017.

OLIVEIRA, **Alcilene Cavalcante de**. O movimento Católicas pelo Direito de Decidir na América Latina: experiências em prol dos direitos sexuais e reprodutivos, **e-cadernos CES [Online]**, 04 | 2009, publicado a 01 junho 2009, consultado a 01 agosto 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/240>.

OLIVEIRA, Cleide Ester de et al . A construção do pânico moral a partir das questões de gênero e sexualidades nos discursos ultraconservadores no Brasil. **Ex aequo**, Lisboa , n. 41, p. 27-44, jun. 2020 . Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602020000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 out. 2021. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.02>.

OMS. **Folha informativa sobre COVID-19**. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PAIVA, Vera. **Evas, Marias e Liliths as voltas do feminino**. São Paulo: Brasiliense, 1989

PARKER, Richard G. Reflexões sobre a sexualidade na sociedade latino-americana: implicações para intervenções em face do HIV/AIDS. **Physis: Revista de Saúde Coletiva [online]**. 1997, v. 7, n. 1 [Acessado 1 Agosto 2021] , pp. 99-108. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73311997000100005>>.

PERUCCHI, J. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição de corpos na contemporaneidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 19, p. 26-45, dez. 1987.

PIMENTEL, Sílvia; VILLELA, Wilza. Um pouco da história da luta feminista pela descriminalização do aborto no Brasil. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 64, n. 2, p. 20-21, June 2012. Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Aug. 2021.

PINTO JÚNIOR, Arnaldo. **A invenção da “Manchester Paulista”**: embates culturais em Sorocaba, 1903-1914. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PITANGUY, Jaqueline. A carta das mulheres brasileiras aos constituintes: memórias para o futuro. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

PORTAL BR7,. Após **apoiar Felipe Neto, Xuxa é criticada por Antônia Fontenelle**: “Eu custei a acreditar que tipo de pessoa você é”. 2020. Disponível em: <https://www.portalbr7.com/2020/07/31/apos-apoiar-felipe-neto-xuxa-e-criticada-por-antonia-fontenelle-eu-custei-a-acreditar-que-tipo-de-pessoa-voce-e/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PRIOSTE, Claudia Dias. **O adolescente e a internet**: laços e embaraços no mundo virtual. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

RAMOS, Hans Magno Alves. O CIDADÃO DE BEM E A FILOSOFIA MORAL DE KANT. **Revista Poiesis**, v.13, n.2, p.03-16, 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/article/view/1675>. Acesso em 01 ago. 2021

RANCIÈRE, J. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014

RANGEL, Patrícia; DULTRA, Eneida Vinhaes Bello. Engolidas pela onda azul: um ensaio sobre a retração de direitos das mulheres no contexto pós impeachment de Dilma Rouseff. Plural - **Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 133-154, 2019. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2019.159747. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159747>. Acesso em: 25 nov. 2020.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

ROMACINI, Richard. A ética da pesquisa na rede. In: LINHARES, Ronaldo Nunes; FERREIRA, Simone de Lucena (Orgs.). **Educação a Distância e as Tecnologias da Inteligência**: novos percursos de formação e aprendizagem. Maceió: EDUFAL, 2011

RONDINI, Carina Alexandra, TEIXEIRA, Fernando Silva e TOLEDO, Livia Gonsalves. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. **Psicologia USP [online]**. 2017, v. 28, n. 1 [Acessado 1 Agosto 2021], pp. 57-71. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-656420140011>>.

RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the “political economy” of sex. In: RAYNA Reiter. **Toward an Antropolgy of Women**. New York: Monthly View Press, 1975.

_____. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade** (F. B. Martins Fernandes, trad., M. Pillar Grossi, rev.). Recuperado em 02 ago., 2012, <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>.

RUSSEL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2019.

SAMPAIO, Ariane Silva da Costa. Feminismo e antifeminismo no facebook: a representação do sujeito mulher. In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2019, Recife. *IX SEAD - 2019: A Análise do Discurso e suas condições de produção*, 2019.

SANTOS, Luís. Pastor e vereador debate caso com presidente de Associação Trans. Roteiro: Pastor Luís Santos. Sorocaba: **Portal Ipa Online**, 2019. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KZBQTn-45VU&feature=youtu.be>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SATTLER, Janyne. Políticas de golpe - sobre o poder de voz e o poder de silenciamento. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 52, jan.-abr. 2020, Natal. [Acessado 1 Agosto 2021], pp.88-113. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/19668>>

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2008, v. 16, n. 2 [Acessado 1 Agosto 2021], pp. 675-680. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200023>>.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SHOWALTER, Elaine. **The female malady: women, madness and English culture**. New York: Pantheon books, 1985.

SILVA, Ivanilson Bezerra. Júlio Ribeiro: leitura sobre a trajetória de um intelectual maçom e protestante na cidade de Sorocaba na segunda metade do século XIX. **Revista Confluências Culturais**, v.1, n.1, set. 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5113113.pdf>>. Acesso em 25 de novembro de 2020

SILVA, Francisco Veira . O show da cruzada antifeminista: algumas ponderações sobre os discursos misóginos das redes sociais. **Revista Redisco** , v. 13, p. 76-87, 2018

SILVA, Mariana Martha de Cerqueira. Centro Cultural Quilombinho: luta de criança é luta de gente grande! In: MARTINS, Marcos Francisco (org.). **HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA REGIÃO DE SOROCABA: ORIGENS, CONQUISTAS E DESAFIOS**. Holambra: Editora Setembro, 2012. p. 191-198.

SILVA, Sergio Gomes da. Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 8-15, Sept. 2000. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003&lng=en&nrm=iso>. access on 25 May 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932000000300003>.

SIMÕES, R.; AMARAL, P. V. Interiorização e novas centralidades urbanas: uma visão prospectiva para o Brasil. **Revista Economia**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 553-579, set./dez. 2011

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 591-612, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300008&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2020.

SOROCABA. **Lei Ordinária 11598**. Sorocaba, 2017.

SOUZA, Vitória Diniz. “Mulheres uni-vos!”: O movimento feminista e suas primeiras manifestações no Brasil (1832-1934). **Bilros**, Fortaleza, v. 6, n. 13, p. 54-74, set.-dez., 2018.

TELES, Edson. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **Ódio como política: a reinvenção das direitas no brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 1005-1120. E-book.

TIBURI, Márcia. **Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação**. Rio de Janeiro: Record, 2019

_____. Pós-verdade, pós-ética: uma reflexão sobre delírios, atos digitais e inveja. In: DUNKER, Christian. (org). **Ética e pós verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; SATO, Leny (org.). **Diálogos em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2012. p. 168-190.

TONG, Rosmarie; BOTTS, Tina Fernandes. **Feminist Thought: a more comprehensive introduction**. New York: Routledge, 2018.

TRUTH, Sojourner. **Ain't I a woman?**. (Discurso) Women's Rights Convention, Old Stone Church (since demolished), Akron, Ohio, 1851.

UOL. ASSESSORES DO "GABINETE DO ÓDIO" ADMITEM ATUAR NA COMUNICAÇÃO DO GOVERNO. Rio de Janeiro, 08 jun. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/08/gabinete-do-odio-bolsonaro.htm>. Acesso em: 01 ago. 2021

VAGGIONE, Juan Marco. A restauração legal: o neoconservadorismo e o direito na América Latina. In: BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 41-82.

VEJA. Marcela Temer: bela, recatada e "do lar". bela, recatada e "do lar". 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 01 ago. 2021.

VERMELHO, Sônia Cristina et al. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação & Sociedade [online]**. 2014, v. 35, n. 126 [Acessado 1 Agosto 2021] , pp. 179-196. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011>>

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman**. New York: W.W. Norton, 1975

ZAGO, Luiz Felipe; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. Corpo, gênero e sexualidades gays na corda bamba ético-metodológica: um percurso possível de pesquisa na internet. **Cronos (Natal. Impresso)**, v. 12, p. 39-56, 2011.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos**: Cultura e Processos de Subjetivação. Curitiba: Appris, 2018

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Blog de Ciências da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**. v.7, n.2, p.10-31, 2021

ZIZEK, Slavoj. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012